

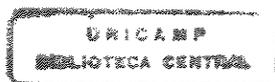
Danilo de Oliveira Nascimento.

**Dossiê Sérgio:**  
**O Ateneu como romance de formação.**

Dissertação apresentada ao Curso de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Eugênia Boaventura.

Unicamp  
Instituto de Estudos da Linguagem  
2000.



UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE

danilo15882

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	T/Unicamp
	N17d
V. Ex.	
TOMBO BC	42757
PROC.	16/278100
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREC.	RS 11,00
DATA	18/10/00
N.º CPD	

CM-00144279-1

## FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

N17d

Nascimento, Danilo de Oliveira

Dossiê Sérgio: o Ateneu como romance de formação / Danilo de Oliveira Nascimento. - - Campinas, SP: [s.n.], 2000.

Orientador: Maria Eugênia Boaventura

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Pompeia, Raul, 1863-1895. 2. Literatura brasileira - Romance. 3. Crítica literária - Ficção - Brasil - Sec. XIX. 4. Adolescentes na literatura. I. Boaventura, Maria Eugênia. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Eugênia Boaventura.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Orna Messer Levin.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Isabel Margato.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vilma Arêas.

Campinas, 23 de março de 2000.

Este exemplar é a redação final da tese  
defendida por Janilo de Oliveira  
nasimento.

e aprovada pela Comissão Julgadora em  
31,08,2000.

---

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE

*Dedicatória:*

*A Hehalot.*

*Especialmente aos meus pais Daniel e Dalva, e aos meus irmãos Alessandra, Marcelo e João Marcos (in memoriam).*

*A Raul Pompéia, na esperança de não ter deformado sua obra-prima.*

*Agradecimentos:*

*À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos;*

*Às professoras Maria Eugênia Boaventura, Orna Messer Levin e Vilma Arêas ( IEL - UNICAMP) pelas críticas e orientações no desenvolvimento dessa dissertação;*

*Ao Departamento de Letras do Campus Universitário de Rondonópolis (UFMT), especialmente aos professores Deusa Fonseca Raposo, Soraia Lima Arabi, Laércio Pulzatto, Maria Rosa Petroni e Francelli;*

*A todos os meus colegas de graduação, especialmente Rosiane Cristina Gonçalves Braga e Vilma Campos que acreditaram na realização desse projeto, oferecendo todo apoio possível e necessário;*

*A todos colegas do IEL que direta ou indiretamente me auxiliaram na realização do mesmo: Ana Cláudia Fidelis, Adriana Silene, Alixandra Gomes, Milena Ribeiro Martins, Marco Fontanella, Celdom, e com afeição a Valéria Augusti.*

*A Aurora Reis Silva e família;*

*A. Angélica Fernandes;*

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE

## Sumário

Apresentação.....	07
<b>Capítulo 1: Sérgio, colega de Wilhelm Meister?</b>	
1.1.O legado de Wilhelm Meister.....	14
1.2.A apropriação do termo Bildungsroman.....	15
1.3.O Ateneu e a tradição do Bildungsroman.....	22
<b>Capítulo 2: A Fina flor da sociedade brasileira.</b>	
2.1.Conspiração contra os inocentes.....	29
2.2.Sérgio de Pompéia ou os vários sentidos de Sérgio.....	36
<b>Capítulo 3: Colégio para meninos.</b>	
3.1.De um desejo, o rudimento de um rito.....	43
3.2.A simbologia do rito de passagem de Sérgio.....	46
3.3.Laços de Família.....	48
3.4.O Teatro do Mundo.....	54
3.4.1.Um reino como representação e vontade.....	56
<b>Capítulo 4: Programa do Pequeno mártir ad majorem gloriam.</b>	
4.1.A Glória do Ateneu.....	71
4.2.As mãos da Minerva Benigna.....	76
4.3.Os cem olhos de Aristarco.....	80
4.4.A função do colégio e fazer esquecer o próprio sexo.....	84
4.5.Um indivíduo lasso e solitário.....	91
<b>O Monopólio da mágoa.....</b>	102
<b>Bibliografia.....</b>	107
<b>Abstract.....</b>	120

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE

## Resumo.

O trabalho analisa *O Ateneu* baseado na acepção tradicional do Bildungsroman ( romance de formação), cujo paradigma é *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (Goethe). Este tipo de romance ressalta o aperfeiçoamento humano e tem sido considerado como gênero literário.

O termo Bildungsroman foi incorporado ao léxico brasileiro por Massaud Moisés no *Dicionário de Termos Literários*, que o define como uma narrativa que lida com a experiência dos personagens vivida durante a educação ou os anos de formação. Fábio Lucas reconhece *O Ateneu* como um romance de formação de grande expressão nacional.

Como um programa narrativo, o Bildungsroman considera o desejo do herói pela formação, a substituição da casa paterna pelo universo formativo, o encontro com tutores, e a trajetória formativa do protagonista como uma maneira de entender e enfatizar sua formação e desenvolvimento.

Assim este trabalho tem o objetivo de entender o caráter de Sérgio criança e, ao mesmo tempo o de Sérgio adulto. Nesta tentativa, também se enfatiza a idéia de *O Ateneu* incorporar intrinsecamente formação e deformação.

## **Apresentação.**

Publicado no ano de 1888 pelo jornal *A Gazeta de Notícias*, *O Ateneu* imediatamente situa-se em nossa tradição literária nacional, como romance ímpar, inovador e revolucionário. Estes adjetivos desdobram-se nas várias características intrínsecas do romance, bem como nos vários momentos de sua recepção crítica. Primeiramente ele irá revolucionar e inovar nossa tradição folhetinesca. Não se tratava, considerando a fama desse “gênero de fronteira” no século XIX, de mais um romance folhetim comercial, descartável e, portanto, feito exclusivamente para entreter os leitores. A obra resistiu a esse estado de coisas, denunciando sua natureza revolucionária (sua forma e conteúdo). Por isso, contribuiu, para a transformação do romance folhetim, e para a formação do romance moderno nacional.

A verdade é que o caráter inovador e revolucionário de *O Ateneu* encontra apoio e reforço em *A Gazeta de Notícias*, jornal popular e ousado, cujo objetivo era penetrar em todos os lares, sendo vendido a 40 réis o número. O jornal de Ferreira de Araújo que trouxe grandes reformas às técnicas de composição do jornal no país, ao anunciar a publicação dessa obra e apresentá-la ao público leitor, elabora o primeiro texto de sua fortuna crítica ao tentar definir de forma coerente o seu perfil:

*O romance é vasado em moldes inteiramente modernos, sem intriga, de pura observação e fina crítica, passando pelas escabosidades com a delicadeza e o fino tacto de um artista de raça, accentuando os ridículos com a nitidez de uma photographia. Trata-se das memórias do tempo que passou em um internato moderno, escriptas por um rapaz no pleno desenvolvimento de sua razão, e de posse de conhecimentos que lhe permitem vêr o bojo vasio da falsa sciencia pedagogica. As primeiras impressões, elle as dá tal qual as recebeu, com todo o brilho de lantejoulas da exterioridade apparatusa das réclames de um pedagogo; mas, logo em seguida, o chronista faz a crítica do que viu e sentiu, do que lhe ensinaram e de como lhe ensinaram. Não há no livro propriamente personagens reaes, copiados in totum de um modelo único; mas não há fatos inventados, nem scenarios da phantasia. Tomado traços d'aqui e d'ali, o auctor harmonizou-os com grande talento, de modo a fazer viver os seus personagens. Por vezes, um sopro de poesia de bom quilate anima as paginas do livro; logo depois, os traços de uma erudição solidamente adquirida revelam o conhecimento que tem o escriptor o dos modernos processos e o criterio com que applica. Por sobretudo isto, grandes bellezas de estilo, severo escrupulo na forma, que constitue a um tempo a honestidade e a elegância da obra d'arte, e o mais meticoloso cuidado em abordar os assumptos escabrosos, de um modo que a própria familia do escriptor possa ler e confessar que leu o seu trabalho. Quem encontrar n'este*

*livro personagens a que dê um nome conhecido, calúnia o auctor, ou mostra desconhecer o que é um trabalho artistico; traços d'esta ou d'aquela individualidade, isto sim, isso fez o auctor, e o declara. Ao público, aos homens das letras, aos amadores das artes, entregamos confiadamente este trabalho, certos de que colherá os applausos que merece.”(apud PONTES, p. 190.)*

Comparando-se a vasta produção literária de Raul Pompéia, *O Ateneu* torna-se o mais digno aos olhos da crítica. Os vários artigos, ensaios, livros e teses acadêmicas evidenciam o fascínio e a sedução que ele exerce. No entanto, aquela tentativa do jornal de delimitar o sentido estético e ideológico do romance parece sucumbir à sua complexidade de criação literária, e tem sido, por isso mesmo, objeto das mais variadas concepções e aceções de ordem estética e literária, algumas amplamente refutadas, contudo resistentes.

É resistente, ao longo da sua recepção crítica, por exemplo, a concepção do romance como naturalista, cujos principais propagadores foram Silvio Romero (1888), José Veríssimo (1954), Nelson Werneck Sodré (1960) e Mário de Andrade (1973), segundo os padrões de Zola ou do fenômeno Basilismo desencadeado pelo romance de Eça de Queirós, *O Primo Basílio*; ainda a definição romance impressionista conforme Afrânio Coutinho (1970) e Sônia Brayner (1974) seguindo os padrões dos irmãos Goncourts, ou influenciado pela teoria das correspondências de Baudelaire; romance “quase autobiográfico” ou autobiografia segundo os seus principais biógrafos Elói Pontes e Broca Brito; romance memória e romance psicológico nas aceções de Araripe Júnior (1888) e de Olívio Montenegro (1953).

Ainda há três trabalhos que comentam e discutem com profundidade a história e o desenvolvimento da fortuna crítica de *O Ateneu*: a tese de Maria Luiza Ramos, *Psicologia e Estética de Raul Pompéia*(1957), especificamente *Posições da Crítica*; um outro é *Raul Pompéia: o desastre universal* capítulo que compõe o livro de Ledo Ivo, *Teoria e Celebração*(1976). Nele, o autor comenta e critica os erros e a indisposição da crítica literária brasileira em situá-lo coerentemente dentro da tradição literária nacional.

Para finalizar essa breve sinopse sobre a história da fortuna crítica de *O Ateneu*, remetemos à revista *Remate de Males* (1995) publicada pela UNICAMP, reunindo os mais recentes textos oficiais sobre o autor e a obra, dentre os quais

destacamos o artigo de Fábio Lucas *As várias faces de Raul Pompéia* que, além de restabelecer considerações várias sobre o romance, faz-se original ao indicá-lo pela primeira vez como o nosso Bildungsroman de maior expressão nacional. Ressalta, ainda, alguns aspectos sobre esse tipo de romance e introduz uma breve argumentação no intuito de respaldar essa denominação. No entanto, entendemos que o romance comporta outros elementos que podem auxiliar-nos em sua compreensão à luz do romance de formação clássico. Estes dizem respeito tanto à recepção crítica do romance quanto ao seu conteúdo propriamente dito.

Apesar de a maior parte dos textos críticos sobre a obra enfatizarem aspectos de ordem estética e literária, nota-se que o tema da formação e do desenvolvimento do protagonista é sempre considerado. Possivelmente os artigos de Araripe Júnior publicados entre vinte um de dezembro de mil oitocentos e oitenta e oito a onze de janeiro de mil oitocentos e oitenta e nove no jornal *Novidades* representem a maior força dessa circunstância.

Na verdade, o próprio Raul Pompéia não esconde sua preferência, gosto ou “obsessão” por alguns temas em sua produção literária (especialmente nas novelas e contos). A criança ou a puberdade são temas notavelmente recorrentes e, nesse sentido, não podemos deixar de mencionar o romance *Agonia*, escrito entre 1889 e 90, até hoje inédito, obra considerada por Rodrigo Otávio (1978) (talvez o único leitor que a ele teve acesso) uma réplica de *O Ateneu*, pois trata-se da história sentimental de uma adolescente.

É essa preferência pelo tema da puberdade, se assim podemos inferir, que também o coloca em posição privilegiada dentro de nossa tradição literária. Ao lado de Machado de Assis (*Dom Casmurro*), Raul Pompéia (*O Ateneu*) será um dos primeiros romancistas brasileiros a aprofundá-lo psicologicamente, ao ponto de a observação e a análise do período de internato do protagonista se confundir com a experiência do autor a respeito desse tipo específico de sistema educacional, sendo, portanto, tomado muitas vezes como obra autobiográfica.

Especificamente, o interesse em ressaltar essa peculiaridade do romance visa tentar entender o caráter formado do narrador ao se manifestar com respeito à infância e à educação infantil. De outro modo, entendemos que é possível considerar todo o discurso

de Sérgio adulto no enalço de tentarmos vislumbrar a forma como eram tratadas as crianças brasileiras no século XIX e, sobretudo, quais os objetivos e interesses sociais e educacionais.

Além disso, encontramos mais outras duas particularidades fundamentais na classificação de *O Ateneu* como romance de formação. A primeira refere-se à hipótese de que a obra comporta francamente sua teoria sobre romance de formação; nesse sentido a narrativa do período de internato de Sérgio criança oferece “ilhas ensaísticas” (Ledo Ivo, 1976) ao leitor, ou seja, pequenas dissertações ou argumentações sobre determinados assuntos que “submergem” durante o ato narrativo. Dentre muitos citamos apenas os mais pertinentes: os discursos do Dr. Cláudio sobre a arte; o papel e o caráter da literatura brasileira; a condição social e política do Brasil; o sentido e a função da educação, ou mais especificamente do regime de internato na formação do caráter do indivíduo; o discurso do professor Venâncio sobre o sentido e a função gloriosa da educação moral e intelectual; o discurso do Dr. Aristarco sobre seu código moralizador; a missiva enviada pelo pai, de Paris, dissertando sobre a função e a influência do tempo na formação do caráter; e finalizando, as sentenças do narrador sobre alguns momentos marcantes de sua experiência de mundo. De certa forma, a trajetória escolar e o caráter de Sérgio criança se fundamentam nessas teorias.

A clara identificação de um percurso rumo à formação moral e intelectual do protagonista deve ser considerada como a segunda particularidade que nos aproxima da tradição do Bildungsroman, instaurada e consolidada pelo livro *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* de Goethe. Esta aproximação, do ponto de vista metodológico, confirma o seu reconhecimento como obra paradigmática. Em resumo, a proposta fundamental deste trabalho considera o seu programa narrativo ao destacar e analisar alguns aspectos referentes à formação de Sérgio criança.

O desejo do protagonista pela definição da sua individualidade dentro do universo escolar nos serve como ponto de partida para entender muitos fatores relacionados a sua formação: o problema da definição e do reconhecimento do indivíduo Sérgio: a criança, o adulto, o narrador e/ou o escritor; a revelação e a constituição do Mundo; os objetivos pessoais do pré-adolescente aliados ao problema da autoridade

paterna que sabe e que instrui; e a decodificação dos princípios e dos valores daquela sociedade. Portanto, tentamos demonstrar em muitos momentos deste trabalho que o desejo e as aspirações aparentemente ingênuos do protagonista traduzem o cenário social do Segundo Império.

Sobre isto é imprescindível considerar que as grandes expectativas e o deslumbramento de Sérgio diante de um universo mítico (suas sensações e impressões) servem de material para o narrador adulto que o reconstitui, tornando-o algo fugidio e deformado. Esta constatação (entre outras ) sustenta a posição de Afrânio Coutinho (1970) e de outros críticos ao destacarem *O Ateneu* como o romance impressionista mais significativo da tradição literária brasileira.

Admitindo esta acepção e tendo em mente a imagem de Pompéia como autor impressionista, parece-nos coerente considerar algumas das principais características do Impressionismo ao tratar da recordação do período de internato de Sérgio. Principal e determinante parece ser a idéia de que a concepção de mundo, sua essência, sua lógica e suas estruturas ficam à mercê das intenções e do estado do escritor/narrador. Ora como algo passível de ironia corrosiva, ora como fonte de revelação do estado de espírito e do caráter de ambos. Neste tocante, sua verdade é, num determinado momento, produto das suas emoções e da sua condição emocional, fato que ao ser considerado pode levar-nos ao entendimento do período de internato como uma sucessão dos estados de alma do menino e não das circunstâncias ou das situações formativas.

É esse trato emocionalizado das coisas (Brayner, 1974), ou melhor, do conhecimento e da constituição de mundo que traduz a própria intenção do autor: formar para deformar para destruir. Formação, deformação e destruição, no contexto romanesco, representam processos intimamente relacionados; sobretudo os processos de formação e deformação acontecem simultaneamente, são “feições duplas” de uma mesma individualidade.

Portanto, a recordação do itinerário de Sérgio criança, na definição de sua individualidade, manifesta também os vários caminhos e sentidos de deformação em *O Ateneu*. Essa é a grande chamada de *O Ateneu*, a conflituosa trajetória formativa de um pré-adolescente que se acentua através do sistema educacional fundamentado no código

moralizador do Dr. Aristarco, ou ainda disfarçado em um discurso ríspido contra a infância e o meio social. Trata-se, a princípio, de um enfático retorno à infância.

## Capítulo 1 : Sérgio, colega de Wilhelm Meister?

CORO: Sê bem vindo a nosso círculo, aprendiz da juventude! Sê bem-vindo com tristeza! Que nenhum menino ou menina te siga! Que só a velhice se aproxime voluntária e serenamente ao salão silencioso, e em grave companhia repouse a querida, querida criança! ( *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, p. 568.)

### 1.1.O legado de Wilhelm Meister.

O romance de Goethe, *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* é hoje considerado pela historiografia literária como o paradigma do Bildungsroman<sup>1</sup> e fundador do gênero romance de formação. Nesse romance, o jovem Meister empreende uma trajetória formativa por intermédio da atividade teatral, expandindo suas potencialidades e desejando se tornar uma pessoa pública. Sua trajetória pretende, simultaneamente, criar um futuro Teatro Nacional Alemão, *indo assim ao encontro a um forte anseio da época, de caráter democrático-burguês, que visava a uma integração cultural que abarcasse todas as classes sociais.*<sup>2</sup>

A criação do termo Bildungsroman deve-se ao professor de filologia clássica da Universidade de Dorpat, Karl Morgenstern<sup>3</sup>, que destacou o sentido pedagógico do romance na formação do caráter nacional burguês alemão do século dezoito; e a difusão do conceito, relacionado ao aperfeiçoamento humano, a Wilhelm Dilthey. Portanto, em sua origem, o Bildungsroman está ligado a fortes compromissos ideológicos.

Borchet, por sua vez, fundamentando-se na consideração de Wilhelm Dilthey<sup>4</sup> elabora a seguinte definição clássica:

*A representação da afortunada aurora dos dias em que o jovem se inicia na vida, busca espíritos semelhantes ao seu, depara-se com a amizade e o amor, entra em conflito com a realidade que o circunda, amadurece através de*

---

<sup>1</sup> Publicado na Alemanha entre 1794 e 1796 e traduzido para o inglês em 1824, *Wilhelm Meister Lehrjare* ao lado de *Wilhelm Meister teatralische Sedung* (*Missão teatral de Wilhelm Meister*), 1775 e 1777 e *Wilhelm Meister Wanderjahre* (*Os anos de peregrinação de Wilhelm Meister*), 1821 e 1829 compõe a trilogia Meister. Segundo Dinardo Maas, 1996, o romance de Goethe, *Os anos de aprendizado* é tomado como modelo de definição do gênero ou não, de Schlegel a Lukács, de Daniel Jenish a Jürgen Jacobs.

<sup>2</sup> Cf Marcus Vinícius MAZZARI, *A representação da história "Die Blechtromel" de Günter Grass*. (dissertação), p. 48.

<sup>3</sup> Representante de uma classe de intelectuais pós iluministas alemães (entre a passagem do século XVIII ao século XIX), além de desenvolver suas atividades como professor de filologia clássica conduzia um projeto pedagógico que visava a formação intelectual e moral dos filhos das famílias burguesas.

<sup>4</sup> "Eu gostaria de chamar Bildungsromanes aos romances que compõem a escola de Wilhelm Meister (...) a obra de Goethe mostra o aperfeiçoamento humano em diferentes graus, formas, fases da vida." (apud Martini. 1961, p. 44).

*experiências diversas, encontra-se a si mesmo e torna-se consciente da tarefa que lhe cabe nesse mundo*<sup>5</sup>

Em síntese, o termo Bildungsroman, criado a partir da idéia de Bildung<sup>6</sup>, representa de maneira singular uma realidade específica do contexto cultural da Alemanha do século XVIII.

## 1.2. A apropriação do termo Bildungsroman

A despeito de *Os Anos de Aprendizado*, e de sua fortuna crítica, estarem envolvidos em questões de ordem histórica e ideológica, é freqüente a sua referência como gênero literário na maior parte dos trabalhos concernentes ao romance de formação clássico. Sendo assim, do diálogo com aquele romance surgem duas possibilidades de compreensão. A primeira é tomá-lo como modelo narrativo, uma vez que várias obras da primeira metade do século XIX tiveram como modelo inequívoco o *Meister*, e reforçaram todo um discurso concernente à temática da formação humana.

---

<sup>5</sup> Cf. Wilma Patrícia Marzari DINARDO MAAS. *O Bildungsroman (romance de formação) como manifestação discursiva*. (tese).

<sup>6</sup> Quanto ao emprego especificamente da palavra Bildung, informa-nos Bolle que o termo não possui equivalente em outras línguas. No inglês (formation) e no francês (formation) apresentam-se apenas como reproduções mecânicas, em português (formação) só até certo ponto auxilia na compreensão da Bildung alemã.

Surgida em fins do século XVIII na Alemanha, fora aplicada aos campos da pedagogia, educação e cultura, revestida de uma carga filosófica, estética, pedagógica e ideológica, assim, só é possível compreendê-la integralmente a partir do contexto da evolução político-social da Alemanha.

O primeiro emprego reconhecido data de meados do século XVIII, no qual resistia ainda o sentido primitivo medieval, a idéia de “imagem”- latim: imago, alemão Bild, ou reprodução por semelhança (imitatio, Nachbildung). Sua apropriação pelo vocabulário alemão se realizou através do pietismo, e “entrou no ideário da Aufklärung (Ilustração), onde se deu a migração semântica de Bildung, do sentido da produção de uma forma exterior para uma construção interior: mental, psíquica, e espiritual.”

Os termos Bildung e Erziehung, utilizados durante algum tempo pela Aufklärung, sobretudo aquela primeira forma, traduziram o sentido de uma ‘vontade de educar’, reforçada pela obra programática *Émile ou De l’éducation* (1762), o que acabou resultando na secularização da idéia cristã de formação do homem à imagem e semelhança do Criador, culminando, por sua vez na fórmula do ‘imperativo categórico’ de Kant.

Ainda no final dos anos 1760, articulou-se a idéia de Bildung juntamente à conquista da independência, liberdade, autonomia para a efetivação do autodesenvolvimento. Com Herder, essa concepção se tornará enfática, e adquirirá maior peso e autonomia em relação à educação, realçando o seu aspecto de ‘atuação viva’.

Segundo Herder, o termo Bildung é o conceito central para todos os que estão empenhados no desenvolvimento físico, psíquico e intelectual do ser humano. Como secularização da idéia religiosa de que Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, a Bildung passou a ser o que há de mais importante

A segunda diz respeito à manutenção do Bildungsroman como padrão interpretativo, ou gênero literário e, portanto, há algumas posições pertinentes que agora reproduzimos. Recorremos então a dois trabalhos de Dinardo Maas, *Sobre a criação e circulação do Termo Bildungsroman*, artigo publicado na revista do IV Congresso da ABRALIC – Literatura e diferença, e a tese de doutorado *O Bildungsroman (romance de formação) como manifestação discursiva*.

Sobre a criação e circulação do termo Bildungsroman, informa-nos Dinardo Maas, da existência de dois eixos de oposição. O primeiro, refere-se a sua especificidade nacional. Autores da tradição literária alemã, como Thomas Mann, por exemplo, consideram-no *como uma variedade ‘tipicamente alemã’, legitimamente nacional, ou produto do ‘conceito alemão de humanidade’*.

O segundo é o eixo cronológico que se opõe à idéia de existência de Bildungsromane, como gênero literário fora do contexto alemão. Goethe delimita esse período histórico. Assim, as últimas décadas do século dezoito e o início do século dezenove compreendem uma época em que se localizam *mecanismos decisivos para a constituição tanto de um ‘gosto literário’ como para a fixação de um ideário burguês de educação e de formação*.<sup>7</sup>

Ao lado desses limites conjunturais constituintes, apresentam-se posições mais flexíveis. No entanto, sempre tendo o modelo goetheano como paradigma constituído. Dessa forma se estabelece a existência de um Bildungsroman realista, socialista, psicanalítico. A obra de Jürgen Jacobs, germanista da Universidade de Wuppertal, sobre esse tipo de romance, é um bom exemplo, segundo concepção de Dinardo Maas. Assim sendo, a tradição do romance de formação se estende para além dos limites da época e da nacionalidade, e cada época conheceu seu próprio Bildungsroman como sugere a autora. No entanto, a criação do termo não deve ser entendida como respostas *às necessidades*

---

na história e nas atividades presentes. ( Willi Bolle, “A idéia de Formação na Modernidade”, In: Paulo GUIRALDELLI JR.(ORG), *INFÂNCIA, ESCOLA E MODERNIDADE*).

<sup>7</sup> Cf. Wilma Patrícia DINARDO MAAS, *Sobre a criação e circulação do termo Bildungsroman*, IV Congresso da ABRALIC – Literatura e diferença, s/d.

*classificadoras ou didáticas, não se trata de uma classificação a partir de apriorismo morfológico ou temático apenas.*<sup>8</sup>

E ainda:

*O termo Bildungsroman nasce, portanto, a partir de um conjunto de circunstâncias bastante específicas e até mesmo personalizantes, trazendo em si a gênese de uma dicotomia que lhe será peculiar por toda sua trajetória nesses quase dois séculos de existência do termo; a polarização entre o individual e o coletivo. (...) O termo e o respectivo conceito não se deixam portanto apreender senão através de um aparato crítico que considere o enfoque historiográfico.*<sup>9</sup>

Num trabalho mais abrangente, Dinardo Maas conduz uma investigação historiográfica, tentando compreender e iluminar os fenômenos literários e culturais que possibilitaram o estabelecimento do termo Bildungsroman vinculado ao romance de Goethe, bem como a sua recorrência relativamente freqüente como modelo narrativo e/ou interpretativo. Quanto a isto a autora salienta que

*tal recurso há que ser necessariamente acompanhado pela consciência de sua historicidade, ao lado da consciência da impossibilidade de uma leitura tradicional do modelo.*<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> Baktin utilizando o critério “grau de assimilação entre tempo histórico real e o homem nessa temporalidade”, ainda agrupa o romance de educação sob duas perspectivas. A primeira refere-se à imagem do homem e sua formação, assim ele destaca o romance de educação onde o herói é uma “grandeza constante” e todos os aspectos da vida e do destino do herói são “grandezas variáveis”, a imagem do herói é, desta forma, uma unidade estática, ao lado desse tipo predominante e difundido, diz Baktin, há outro, muito mais raro que ‘apresenta a imagem do herói em devir’, nesta fórmula de romance, o herói e seu caráter se tornam uma grandeza variável. O outro recorte proposto por Baktin, a do ‘grau de assimilação do tempo histórico real’ classifica cinco tipos de romance de educação: o idílio do século VXIII, e os representantes do regionalismo e do Heimatkunt do século XIX; o romance clássico de formação da segunda metade do século XVIII representado por Wieland e Wetzels, mas também Keller (*Henrique, o verde*) Hippel, Jean Paul e sobretudo Goethe. O terceiro tipo é representado pela biografia e autobiografia, o quarto pelo romance didático-pedagógico (*Ciropedia* de Xenofonte, *Telêmaco* de Fénelon, *Emílio*, ou *Da educação de Rousseau*), e o quinto e o mais importante representado por *Gargantua e Pantagrue*, *Simplicissimus* e *Wilhelm Meister*, nesse tipo, a formação do personagem segue a formação histórica do mundo.” (*Estética da Criação Verbal*, p.235-242)

<sup>9</sup> Cf. Wilma Patrícia Marzari DINARDO MAAS, *O Bildungsroman (romance de formação) como manifestação discursiva*. (tese), 1996. p. 184.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 22.

Dinardo Maas utiliza a terminologia gênero ( Gattung) para designar o Bildungsroman como uma ‘espécie histórica’ ( Welleck e Viitor), como também uma narrativa básica. Ambas de acordo com alguns dos principais teóricos, tanto da tradição alemã como Jürgen Jacobs, Wilhelm Wobkamp, e Ernst L. Stahl, quanto aos norteamericanos como Mary Gerhard e Jeffrey Sammons.

Ao lado de posturas incisivamente oponentes à sua denominação como gênero literário, citando a de Jeffrey Sammons em seu artigo *The mystery of the missing Bildungsroman, or: What happened to Wilhelm Meister’s legacy*<sup>11</sup>, Dinardo Maas estabelece um comentário sobre duas obras importantes de Jürgen Jacobs, as quais denomina como divisores de água, *Wilhelm Meister und seine Brüder (Wilhelm Meister e seus irmãos – 1972)* e *Der deutsche Bildungsroman (O Bildungsroman alemão – 1989)*. Através dos comentários dessas obras a autora expõe as concepções liberais desse autor sobre a constituição do romance de formação, rejeitando todas as teses anteriores que o declaravam como especificidade alemã e o reconhecimento da existência de características fortemente diferenciadoras do gênero. No entanto, tal autor admite que só é possível considerá-lo como gênero a partir de um programa básico<sup>12</sup> constituído necessariamente sobre *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*.

O caso Bildungsroman, para François Jost, exemplifica, com clareza, a tendência do crítico contemporâneo em classificar as obras literárias, servindo-se de “etiquetas”, multiplicando os subgêneros ou as espécies, e ainda as subespécies. Esse tipo de romance não participa de uma categoria isolada, mas representa a arte das hibridações

---

<sup>11</sup> Nesse artigo o autor considera o fenômeno Bildungsroman apenas em seu paradigma, *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, e em mais duas obras e meias, o que para ele não pode se constituir como um gênero literário.

<sup>12</sup> A partir de sua concepção liberal Jürgen Jacobs estabelece o Merkmalen des Bildungsroman (características do Bildungsroman): .o protagonista deve ter uma consciência mais ou menos explícita de que ele próprio percorre não uma seqüência aleatória de aventuras, mas sim um processo de auto-descobrimto e de orientação no mundo; .a imagem que o protagonista tem do objetivo de sua trajetória de vida é, em regra, determinada por enganos e avaliações equivocadas, devendo ser corrigidas apenas no transcorrer de seu desenvolvimento; .além disso, o protagonista tem como experiência típica a separação em relação à casa paterna, a atuação de mentores e de instituições educacionais, o encontro com a esfera da arte, experiências em um campo profissional e eventualmente também contato com a vida pública, política. ( apud DINARDO MAAS, 1996, p. 176).

infinitas, podendo ser considerado desde um romance de tese a um romance epistolar. Assim, Jost parece encontrar uma solução para o dilema:

*representa um subgênero ao qual faltam certos elementos que se acredita serem essenciais ao gênero: ele não pretende reproduzir, nas suas fases essenciais, a vida de um homem, o cumprimento de uma tarefa, de um destino. O desfecho, a ser refletido, não é senão provisório: uma mudança de cavalos numa estação de muda. Se admitirmos que todo o drama consiste no antagonismo entre o eu e o não-eu, poderemos ver no Bildungsroman uma espécie de anti-drama. O mundo torna-se um mentor amigo: sob sua tutela, os conflitos, sempre transitórios, se resolvem infalivelmente: as penúrias simbolizadas por cornos da abundância.<sup>13</sup>*

Entre entender o Bildungsroman como modelo narrativo, ou gênero literário (ou subgênero) há que se considerar que o mesmo alcançou o que Fredric Jameson chama de *consagração multinacional*<sup>14</sup>. Ele traz em si como modelo e como termo a velha angústia de valores importados. Isso demonstra que, a despeito do discurso da sua especificidade nacional, o romance de formação compõe um conjunto de técnicas e valores estéticos, que incluem toda uma política em si mesmo, ao menos uma ideologia social e, em particular, um populismo expressado.

De uma postura claramente marxista, Jameson considera-o, enquanto forma cultural importada, modelo narrativo e ideológico,

*que resolvió el problema formal de narrar la experiencia colonial situándola en la perspectiva de la infancia y organizándola en torno a los esfuerzos del protagonista por alcanzar una educación,<sup>15</sup>*

---

<sup>13</sup> “Le Bildungsroman représente donc un sous-genre auquel manquent certains éléments que l’on pense essentiel au genre: il ne prétend nullement reproduire, dans ses phases essentielles, la vie d’un homme, l’accomplissement d’une station de relai. Si l’on admet que tout drame consiste en l’antagonisme du moi et du non-moi, on pourra voir dans le Bildungsroman une sorte d’anti-drame. Le monde devient un mentor ami: sous sa tutelle, les conflits, toujours transitoires, se résolvent infailliblement: des pénuries symbolisées par des cornes d’abondance.”( Jost FRANÇOIS. “La Tradition du Bildungsroman”. In: *Comparative Literatura*. n° 2, p. 99).

<sup>14</sup> Cf. Frederic. JAMESON. De la sustitucion de importaciones literarias y culturales en el tercer mundo: el caso del testimonio, In: *Revista de crítica literária latinoamericana*. n° 36, p. 118.

<sup>15</sup> *Idid.*, p. 118.

A consagração multinacional do Bildungsroman, o que Jameson chama de *espectro do mundo*, deve-se à reprodução obediente por algumas sociedades periféricas das etapas básicas do pré-capitalismo, cujo momento paradigmático é o próprio século XVIII. Se há toda uma problemática concernente a sua concepção como gênero literário, na verdade ele se mantém como um discurso importado sobre a mimesis da subjetividade ou da mentalidade individualista. Dessa forma, o autor concebe o Bildungsroman e outras formas literárias como *máquinas para produzir subjetividade, máquinas deiseñadas para construir sujeitos centrados*. Assim, a explicação quanto a bem sucedida apropriação dessa espécie de romance, como modelo narrativo, nos países do Terceiro Mundo deve-se à importação e à influência de um discurso político e ideológico de cunho imperialista com a finalidade de construir uma mentalidade burguesa sob a perspectiva do ocidente europeu,

*Las formas culturales, sin embargo, están seguramente entre las mercancías más óbvias transferidas por caravanas o máquinas de fax, lo que puede ser bueno considerar de maneras más complicadas. Por ejemplo, no tenemos ya la vieja idea de las 'influencias' 'para explicar estas transferencias; después de la 'muerte' o 'fin' del sujeto, no tenía sentido, en términos de las relaciones individuales entre el estilo de un escrito y outro, y tiene aún menos sentido cuando se trata de adoptar de otros países o cuando se trata de próprio imperialismo cultural.<sup>16</sup>*

Toda a consideração de Jameson nos encaminha agora para a compreensão do fenômeno Bildungsroman no contexto literário brasileiro, e se restringe exclusivamente à apropriação do termo como padrão interpretativo, e não como modelo narrativo.<sup>17</sup>

O termo foi incorporado ao léxico brasileiro por Massaud Moisés em *Dicionário de Termos Literários*, o que segundo Dinardo Maas é *uma conceituação*

---

<sup>16</sup> Fredric JAMESON. "De la sustitucion de importaciones literarias y culturales en el Tercer Mundo: el caso del testimonio." In: Revista de critica literaria latinoamericana. n° 36, p. 120.

<sup>17</sup> Como modelo narrativo entende-se propriamente a aproximação ou desvio declarado ao romance de Goethe, como exemplo citamos *Henrique, o verde* de Keller e *O Tambor* de Günter Grass, o primeiro se contrapõe ao ideal goethiano de formação, enquanto que o segundo é considerado por Mazzari como paródia do romance de formação alemão. Num ou noutro caso, explica Mazzari, os desvios devem ser entendidos como reflexos das transformações políticas e econômicas ocorridas nas estruturas da sociedade em que o herói em formação busca se integrar. ( Marcus Vinicius. MAZZARI, 'Die Blechtromel' como paródia do romance de formação alemão.(dissertação), p. 61.).

*bastante generalizante e temática, na linha das enciclopédias alemãs*<sup>18</sup>, além de definir o romance de formação como narrativa *que gira em torno das experiências que sofrem as personagens durante os anos de formação ou de educação*, Massaud Moisés lista uma série de romances em língua portuguesa considerados por ele até certo ponto como Bildungsromane:

*O Ateneu (1888) de Raul Pompéia, Amar, verbo intransitivo (1927) de Mário de Andrade, os romances do 'ciclo do açúcar' (1933-1937) de José Lins do Rego, Mundos Mortos (1937), de Otávio de Faria, Fanga (1942), de Alves Redol, Manhã Submersa, de Vergílio Ferreira, o ciclo A velha casa (1945-1966) de José Régio.*

Segundo Dinardo Maas, apesar do verbete de Massaud Moisés ter tentado uma legitimação crítica e ficcional do gênero em língua portuguesa, de fato isso não aconteceu,

*Se na literatura européia o conceito de Bildungsroman, a despeito de todas suas variações e diferentes abordagens críticas, constitui-se em pedra angular, em referência prolífica e essencial na história da narrativa, tendo mesmo suas origens confundidas com a própria origem do romance como gênero, na literatura de língua portuguesa, mais especificamente na literatura nacional do Brasil, o conceito permaneceu como referência erudita e pouco produtiva.*<sup>19</sup>

Com a apropriação do termo pelo *Dicionário de Termos Literários* se entende a sua recente inserção no âmbito da crítica literária brasileira, no entanto, como salienta Dinardo Maas, já se delineia de maneira flexível a apropriação do conceito, atualizando o cânone e, às vezes, subvertendo-o. Para demonstrar essa situação, ela estabelece comentários de estudos de romances brasileiros, como o de Cristina Ferreira Pinto *O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros*, ou do artigo de Eduardo de Assis Jorge *Amado e o Bildungsroman proletário*.

---

<sup>18</sup> Cf. Wilma Patrícia Marzari DINARDO MAAS, *O Bildungsroman (romance de formação) como manifestação discursiva*. (tese), p.398.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 399.

### 1.3. O Ateneu e a tradição do Bildungsroman.

Recentemente, em um artigo publicado pela revista *Remate de Males*, *As faces de Raul Pompéia* da autoria de Fábio Lucas, *O Ateneu* passa a ser designado pela primeira vez, na história da sua recepção crítica, como romance de formação<sup>20</sup>. É evidente que o verbete de Massaud Moisés em *Dicionário de Termos Literários* já o dispõe ao lado de outros romances da língua portuguesa, no entanto, não estabelece considerações específicas a seu respeito. O artigo, pelo contrário, denomina-o o nosso Bildungsroman de maior expressão, o qual relata as primeiras experiências discentes do narrador, comenta sua educação pedagógica e sentimental, e pode servir de material para o estudo do cotidiano do Segundo Império:

*Portanto, autêntico romance de aprendizagem ou de desenvolvimento, com toda a sua roupagem de cultura e de processos civilizatórios. Romance de idade em que o homem se forma, expõe a caminhada interior percorrida pelo narrador, enquanto realiza o progresso do personagem.*<sup>21</sup>

O artigo brevemente oferece certos conceitos tradicionais sobre romance de formação, os quais sustentam sua posição a respeito de *O Ateneu*, mas é isto mesmo que incentiva o autor a aproximá-lo da tradição do Bildungsroman.

Cumpre salientar que Fábio Lucas utiliza formação/desenvolvimento/aprendizagem como sinônimos, fato muito comum entre os críticos de posição mais flexível e em contraponto aos conservadores, sobretudo os alemães ou germanistas de universidades americanas, que distinguem fortemente os três conceitos e seus respectivos tipos de romances: Bildungsroman, Entwicklungsroman e Erziehungsroman. Dentro desse contexto, romances considerados por um estudioso como Bildungsroman podem também compor a lista de Entwicklungsromane de outro crítico.

Além disso, é preciso destacar que a tradução do termo em português não representa perfeitamente a proposital junção de Bildung- (formação) e -Roman

---

<sup>20</sup> Na tese de doutoramento *L'enfant de Jules e O Ateneu de Raul Pompéia: do foco narrativo à crítica social*, 1983, Durval Ártico já considera *O Ateneu* como Bildungsroman (romance de formação) “no qual assistimos ao “acheminement d’un être vers as forme adulte, au contact d’une société.” (p. 117)

<sup>21</sup> Cf. FÁBIO LUCAS. “As várias faces de Raul Pompéia”. In: Maria Eugênia Boaventura e Orna Messer Levin (orgs.). *Remate de Males*. n.º 5, p 17-8.

(romance), mas aqui especialmente nos auxilia na utilização do termo romance de formação com sentido específico e com fins específicos.

Outra realidade é que essa categoria não oferece elementos formais, que facilitem o trabalho do crítico na identificação da obra como romance de formação. Como já destacou Jürgen Jacobs, não existe uma estrutura recorrente nos mais diversos romances de formação, das mais variadas nacionalidades, como a do soneto, por exemplo. No caso desta espécie de poesia sua estrutura será a mesma em qualquer literatura nacional. Tal constatação aparentemente simplória conduz esse mesmo crítico a uma concepção liberal do romance de formação no que diz respeito à análise e à interpretação de uma obra literária qualquer. Isso soluciona alguns problemas, mas cria outros tantos.

Admitindo o romance de formação como gênero identificado e caracterizado, segundo um programa básico constituído, podemos incrementar uma breve discussão em torno de alguns de seus significados pensando na constituição de sua “teoria” e na possibilidade de uma definição coerente – ou a mais aproximadamente coerente – a partir de *O Ateneu*, o qual pelas suas características narrativas pode facilitar esse tipo de trabalho.

A primeira tentativa de definição depende da acepção particular e estrita da palavra formação<sup>22</sup>, e a segunda, relacionada especificamente ao campo da literatura, que oferece uma gama variada de sentidos. Romance de formação pode se referir às obras consideradas importantes na instauração de um determinado tipo de discurso estético, o que pode redundar na inovação e renovação da tradição literária nacional. São os casos de *Amar, verbo intransitivo* e *Macunaima*. Além disso, elas mesmas contribuíram para a trajetória de Mário de Andrade como escritor modernista, ao mesmo tempo em que promoveram a constituição de um público específico de leitores. Uma obra pode-se designar romance de formação pelo seu caráter pedagógico, ou melhor, pela proposta

---

<sup>22</sup> Speyer, considera esse sentido restrito e específico do termo de acordo com seus objetivos, assim, formação humana visa a: 1. Realizar a plenitude, e coordenação harmoniosa, dos dotes sadios; 2. Ativar, ao máximo, a sociabilidade imanente; 3. Pôr em funcionamento a reciprocidade formativa entre a personalidade em evolução e o organismo coletivo; 4. Levar à maturação, o discernimento dos valores que norteie os atos: a autonomia moral; 5. Consolidar a compostura estética e intelectual; 6. Alimentar a personalidade em formação com os valores espirituais afins da sua estrutura individual; 7. Imunizar, contra os germes da decomposição moral, a originalidade genuína e a disciplina espontânea no convívio com os semelhantes.” ( In: *Problemas da formação humana*, p. 16)

explícita ou não de educar ou formar seus leitores, o que é o caso de *Emílio, ou Da Educação* de Rousseau. De qualquer forma o romance sempre “ensina” seus códigos de leituras para a sua própria leitura e compreensão.

O termo romance de formação também pode sugerir a criação de um personagem tipo ou de qualquer aspecto em contínua formação em outras obras do escritor. Por último, temos a formação do protagonista, como exemplo, Carlos de Melo da trilogia *Menino de engenho, Doidinho e Bangüê*. Nota-se, portanto, que a designação “romance de formação” incita uma variada possibilidade de entendimentos, de concepções, de exemplos e de leituras, mas é preciso observar que essa variação de sentidos comporta sempre um objetivo específico formador que destaca ora a obra, ora o leitor, ora o autor e ora o protagonista.

Diante disso, *O Ateneu* pode ser classificado como romance de formação sob várias perspectivas. Aqui, no entanto, o consideraremos a partir da tradição do Bildungsroman, argumento, inicial e aparente, além de redundante.

Essa posição, como sobretudo a admissão desse padrão interpretativo, suscita a possibilidade de mais outras “etiquetas” como, por exemplo, romance de deformação<sup>23</sup> e anti-romance de formação (Entbildungsroman)<sup>24</sup>. Isso se deve, é claro, ao destaque das características particulares do romance em estudo, entre elas podemos citar a presença marcante de um adulto moralista e cético através da narração em primeira pessoa; a ênfase nos efeitos e conseqüências negativistas do sistema educacional, a manifestação do seu instinto de deformação e destruição através da ironia, da crítica, da sátira e da caricatura.

Deixamos explícito no decorrer deste estudo que a formação do protagonista se sustenta em uma trajetória deformativa e vice-versa, além da própria narrativa ser construída sobre uma “proposta” de deformação e destruição do universo escolar.

---

<sup>23</sup> Apesar de haver a possibilidade do livro ser denominado um romance de deformação, por exemplo, é preciso chamar atenção ao fato de que o protagonista não cometeu o suicídio e nem enlouqueceu, tampouco aquele que narra tornou-se um delinqüente social, ou um adulto pervertido ou corrompido moral e sexualmente, desfechos muito comuns nessa espécie de romance. Neste caso, a trajetória de Franco seria perfeita para um romance de deformação.

<sup>24</sup> Sobre esse gênero ou subgênero, o qual tem como obra exemplar *O jovem Törless* de Robert Musil, diz-se do romance que não apenas destaca o caráter negativista da educação, mas que não opera objetivamente a trajetória formativa do herói.

Para termos uma perspectiva decisiva com respeito à obra em estudo, entendemos que a discussão estendida até aqui pode finalizar-se, possibilitando, dessa maneira, a análise fluente do romance. Sendo assim, é importante discorrer sobre o final da narrativa considerando as seguintes perguntas: o protagonista realmente se forma? Qual a sua imagem no suposto desfecho de um romance de formação?

Ao final da narrativa, encontraremos Sérgio solitário e indiferente em cima do terraço de mármore de outão contemplando os restos do colégio interno, uma multidão de curiosos, alguns discípulos *inabaláveis e compadecidos* e o diretor descrito ironicamente pelo narrador com um certo tom de “a justiça aplicada”: *Não era um homem aquilo; era um de profundis*, e ainda: *Ele, como um deus caipora, triste, sobre o desastre universal da sua obra.*<sup>25</sup>

O “desfecho” através de uma espécie de justificação aos leitores parece acumular muito de significativo: *Aqui suspendo a crônica das saudades. Saudades verdadeiramente? Puras recordações...*<sup>26</sup> Tal significação é dupla. Primeiramente o período recordado é o que interessa ao narrador, não se dá mais nenhuma informação a respeito de Sérgio criança após o episódio do incêndio do colégio interno. Com relação especificamente ao seu percurso fica uma sensação, portanto, de qualquer coisa mal resolvida, incompleta, ou sem desfecho - o que, sob os parâmetros do Bildungsroman, é muito significativo.

Para Brito Broca, tal desfecho é uma imensa desilusão. Sérgio não encontra nem a amizade nem o amor no Ateneu. É certo que, no sentido de busca *O Ateneu* pode, por um instante, representar as decepções, humilhações e frustrações do protagonista e também frustrar muitos leitores em expectativa, mas à luz do Bildungsroman clássico seu final tem muito de coerente (ou talvez de previsível). Esta coerência leva-nos a entender um de seus aspectos formais: a valorização da trajetória formativa em detrimento da formação propriamente dita. Dentro desse contexto, o enredo representa apenas o *período de transição*<sup>27</sup> da sua existência, constatação que levou alguns estudiosos, como François

---

<sup>25</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 149.

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 150.

<sup>27</sup> Esse aspecto do romance de formação clássico, como o próprio Bildungsroman, alude à passagem pela adolescência, período caracterizado por sua natureza fugidia, repleta de significados simbólicos, de promessas, de ameaças, de potencialidades e de fragilidades, “com efeito, ela (a adolescência) se situa no

Jost, a considerá-lo como um *pré-romance* ou um *preâmbulo*. Em resumo, o romance de formação clássico geralmente celebra a narrativa de “final aberto” (open end).<sup>28</sup>

*a progressão dramática da intriga é substituída pela acumulação de episódios mais ou menos desligados, tendo o romancista como propósito, ao construir assim sua obra, traduzir o próprio ritmo da temporalidade em que se processa a formação do herói.*<sup>29</sup>

No entanto, destacando o término de *O Ateneu* como confirmação do caráter de Sérgio, ou ainda, a legitimação de si mesmo, reforçando seu contorno de indivíduo solitário e “resignado”, lembramo-nos da comparação de Lukács entre romance de educação e romance de desilusão. Para esse crítico, a diferença marcante entre esses dois tipos de obra pode ser constatada a partir do itinerário e do estado de espírito do protagonista. Assim, na narrativa de desilusão ele se limita a atravessar as comunidades aparentes ou afetivas, sem partilhar o seu destino. Em contrapartida, no romance de educação:

*O acesso final do herói a uma solidão resignada não significa um desmoronamento total ou um aviltamento de todos os ideais, mas muito a uma tomada de consciência do divórcio que separa a interioridade e o mundo, uma activa realização daquilo que implica a tomada de consciência dessa dualidade, de um lado, o acomodamento com a sociedade por via da aceitação resignada das suas formas de vida, por outro lado, o recuo sobre si mesmo e a conservação em si mesmo de uma interioridade que só se pode realizar na alma.*<sup>30</sup>

---

interior das margens móveis entre a dependência infantil e a autonomia da idade adulta, naquele período de pura mudança e de inquietude em que se realizam as promessas da adolescência, entre a imaturidade sexual e a maturidade, entre a formação e o pleno florescimento das faculdades mentais, entre a falta de aquisição de autoridade e de poder.” (LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude, *A História dos jovens Da Antigüidade à Era Moderna*, p. 08.

<sup>28</sup> Além de merecer o desfecho de *O Ateneu* como um open end seria possível destacar o próprio caráter de Sérgio como o de um “personagem aberto”, ou como algo ainda a ser constituído e/ou talvez implementado seria a palavra ideal, pelo conhecimento e reconhecimento do caráter de Sérgio adulto ao recordar seu período de colégio interno para os leitores. Desta forma podemos nos valer da própria denominação e declaração de Butor sobre esse tipo de personagem: *O indivíduo romanesco nunca pode ser inteiramente determinado, ele permanece aberto, ele me é aberto para que eu possa colocar-me em seu lugar ou, pelo menos, localizar-me com relação a ele.* (Repertório, p. 71)

<sup>29</sup> Cf. Vitor. Manuel. AGUIAR E SILVA, *Teoria da literatura*, p. 730-1.

<sup>30</sup> Cf. Georg. LUKÁCS, *A teoria do romance*, p. 161.

A narração da trajetória formativa de Sérgio criança designa-se muito claramente como um roteiro para a auto-legitimação do que para a formação propriamente dita. De fato, conforme considerações de François a respeito do Bildungsroman, é no final da narrativa de *O Ateneu* que o protagonista nos parece armado para a existência, pronto para viver o seu romance.<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> Cf. *La Tradition du Bildungsroman*, In: Comparative Literatura, p. 99

## **Capítulo 2 : A fina flor da sociedade brasileira.**

Eu vos saúdo, Geração futura!  
Só em vós eu confio  
Crescei, mimosa planta,  
Sobre a terra da Pátria só regada  
Com lágrimas e sangue.  
Crescei, crescei da liberdade, oh filhos,  
Para a Pátria salvar, que vos aguarda.  
(Gonçalves de Magalhães)

## 2.1. Conspiração contra os inocentes.

O romance de Raul Pompéia situa-se num contexto histórico e literário muito importante da cultura ocidental, cujo paradigma é a Europa. O período que abrangeu a segunda metade do século XIX (1870-1900) foi considerado por muitos historiadores, sociólogos e até psicanalistas em todo o mundo ocidental como o da invenção ou da descoberta da adolescência, o qual enfatizou uma crescente influência de colégios internos na educação e na moralização da mesma. Tratou-se de um fenômeno (o enclausuramento de meninos) que abrangeu países como a Alemanha, a França e a Inglaterra, reconhecendo-a como uma faixa etária distinta.<sup>32</sup>

Para Philippe Ariés, o interesse pela juventude, como tema literário e preocupação de moralistas e políticos, passou a exercer fascínio na Alemanha wagneriana e penetrou mais tarde na França, em torno dos anos 1900. A focalização da juventude, como faixa etária e como tema literário, está ligada à descoberta do *sentimento de infância*, e foi graças a essa descoberta que a cultura europeia tomou um novo fôlego,

*Começou-se a desejar saber seriamente o que pensava a juventude, e surgiram pesquisa sobre ela (...) a juventude apareceu como depositária de valores novos, capazes de reavivar uma sociedade velha e esclerosada. Havia-se experimentado sentimento semelhante no período romântico, mas sem uma referência tão precisa a uma classe de idade. Sobretudo, esse sentimento romântico se limitava à literatura e àqueles que liam (...) Assim, passamos de uma época sem adolescência a uma época em que a adolescência é a idade favorita. Deseja-se chegar a ela cedo e nela permanecer por muito tempo.*<sup>33</sup>

No cenário literário brasileiro, encontram-se, no final do século XIX, duas obras importantes que representam esse momento cultural instaurando uma nova perspectiva ficcional referente ao tema da infância e da adolescência: *Dom Casmurro*, de Machado de Assis e *O Ateneu*, de Raul Pompéia. Assim, segundo o *Dicionário das literaturas portuguesa, brasileira e galega*<sup>34</sup>, esses autores despediram a idéia da infância ligada à orfandade ou à predestinação para dar um tratamento psicológico, e talvez aqui também caiba sentido científico, à puberdade.

<sup>32</sup> Cf. Martín SAGRERA, *El Edadismo*, p. 28.

<sup>33</sup> Cf. Philippe ARIÉS, *História Social da Criança e da Família*, p. 46-07.

<sup>34</sup> Cf. p. 1363.

Dentro desse contexto Araripe Júnior é o primeiro crítico literário a reconhecer a natureza psicológica do romance e salientar o processo formativo do protagonista:

*E o seu romance não é, nem mais, nem menos, do que um estudo das estratificações de um espírito de diletante, do que a história das superposições de estados de consciência: – a evolução psíquica de um indivíduo, o crescimento de uma alma; as quedas e os retrocessos de um temperamento, observados do presente para o passado, por meio do método de inspeção retilinea (...)*

.....  
*(...) o brasileiro (Raul Pompéia) perfeitamente darwinista neste tanto, obtém todos os seus grandes resultados estabelecendo o processo de uma seleção psíquica. A luta pela vida do caráter, a luta pela autonomia mental (...)*

.....  
*(...) O índice do romance revela, todavia, que o autor teve um intuito muito fixo quanto à evolução do caráter de Sérgio. A marcha progressiva da puberdade, pretende ele que seja a feição mais acentuada do seu trabalho; e não há dúvida que a maior preocupação de labor que se encontra no romance assenta na crítica desse desenvolvimento.(...)<sup>35</sup>*

Ao contrário do romance de Machado de Assis, *O Ateneu* dispõe a imagem e o sentimento de infância vinculados ao sistema de internato no Brasil do século dezanove, mas, além disso, é preciso salientar outros fatores que colaboram para essa constituição, como a semelhança entre a experiência educacional do protagonista e do autor; sua visão parcial e pessoal sobre determinada situação sócio-histórica; a sua predisposição em criticar essa realidade, reduzindo-a a discurso<sup>36</sup>. Tudo isto faz com que o tema da infância não seja enfatizado de maneira positiva ou, até mesmo, progressista.<sup>37</sup>

---

<sup>35</sup> Cf. Alfredo BOSI. (seleção e organização). *Araripe Júnior: Teoria, crítica e história literária*, passim.

<sup>36</sup> Cf. Roberto de Oliveira BRANDÃO. "O Ateneu e a retórica". In: Maria Eugênia Boaventura e Orna Messer Levin. *Remate de Males*. Campinas. n.º 5, p.49.

<sup>37</sup> Reconhece-se que bem distintamente de *Emílio ou Da educação* de Rousseau, *O Ateneu* não foi feito para uma boa mãe que sabe pensar. Tanto a obra desse filósofo, quanto *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* representam o conceito de formação e educação da juventude de maneira positiva ou progressista, mesmo que em Goethe haja a possibilidade de crítica à burguesia mercantil de sua época. Em Raul Pompéia é evidente o tratamento dado à educação e à infância, e mesmo à educação da infância de forma negativista, o que por um instante pode intrigar, levando em consideração o engajamento político do autor para com o progresso do país. Esse romancista poderia ter nos presenteado com um *Wilhelm Meister* nacional ao que se refere à construção do nosso caráter nacional, ou a exemplo de Rousseau, desenvolver uma obra cuja finalidade fosse a construção da imagem de infância brasileira bem como a sua educação. No entanto, optou em desconsiderar tais fatos, dando lugar a um lirismo mórbido. Salientamos esse "estranhamento" também por uma razão histórica muito bem posta por Carvalho em *Formação das Almas*, o período em que é escrito e publicado *O Ateneu* é identificado pelo autor como o período de construção de todo um imaginário de símbolos, ícones e heróis, com a finalidade de formar uma nova

A necessidade de afirmação do adulto que conta seu trajeto apresenta a idéia de infância, por um instante, mediante o seu desmerecimento e o seu menosprezo mas são também esses sentimentos que denunciam o grau de afetividade daquela sociedade com respeito à faixa etária. Nesse caso, podemos interpretá-los como indícios de uma *hostilidade difusa*, determinando a faixa etária como a *fonte de todo gênero de desordem e desvio*. Essa posição ainda suscita crise de valores, ou, coerentemente, crise de gerações, decodificando uma autêntica discriminação de idade<sup>38</sup>, os meninos do Ateneu são reconhecidos pelo narrador como crianças alienadas, deslumbradas, desnorteadas, e sobretudo promíscuas e corrompidas.

Em outras palavras, o narrador de *O Ateneu* manifesta os conceitos de toda uma sociedade adulta sobre a infância:

*Na juventude concentra-se ainda um conjunto de imagens fortes, de modo de pensar, de representações de si própria e também da sociedade como um todo. Estas imagens constituem um dos grandes campos de batalha do simbólico. A sociedade plasma uma imagem dos jovens, atribui-lhes caracteres e papéis, trata de impor-lhes regras e valores e constata com angústia os elementos de desagregação associados a esse período de mudança, os elementos de conflito e as resistências inseridos nos processos de integração e reprodução social.*<sup>39</sup>

O discurso desse adulto, apoio de toda a narrativa, se revela em algumas passagens, em algumas de suas falas e comportamentos dos personagens, como agressivo e destrutivo. É possível que a passagem do romance onde Barreto oferece um livro a Sérgio, o identifique nitidamente. O livro descrevia coisas dignas de Moloc,

*Crianças diretamente justicadas pela celeste cólera, uma delas que por haver comungado sem confissão prévia, iludindo ao sacerdote, fora apanhada pela roupa entre dois cilindros de aço duma máquina e reduzida a pasta, acabando impenitente com um ai-jesus...*<sup>40</sup>

---

nação norteadada pelos ideais republicanos. Dentro deste contexto, Sérgio se tornaria arquétipo de valores ou aspirações coletivas, representado um novo homem para um novo sistema político e uma nova sociedade.

<sup>38</sup> Cf. Martín SAGRERA, *El Edadismo*, p. 09.

<sup>39</sup> Cf. Giovanni LEVI e Jean-Claude SCHIMTT. (org.), *História dos jovens. Da Antigüidade à Era Moderna*.

<sup>40</sup> Cf. Raul POMPEIA, *O Ateneu*, p. 58.

A síntese, ou poderíamos dizer a verdadeira essência do posicionamento de Sérgio adulto diante de seus colegas de internato, traduz-se como cólera celeste disposta a aplicar a justiça temerária. Essas crianças não conseguem mais iludi-lo, são criaturas, ou *bonequinhos do seu teatrinho de feira, com todos os seus rápidos movimentos de polichinelos e arlequins*<sup>41</sup>. No romance de Raul Pompéia, a infância é, portanto, tomada como mais um “elemento” importante na constituição da memória, ou mais detidamente uma espécie de purgatório, onde o narrador expurga suas frustrações e mágoas; como também qualquer coisa necessária a sua crítica e ao seu desabafo assassino. Assim, Franco é apanhado e espremido em *cilindros de aço*, reduzido à pasta diante dos *sócios da bandalheira*.

Esta situação específica de *O Ateneu* parece seguir uma lógica interna referente à tradição do Bildungsroman: os heróis são geralmente desmerecidos pelo autor, pelo narrador, e até mesmo pelos companheiros de destino.<sup>42</sup>

Detendo-se em certos episódios que retratam a juventude de *O Ateneu*, como em algumas referências do narrador a essa faixa etária, nota-se um certo discurso moral paternalista disposto a julgar e condenar os comportamentos que não se norteiam conforme o ideal de candura e virtude encarnados pelo protagonista do romance.

Os desenhos de meninos nus em meio à arquitetura do colégio interno interpretam perfeitamente a relação conflituosa do adulto com o tema da infância; e também o início da “perda das ilusões” do pré-adolescente com respeito ao universo formativo. Daí que, a primeira vez que cita aquele aspecto da arquitetura é um momento de empolgação, apesar da ironia:

---

<sup>41</sup> Cf. Alfredo BOSI.(Seleção e organização). Araripe Júnior: *Teoria, crítica e história*, p. 173.

<sup>42</sup> No romance *A Montanha Mágica*, encontraremos os pacientes do sanatório de tuberculosos expressando as mais ferinas considerações a respeito de Hans Castorp: “um palerma sadio lá de baixo”, “um ingênuo da planície”, “um tipo vulgar”, “Era ele apenas um fútil visitante, vindo por três semanas, incapaz de participar da sua esfera” ( p. 263). No romance de Charles Dickens, *David Copperfield*, o protagonista será continuamente tratado como uma criança infeliz, inexperiente, “perdida no meio do mato”, considerações a propósito da sua própria tia Miss Betsey. Na tradução de *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* para o inglês, Thomas Carlyle viu em Meister um “molenga”, enquanto o próprio Goethe o considerava um “pobre diabo” e alguns do seus companheiros de Missão teatral taxavam-no de ingênuo e tolo por acreditar que era predestinado para o mundo do teatro.

*...Flanqueando a majestosa porta desta escada, havia dois quadros de alto-relevo; à direita, uma alegoria das artes e do estudo; à esquerda, as indústrias humanas, meninos nus como nos frisos de Kaulbach, risonhos, com a ferramenta simbólica – psicologia pura do trabalho, modelada idealmente na candura do gesso e da inocência. Eram meus irmãos! Eu estava a esperar que um deles, convidativo, me estendesse a mão para o bailado feliz que os levava. Oh! que não seria o colégio, tradução concreta da alegoria, ronda angélica de corações à porta de um templo, dulia permanente das almas jovens no ritual austero da virtude!<sup>43</sup>*

Após determinado período dentro do colégio interno, a visão com respeito à infância, resultado de sua decepção para com o universo escolar e do envolvimento mais efetivo com os colegas de internato, muda completamente. Na redescritção dos mesmos meninos nus está a revelação de um adulto cético e moralista, que reproduz o discurso contra a falsa ingenuidade infantil:

*Senti-me velho. Que longa viagem de desenganos! Alguns meses apenas, desde que vira, à primeira vez, as ideais crianças vivificadas no estuque pelo contágio do entusiasmo ingênuo, ronda feliz do trabalho...Agora, um por um que os interpretasse, aos pequenos hipócritas mostrando as nádegas brancas com um reverso igual de candura, um por um que os julgasse, e todo aquele gesso das facezinhas rechonchudas coraria de uma sanção geral e esfoladora de palmadas. Não me enganavam mais os pequeninos patifes. Eram infantis, alegres, francos, bons, imaculados, saudade inefável dos primeiros anos, tempos da escola, que não voltam mais!...E mentiam todos!...Cada rosto amável daquela infância. Vestia-se ali de pureza a malícia corruptora, a ambição, a intriga, a bajulação, a covardia, a inveja, a sensualidade brejeira das caricaturas eróticas, a desconfiança selvagem da incapacidade, a emulação deprimida do despeito, a impotência, o colégio, barbaria da humanidade incipiente, sob o fetichismo do Mestre, confederação de instintos em evidência, paixões, fraquezas, vergonhas, que a sociedade exagera e complica em proporção de escala, respeitando o tipo embrionário, caracterizando a hora presente, tão desagradável para nós, que 'só vemos azul o passado, porque é ilusão e distância.'<sup>44</sup>*

As designações do narrador quanto a essa faixa etária nos é dada através de Rebelo, *uma corja, carinhas sonsas, generosa mocidade, servis, traidores, brutais, adulões, sócios da bandalheira, cheiram corrupção, corjas de hipócritas*. Aqui se concentra a imagem mais nítida que Sérgio adulto aproveita para expor o conceito de juventude dentro do universo escolar. Enquanto criança, seu primeiro preceptor funciona

<sup>43</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 11.

<sup>44</sup> *Ibid.*, p. 135.

como recurso na revelação não apenas do colégio, mas de seu desprezo de homem adulto e formado. Este sentimento resulta da sua própria decepção para com a faixa etária, que deveria significar candura e inocência, mas decodifica claramente corrupção moral e perversão sexual.

Dessa forma, reconhece-se que a imagem de juventude no romance de Raul Pompéia está devidamente ligada à sexualidade dos educandos: *a sensualidade brejeira das caricaturas eróticas*. A própria definição de individualidade de Sérgio e seus outros desejos têm como fonte de impulso a libido dos “trezentos animais”. Portanto, a abordagem que o adulto faz da mocidade incide sobre a problemática sexual, um fator relevante que levou alguns críticos a considerarem a obra como romance naturalista.<sup>45</sup>

O narrador, dessa forma, julga e condena o universo escolar por intermédio de seu discurso moral paternalista. Esse discurso libera o seu incômodo ao tratar da suposta precocidade sexual daquelas crianças. Assim, é evidente o enorme tabu relacionado à sexualidade infantil demonstrando, ao mesmo tempo, dificuldade e preconceito em discuti-la.<sup>46</sup>

A representação dos anos de aprendizado de Sérgio criança, expondo toda uma problemática concernente à puberdade fascina e repugna o autor. Ângela, a canarina, demonstra essa realidade com clareza. A criada de Aristarco é a “ninfeta” que atrai os educandos e provoca assassinato, suas formas voluptuosas dão a impressão de ser mais velha, no entanto, a empregada tinha vinte anos, *e no seu manto de candura residia o exemplar excessivo do sexo; no seu sorriso residia o sabbat das lascívias*.<sup>47</sup>

Salientamos, portanto, sua abordagem com relação aos seus jovens protagonistas. O que sabemos sobre e da juventude do Ateneu, em parte, liga-se à sexualidade daqueles adolescentes, portanto a “confecção” dos personagens não se alia a posturas de ordem política, ideológica ou religiosa, mas é claramente acentuada sob a ótica da “perversão sexual”,

---

<sup>45</sup> Cf. Sônia BRAYNER, *Labirinto do Espaço Romanesco*, p. 129.

<sup>46</sup> José Lins do Rego saberá elaborar com maior complacência e naturalidade as peripécias sexuais de Carlos de Melo ou, ainda, o próprio Mário de Andrade em *Amar, verbo intransitivo*, discutirá a iniciação sentimental e sexual de um adolescente com uma mulher mais velha, sem moralizar tal relação.

<sup>47</sup> Cf Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 67.

*Havia o que afetava moderação no capricho, conhecendo o desvio em regra, como ladrão sabe ser honesto no roubo; com o ar sério, espantadiço das femmes que sortent: havia os ingênuos perpetuamente infantis, não fazendo por mal, risinhos soltos, com os segredos de adiar a inocência intacta através dos positivos extremos; havia os entusiastas da profissão, conscientes, francos, impetuosos, apregoando-se por gosto que não perdoavam à natureza o erro original da conformação: ah! Não ser eu mulher para melhor o ser! Estes faziam grupo à parte, conhecidos publicamente e satisfeitos com isto, protegidos e satisfeitos com isto, protegidos por um favor de simpatia geral, inconscientes mas evidente, beneplácito perverso e amável de tolerância que favorecia sempre a corrupção como um aplauso. Eles, os belos efebos!, exemplos da graça juvenil e da nobreza de linha. Às vezes traziam pulseiras; ao banho triunfavam, mas demorando atitudes de ninfa, à beira d' água, em meio da coleção mesquinha de esqueletos sem carnes nas tangas de meia, e carnes sem forma. Havia os decaídos, portadores miseráveis de desprezo honesto, culpados por todos os outros, gastos às vezes do consumo, atormentados pela propensão de um lado, pela repulsa de outro, mendigos de compaixão sem esmola, reduzidos ao extremo de conformar-se deploravelmente com a solidão. Com estes em contraposição, os de orgulho masculino, peludos, morenos, nodosos de músculos, largos de ossada, e outros mirrados de malícia, insaciáveis, de voz trêmula, narinas ávidas de bode, os gorduchos de beiços vermelhos relaxados, fazendo praça de uma superioridade por que nem sempre zelaram antes da natureza das banhas.<sup>48</sup>*

Por outro lado, a infância de Sérgio se traduz como verdadeira fraqueza de caráter, ausência de força viril, possivelmente inexistente dentro dos limites do colégio interno, pois a doutrina marcante ali dentro é a do *be a man*<sup>49</sup>, a doutrina do ser imediatamente homem, mesmo que D. Ema tenha diminuído sua idade de 11 para 6 anos, e que Sanches o trate como um bebê, situações que demonstram a própria lógica do universo do colégio interno, a lógica do *vaivém das atitudes* e da maturidade precoce. Nesse caso, o romance interpreta a realidade da infância no Brasil do século passado, como considerou um estrangeiro viajante: *um país sem crianças*.<sup>50</sup>

Nesse jogo de interesses e desejos que se convergem durante o percurso formativo do menino, firma-se uma das características da infância naquele universo. No instante seguinte à confusão que D. Ema faz da idade de Sérgio, ela o aconselha a cortar os cabelos e oferecê-los a sua mãe, *é a infância que aí fica* diz a personagem ao menino. Essa aparição súbita da esposa de Aristarco oferece muitas revelações com respeito àquela

<sup>48</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 77.

<sup>49</sup> Cf. Alfredo BOSL (Seleção e organização). *Araripe Júnior: Teoria, crítica e história literária*, p. 167.

<sup>50</sup> Cf. Fernando AZEVEDO, *A cultura Brasileira*, p. 335.

realidade: a primeira é que o trajeto de Sérgio será muitas vezes impulsionado por vários desejos e interesses alheios; mas também nos revela que tanto o contexto do universo escolar quanto a técnica narrativa da memória pretendem, simultaneamente, se desfazer e manter a infância; prolongá-la ou findá-la,<sup>51</sup> o que é o dilema da sociedade moderna. Em *O Ateneu* esse prolongamento através da memória pode revelar um Pompéia como uma “criança grande”, fixado emocionalmente, nesse caso, trata o romance de uma longa viagem de volta à infância como já considerou Maria Luiza Ramos.<sup>52</sup>

## 2.2. Sérgio de Pompéia, ou os vários sentidos de Sérgio.

No romance *O Ateneu* a imagem da criança Sérgio é desenhada pelo adulto Sérgio. Esta constatação fundamental facilita a compreensão tanto de um quanto de outro, pois é através da narrativa do período de internato do primeiro que, ao mesmo tempo, se constrói a identidade e o temperamento do segundo e vice-versa. Aqui se sobressai a que nos interessa indicar: a criança que o narrador adulto nos oferece não é uma identidade una, restrita e concretamente delimitada, mas, como os outros aspectos do romance, é concebido conforme as suas intenções e o seu estado de alma, ou seja, conforme a estética impressionista *em vez das coisas, as sensações das coisas*.<sup>53</sup> Em outras palavras, o personagem Sérgio é a configuração de vários sentidos (sensações e impressões), fato que também comporta em si a problemática definição da sua individualidade. Portanto, não temos um indivíduo facilmente delimitado em características únicas, mas em constante estado de mutação: patrimônio do colégio interno; pré-adolescente deslumbrado e egocêntrico; filho dependente e devoto da imagem paterna; recurso na revelação das várias realidades do mundo renunciado pelo escritor; “eixo” ou “ponto de referência” do universo formativo; híbrido de menino e homem; e também, possivelmente, seu alter ego.

---

<sup>51</sup> Entre outras coisas, retratar a infância no romance reflete o próprio fenômeno ocidental do culto à infância, o que não deixa de ser em certa medida o próprio ópio do culto à juventude, fato desencadeado e incentivado pela obra de Rousseau *Emílio ou Da Educação*. Sobre essa realidade ocidental diz Sagrera: “Nuestra civilización está centrada en el niño, está obsesionada por el niño. Nuestro ideal físico es el cuerpo infantil” (*El Edadismo*, p. 28). Quanto a isso conferir também a tese de Livre-Docência de Marialice M. FORACCHI *A juventude na sociedade moderna*. p. 22.

<sup>52</sup> Cf. *Psicologia e estética de Raul Pompéia*, (tese), p. 96.

<sup>53</sup> Cf. Afrânio Coutinho, *Introdução à Literatura no Brasil*, p. 224.

Num primeiro momento temos uma criança com características autênticas da faixa etária, deslumbrada com o Ateneu, e concebendo-o como resposta as suas aspirações juvenis: *vinha próximo o momento de definir minha individualidade; Mas um momento animou-me, primeiro estímulo sério de vaidade: distanciava-me da família, como um homem*<sup>54</sup>. Além dessa criança admirada e empolgada com o universo escolar, encontrá-la-emo crente da sua grande importância na moralização do internato e, portanto, disposto a representar o aluno moralmente exemplar: *Nutria talvez no íntimo o ambicioso interesse de um dia reformar os homens com meu exemplo pontifical de virtudes no sólio de Roma*<sup>55</sup>. No entanto, essa autenticidade com respeito as características da faixa etária dissimula o menosprezo do homem adulto, como também revela a sua presença em algumas das suas decisões e de seus pensamentos: um híbrido de menino e de homem.

O questionamento sobre a autenticidade de Sérgio como criança foi feito por Eugênio Gomes, mostrando a ascendência do adulto sobre a criança:

*ou melhor, a superposição da mentalidade do adulto que escreveu o romance sobre a do menino a quem atribui pensamentos, idéias e expressões que êle não podia ter. Sérgio é, em conseqüência, um híbrido de menino e homem que vinga mais pela experiência cultural do romancista do que por sua autenticidade no tempo e no espaço como personagem. Pode até afirmar-se que o romancista atraiu o menino para a sua órbita com tal gana de colecionar e intelectualizar as suas reações o que havia de espontâneo e inocente no colegial é fatalmente substituído pelo que estava no pensamento amadurecido do escritor*<sup>56</sup>

Na obsessão para se tornar a glória do Ateneu está Sérgio criança e, mais tarde, o pré-adolescente, como mais um “patrimônio” do colégio interno, da mesma forma que os outros seus companheiros de internato ou, mais claramente, uma “engrenagem” social a serviço da manutenção das aparências do colégio interno junto à sociedade do Império; propaganda do colégio de Aristarco e, conseqüentemente, um “elemento” na composição e na exaltação de seu alter ego, sustentando e reforçando, por sua vez, seus devaneios narcisistas.

---

<sup>54</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 12.

<sup>55</sup> *Ibid.*, p. 54.

<sup>56</sup> Cf. Eugênio GOMES, *O romance brasileiro*, p. 150.

O protagonista nos conduz a destacar dois componentes narrativos importantes do romance de formação clássico. Primeiro, a narrativa propriamente dita o coloca como o próprio “eixo” ou o “ponto de referência” do universo formativo para onde se encaminha. Podemos até pecar por exagero ao dizer que o herói do romance de formação é o seu próprio “guia de viagem”, o que, evidentemente, é bastante irônico. Podemos até dizer de lógica interna e irônica do Bildungsroman, ou seja, sob certa perspectiva ele delimita o mundo desconhecido e estabelece o tempo do seu período de aprendizagem, e sendo o eixo do universo formativo, obviamente, é também o nosso principal guia de viagem. Sem ele, tal mundo é por nós desconhecido.

Ainda um outro componente narrativo do Bildungsroman vinculado intrinsecamente ao que já fora dito acima é que esse tipo de romance representa, de forma positiva ou negativa, sua realidade contextual, basicamente da seguinte maneira: à medida que prossegue a narrativa, vê-se formar todo o universo formativo, o conjunto de homens, os objetos materiais e culturais, e é por isso que Butor contesta a idéia da caracterização individual do protagonista do romance dissociada do universo do mesmo:

*é impossível descrever a promoção de um indivíduo, um dos temas maiores do romance clássico, sem descrever ao mesmo tempo a arquitetura de um grupo social, ou mais exatamente, sem transformar a representação que esse grupo social tem de sua própria organização, o que, a longo ou curto prazo, transforma essa estrutura ela mesma.<sup>57</sup>*

Essa “promoção” da arquitetura de um grupo social, no que diz respeito específico à obra de Pompéia admite-se a partir da reelaboração do seu mundo e da sua experiência de mundo. Isto não significa observar o grau de fidelidade entre obra e realidade contextual, mas destacar a sua importância enquanto recorrência.

Segundo Iser, o mundo presente no texto literário é um mundo (Weltwendung) onde os fragmentos identificáveis da realidade presentes no texto, ou a própria realidade posta sob o signo de fingimento, não é dado, mas deve ser entendido como se o fosse, o que se transforma em um “como se”. Nesse caso, o mundo posto entre parênteses torna-se uma encenação ou consideração daquele tipo; e para efeito de um

---

<sup>57</sup> Cf. Michel BUTOR, *Repertório*, p. 66.

determinado fim deve ser representado como propriamente mundo. Essa representação pode se dar através de uma função designativa (Bezeichnen) ou remissiva (Versweisen). Seu caráter remissivo do mundo representado o conota de algo diverso de si próprio, no entanto mantém o aspecto da totalidade como finalidade de seu uso,

*Podemos agora descrevê-lo estruturalmente da seguinte maneira: o mundo do texto entre parênteses não se representa a si mesmo, mas um outro. Este outro se constitui a possibilidade de seu tornar-se visível, que, ao mesmo tempo, provoca impressões afetivas no sujeito, que, de sua parte, causam atividades de orientação e, desta forma, reações sobre o mundo do texto. Causar reações sobre o mundo seria então a função de uso produzida pelo como se. Para isso é necessário irrealizar-se o mundo do texto, para assim transformá-lo em análogo, ou seja, em exemplificação do mundo, para que com isso se provoque uma relação de reação quanto ao mundo.<sup>58</sup>*

Nessas circunstâncias, é possível notar o caráter do protagonista como *eufemismo do autor*<sup>59</sup> ou máscara de Pompéia ou, até mesmo, adotar a caracterização de Mário de Andrade a respeito do romance como uma biografia intelectual; além de outras tantas explicações que a crítica vem concedendo à constatação de que *O Ateneu* reflete com certo grau de fidelidade o caráter e temperamento de escritor na figura de Sérgio e em sua experiência pessoal de internato.

Dessa forma, encontramos duas importantes obras biográficas que sem pudor algum afirmam claramente ser *O Ateneu* uma obra autobiográfica. São elas: *A vida inquieta de Raul Pompéia*, de Elói Pontes, e *Raul Pompéia*, de Brito Broca.

No primeiro caso, o autor não separará a elaboração da biografia em função dessa obra. Para sua concepção: *Ninguém compreenderá nitidamente a obra literária dum escriptor sem conhecer os factos de sua vida*, ou: *Procurando explicar a obra de Raul Pompéia, por isso mesmo, reunimos tudo quanto se relacionasse com suas origens, sua vida e sua epocha.*<sup>60</sup> Assim, Pontes designa-o como um *livro quasi biographico, reconstituição da sua infancia*. E ainda: *Por mais que disfarce Raul Pompéia não foge aos loiros da auto-biographia*.

---

<sup>58</sup> Cf. Wolfgang ISER. In: Luís Costa Lima. *Teoria Literária e suas fontes*, p.384.

<sup>59</sup> Cf. Tristão de Alencar ARARIPE JÚNIOR, *Teoria, crítica e história literária*, p 170.

<sup>60</sup> Cf. Elói PONTES, *A vida inquieta de Raul Pompéia*, passim.

Em *Raul Pompéia*, Broca, considerando o romance como  *muito de autobiográfico*, reconstitui alguns períodos da infância e da adolescência de Raul Pompéia insinuando alguns momentos fundamentais de *O Ateneu*. A experiência de mundo obtida por Sérgio, através do universo escolar, insinua-se recorrer à experiência de Pompéia, filho do Dr. Antônio d'Ávila Pompéia, que o conduziu e o matriculou com dez anos de idade no afamado colégio Abílio, fundado e dirigido pelo Dr. Abílio César Borges, o Barão de Macaúbas.<sup>61</sup>

Assim, argumenta o que considera o “conteúdo autobiográfico” de *O Ateneu*:

*O herói, Sérgio, limita-se a narrar suas recordações do colégio, onde estivera interno, o Ateneu, e daí a identificação que logo se procuraria fazer dos personagens. Mas Pompéia era romancista e o romancista toma geralmente a realidade como ponto de partida para as suas criações, não se preocupando em reproduzi-las ao pé da letra. Foi o que êle fez no O Ateneu. O diretor do colégio, Aristarco, seria apenas inspirado pela figura do famoso educador Abílio César Borges, sem constituir a caricatura e muito menos o retrato fiel dêste último. O mesmo terá acontecido com outros personagens nos quais o romancista aproveitaria traços de diversos colegas, sem retratar nenhum deles. Mesmo assim o livro não perde o conteúdo autobiográfico e Sérgio identifica-se evidentemente com Raul Pompéia.*<sup>62</sup>

Essa referência a uma das situações específicas da recepção crítica do romance é válida para a natureza deste trabalho, não no sentido de comprová-la ou refutá-la, mas para dispor de uma outra idéia de deformação. No caso específico de romance de caráter autobiográfico, a deformação da realidade contextual através da obra como valor estritamente artístico e criativo. Neste caso nos parece interessante destacar o paralelo que Lins (1964) estabelece entre biografia e romance biográfico, suas finalidades e suas diferenças fundamentais.

Segundo esse autor, a história representada em sua forma mais específica e detalhada, a biografia, fixa-se no documento, nos dados concretos, no que é fisicamente real, por isso mesmo repousa na tentativa de ser o mais fiel possível à realidade e, portanto, requer seu caráter de autenticidade. O romance, pelo contrário, utiliza o documento, o fato concreto, o real, como pontos de partida e de apoio:

---

<sup>61</sup> Cf. Brito BROCA, *Raul Pompéia*, p.07.

<sup>62</sup> *Ibid.*, p.40.

*Sobre este domínio pode o romancista realizar tôdas as acrobacias e tôdas as deformações. A arte, aliás, já é, por seu lado, um processo de deformação, isto é: de transformação. Para o romancista tôdas as liberdades são lícitas, pois, bem diferente do historiador o seu caráter é a 'mentira'. O que é verossímil na arte pode não o ser, na vida, e vice-versa. Tôdas as invenções e delírios podem ser na arte, verossímeis, pois a sensação de verossimilhança constitui um estado subjetivo que depende do escritor e do leitor e não do mundo exterior (sentido romanesco) em si mesmo.<sup>63</sup>*

A realidade contextual do romance, seja representada na figura do protagonista, seja na do universo romanesco não devem ser merecidas de maneira alguma como elementos que comprovam a sua veracidade ou verossimilhança. Sendo assim, por mais semelhante que possa parecer com o autor ou com a sua realidade, protagonista e universo romanesco são fatos mistificados, deformados pela sua própria imaginação. Em outras palavras, o romance pode até se apresentar como autobiográfico, mas nunca apenas autobiográfico; ele se constitui como produto da vida e do sonho do artista, e se referindo à produção literária de Dostoievski, Lins concluirá: *A sua vida pessoal constitui, sem dívida, o fundamento dos seus romances, mas sempre mistificada e deformada pela sua imaginação.*

---

<sup>63</sup> Cf. Álvaro LINS, *O Relógio e o Quadrante*, p.346-7.

### **Capítulo 3 : Colégio de Meninos.**

Opinamos em prol dos collegios bem dirigidos, onde a moral seja escrupulosamente guardada, e onde os pais não tenham de ver destruida, em poucos dias, a obra, em que despendirão annos. Lembramos, porém, que os collegios não podem desempenhar as funcções de educadores, que muita gente d'elles exige. Impossivel é aos directores velar de perto sobre os mais insignificantes actos dos alumnos, para fazer-lhes constantes prelecções moraes, e assim reservão-se unicamente para o conhecimento dos que apresentam maior gravidade. E n'esses actos que, á primeira vista, parecem insignificantes, estão os germens de muito vícios, ou virtudes. *(Revista Popular)*

### 3.1 De um desejo, o rudimento de um rito.

O rito de passagem, ou a “cerimônia de iniciação” de Sérgio no universo escolar identifica não apenas a possibilidade de trajetória formativa dentro do Ateneu, mas traduz os elementos que tanto a impulsiona como a sustenta. Dentro desse contexto, podemos compreendê-lo como autêntica manutenção da ordem vigente, dos valores, dos princípios e dos padrões da sociedade na qual será inserido após seu período de aprendizado moral e intelectual.<sup>1</sup>

De fato, aquela circunstância aparentemente banal, onde o menino se anima com a possibilidade de continuar seus estudos em um colégio interno, comporta inúmeros interesses e ambições. Em outras palavras, o desejo de Sérgio criança não se apresenta nem original e nem gratuito, mas é resultado dos interesses do pai, do autor, de Aristarco, e de outros tantos personagens do romance.

A “profecia” de Aristarco expressa a predestinação e o condicionamento do trajeto e do caráter do pré-adolescente:

*Mas para os rapazes dignos eu sou um pai!...os maus eu conheço: Não são as crianças, principalmente você, o prazer da família, e que há de ser, estou certo, uma das glórias do Ateneu.*<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Nesse caso podemos adotar a teoria de Karl Mannheim sobre a função da juventude em sociedades estáticas e dinâmicas. Nas primeiras a taxa de mudança é relativamente baixa, confiarão mais na experiência dos velhos. “Mostrar-se-ão relutantes em encorajar as novas potencialidades latentes nos jovens. A educação destes será concentrada na transferência da tradição; seus métodos de ensino serão de mera cópia e repetição. As reservas vitais e espirituais da juventude serão deliberadamente negligenciadas, visto não haver uma vontade de romper com as tradições existentes na sociedade.

Em contraste com essas sociedades estáticas ou em lenta mudança, as sociedades dinâmicas que querem dar uma nova saída, qualquer que seja sua filosofia social ou política, confiarão mormente na cooperação da juventude. Elas organizarão seus recursos vitais e os utilizarão para pôr abaixo a direção estabelecida de desenvolvimento social. A este respeito, há diferenças de grau apenas entre as sociedades que provocam a mudança por meio de revolução ou de reforma. Em ambos os casos, desde que haja vontade de dar uma nova saída, isto terá de ser feito por intermédio da juventude. As gerações mais velhas e intermediárias talvez possam prever a natureza das futuras mudanças e sua imaginação criadora pode ser empregada para formular novas diretrizes, porém a nova vida só será vivida pelas gerações mais moças. Elas viverão os novos valores que os mais velhos professam apenas teoricamente. Aceita esta verdade, a função específica da mocidade é a de um agente revitalizante; é uma espécie de reserva que só se põe em evidência quando essa revitalização for necessária para ajustar a circunstância em rápida mudança ou completamente novas.” ( *Diagnóstico de nosso tempo*, p. 50.)

<sup>2</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 24.

Neste caso, não se trata exclusivamente de amaldiçoá-los (ou abençoá-los) como o fizera o pai de Robison Crusoé: *Esse rapaz poderia ser feliz se ficasse em casa, mas se partir, será o maior desgraçado que já se viu a luz do dia!*<sup>3</sup>, mas, esclarecer a relação indivíduo/comunidade; indicar o personagem que exercerá certo tipo de domínio e autoridade sobre o itinerante; e revelar os valores e princípios insuflados naquele discurso, objetivando construir uma identidade que responda às expectativas da sociedade. Em outras palavras, a formação de Sérgio expressa-se mais claramente através da metáfora utilizada por Jost François ao se referir ao romance de formação clássico:

*A imagem do agente se identifica com o seu modelo, com seu criador. Trata-se da laicização da tradição patrística, a qual entre numerosas metáforas explicando a ação da graça divina, parece deter-se preferencialmente aquela da terra argilosa amassada pelo oleiro, símbolo da alma presa a ação de Deus.*<sup>4</sup>

Em sua gênese, enquanto personagem, o pré-adolescente parece não se adequar à idéia pressuposta do típico herói de Bildungsroman, que por si só manifesta seu desejo pela formação, opondo-se, e às vezes rebelando-se contra a vontade e a autoridade paterna, e por fim denunciando suas aspirações pessoais. Este desejo pela formação, segundo a narrativa dessa espécie de romance, liga-se a outros sentimentos, à sua curiosidade e ao seu fascínio por outro universo, obviamente bem distinto de seu contexto imediato, e também à sua inquietação e mobilidade para alcançá-lo.<sup>5</sup>

Nas primeiras situações da narrativa de *O Ateneu*, em que o narrador adulto recorda a sua rotina anterior à entrada no universo escolar, não é construída a imagem, segundo Moretti, do personagem jovem seduzido pelas influências de outra realidade, e inquieto para conhecer esse “mundo novo”. Não reconhecemos, dessa forma, um indivíduo com vontade própria, impregnado pela idéia do “vir a ser”, impulsionado pelas

---

<sup>3</sup> Cf. Daniel DEFOE, *Robison Crusoé*, p. 07.

<sup>4</sup> “... l'image de l'agent, s'identifie avec son modèle, avec son créateur. Il s'agit de la laicisation de la tradition patristique, laquelle, parmi les nombreuses métaphores expliquant l'action de la grâce divine semble s'arrêter de préférence celle la terre glaise pétri par le portier: symbole de l'âme en proie à l'action de Dieu” (“La Tradition Du Bildungsroman”. In: *Comparative Literature*. n.º 2, p.99)

<sup>5</sup> Moretti, em seu livro *The way of the world.: The Bildungsroman in the european culture*, entende essa mobilidade, num sentido mais restrito, como o processo formativo percorrido pelo protagonista: da juventude para a maturidade; do ambiente familiar para outro qualquer universo o qual lhe proporcionará os seus anos de aprendizado.

grandes esperanças e, posteriormente, pela perda das ilusões. Em suma, não encontramos aquela imagem de herói de romance de formação: *a imagem que traduz precisamente os atributos juvenis da mobilidade e da inquietação interior.*<sup>6</sup>

Essas conjecturas nos conduzem a umas das chaves para a compreensão do caráter do Bildungsroman clássico, cuja narrativa salienta a necessidade da viagem formativa, como já observou François Jost:

*Sob diversos aspectos, o Bildungsroman descreve um itinerário constante: 'a vocação' do herói que acaba de terminar sua adolescência e deve desenvolver suas possibilidades, primeiro por uma ruptura com sua existência anterior ( universo fechado da célula familiar; conflito de gerações entre os românticos), depois por uma 'viagem' ( geográfica, interior ou iniciática: Schlegel compara-a ao 'Grand Tour' que todo jovem inglês de boa sociedade realiza ao fim de sua educação) em que os encontros sucessivos (o mestre, o amor) são vividos como um enriquecimento, enfim, frequentemente por um retorno ao lugar de partida que permite medir o caminho percorrido. Esta 'experiência do estrangeiro' seguida do 'retorno às origens' se apresenta seguindo um plano análogo à conquista da consciência de si na " Fenomenologia do espírito."*<sup>7</sup>

Na verdade, *O Ateneu* sugere essa metáfora – o *Tour du Monde*. Basta lembrarmos do episódio em que o diretor apresenta o estabelecimento de ensino para Sérgio e seu pai, destacando as cartas geográficas como *itinerários de grandes viagens planejadas*, os quadros pendurados nas paredes que exibiam conselhos e regras morais, temor a Deus, amor à verdade, devoção e submissão aos mestres, enfim à didascalotria de maneira geral.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> “ The image conveyed precisely by the ‘youthful of mobility and inner restlessness.’” ( Cf. Franco MORETTI, *The way of the World: the Bildungsroman in the european culture*, 1987.)

<sup>7</sup> “ Sous divers aspects, le Bildungsroman décrit un itinéraire constant: ‘vocation’ du héros Qui vient de terminer son adolescence et doit, développer se possibilités ( artistiques) d’abord par une rupture avec son existence antérieure ( univers clos de la cellule familiale; conflit de génération chez les romantiques), puis pa un ‘voyage’ (géographique, intérieur et initiatique: Schlegel le compare au ‘Grand Tour’ que accomplit à la fin de son éducation tout jeune Anglais de la bonne société) où les rencontre successives ( le maître, l’amour) sont vécues comme un enrichissement, enfin, souvent par un retour aux lieux de départ Qui permet de mesurer le chemin parcouru cette ‘épreuve de l’étranger’ suivie du retour aux sources’ se présente suivant un plan analogue à la conquête de la conscience de soi dans la Phénoménologie de l’esprit de Hegel.” ( *Dictionnaire Historique, Thématique et technique des Littératures. Littératures Française et Étrangères anciennes et modernes*. Paris. Librairie Larousse, 1985, p. 205. Vol I)

<sup>8</sup> Cf. Raul POMPEIA, *O Ateneu*, p. 23.

Observa-se que em *O Ateneu* é destacada uma imagem estática: um garoto solitário, acomodado ao *conchego placentário da dieta caseira*, satisfeito com seus queridos pelotões de chumbo, e o lago circular com peixinhos rubros, ou se contentando com as aulas das senhoras inglesas do Caminho Novo, nas quais se comprazia apenas com o meio-dia, hora do pão com manteiga. Ou ainda as aulas particulares de um professor, enfim, coisas que não lhe incitavam a nada, por isso, *não pode nascer nele nenhuma nostalgia que se designe a natureza como objeto de busca e descoberta*.<sup>9</sup>

Somente através do contágio da vaidade do pai é que manifesta o seu interesse pessoal, que é definir sua individualidade, e é também a partir desse contágio que se manifestam suas aspirações coletivas: a ascensão social através da formação intelectual e moral de rapazes para ocuparem cargos importantes na hierarquia social.<sup>10</sup>

No entanto, cumpre ressaltar que o adulto que conta o seu percurso formativo conhece muito bem o internato para onde fora enviado, isto faz com que ele, ou melhor, o menino, fique à mercê de seus interesses, tornando-se muitas vezes apenas mais um elemento narrativo com a função de revelar o ambiente escolar e aquela coletividade de uma maneira geral.

### 3.2.A simbologia do rito de passagem de Sérgio.

Na recordação dos primeiros instantes em que é conduzido até o colégio interno, Sérgio adulto transforma a entrada no Ateneu juntamente com o pai, o corte de cabelos e o Livro de Escrituração como autênticos signos representantes de seu ritual de iniciação.<sup>11</sup>

O corte de cabelo é a primeira e significativa etapa no rito de passagem de Sérgio criança ao universo escolar, a primeira cláusula no contrato do pedagogo empresário; um dos seus rígidos princípios morais; como também o primeiro contato com o diretor do colégio:

*'Como se chama o amiguinho? 'perguntou-me o diretor.*

---

<sup>9</sup> Cf. Georg LUKÁCS, *A Teoria do Romance*, p. 71.

<sup>10</sup> Cf. Roberto de Oliveira BRANDÃO. In: Leyla Perrone-Moisés (org.). *O Ateneu: Retórica e Paixão*. p. 56.

<sup>11</sup> Em *História da Literatura Brasileira*, Silvio Romero considerou o romance de Raul Pompéia como *psicologismo idealista com tendências simbólicas*.

*Sérgio...dei o nome todo, baixando os olhos e sem esquecer o 'seu criado' da estrita cortesia.  
Pois, meu caro Sr. Sérgio, o amigo há de ter a bondade de ir ao cabeleireiro deitar fora estes cachinhos...  
Eu tinha ainda os cabelos compridos, por um capricho amoroso de minha mãe.<sup>12</sup>*

Ao reconstituir esse primeiro contato, o narrador adulto salienta sua ingênua e deslumbrada submissão infantil àquela autoridade representativa do universo ao qual gostaria de se inserir, revelando a sua *facilidade da fé cega a que estava disposto*, e destacando a sua predisposição em se submeter às ordens do afamado diretor. Para tanto, é preciso, de início, desfazer-se das “lembranças do lar”, ou mais especificamente, da figura materna existente através de seus cabelos longos, um capricho amoroso.

Esse momento específico da narrativa apenas confirma o que foi posto em momento anterior, os anos de aprendizado de Sérgio criança são impulsionados por vários desejos e interesses, ou pela conspiração favorável ou não de alguns personagens. O pai, por exemplo, o quer entre a  *fina flor da sociedade brasileira*, Aristarco o vê tanto como mais uma mensalidade quanto mais um elemento na composição de seu alter ego; D. Ema, por sua vez, se maravilha com a matrícula de mais um filho adotivo.

O pai de Sérgio, considerando os seus interesses, não se opõe à “cláusula contratual” do processo formativo programado por Aristarco. Não se opõe e nem a questiona, antes o diretor do colégio interno, como bom empresário que é, explica-a: *Sim, senhor, os meninos bonitos não provam bem no meu colégio.*<sup>13</sup>

A aparição maravilhosa, e conseqüente intervenção da *bela mulher em plena prosperidade dos trinta anos de Balzac* opera a fragilização da primeira “cláusula contratual” do programa moralizador de Aristarco – é o início da manifestação do desejo da jovem e solitária esposa do diretor. E este, de certa forma, compactua com os desejos de D. Ema, uma vez que entrega as crianças doentes do colégio aos seus cuidados de enfermeira.

A sua intervenção mantém o interesse de mãe, que em determinados momentos da narrativa, conota-se de certo erotismo. O papel de esposa do diretor carrega

---

<sup>13</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 18.

em si as várias facetas dessa mulher solitária: mãe, enfermeira e amante. É talvez o único personagem que conhece e reconhece as regras e parâmetros da lei contratual e moral do esposo. Assim, em parte, parece concordar com tal ditadura, mas a faz mais maleável a Sérgio criança, e provavelmente a todos os meninos desprotegidos que chegam ao gabinete do diretor. Dentro desse contexto, o narrador nos apresenta uma mulher impressionada com a beleza e a precocidade de Sérgio e sua intervenção, conforme as próprias palavras que recordam os sentimentos do protagonista é poemeto de amor, mas também sedução.

O aspecto “burocrático” do rito de passagem de Sérgio tem como ícone o Livro da escrituração de Aristarco. Sua inscrição nesse grande livro de colunas maciças de escrituração e linhas encarnadas representa sua introdução oficial ao colégio interno, e seu reconhecimento como aluno regularmente inscrito no programa moralizador do diretor.

No dia 15 de fevereiro, Sérgio, levado por seu pai, foi oferecer à mão peluda de Aristarco o seu beijo contrito e filial. A imagem paterna se transfigura no educador, submissão ao pai, coisa que lhe cativa e seduz

### **3.3. Laços de família.**

Para compreender as próprias razões do desejo do menino pela formação, de suas aspirações durante seu período de internato e o universo formativo como um todo é fundamental destacar a função da família de Sérgio ou, mais especificamente, do pai.

Tenhamos em mente nesse instante a primeira ilustração de *O Ateneu*<sup>14</sup> relacionada à frase célebre que inicia o romance: *Vais encontrar o mundo, disse meu pai à porta do Ateneu, coragem para a luta*. O pai aponta para o colégio interno, autêntico ícone da sua autoridade com relação ao menino e também outro signo representante da “cerimônia de iniciação”.

Primeiramente, esse apontar registra o nascimento de Sérgio como protagonista, por outro lado também, significa a despedida da casa paterna e da infância, ou a substituição do “retiro doméstico” pelo universo formativo, contudo, esse momento da narrativa não pode ser destacado como efetivo rompimento com a ordem e o estatuto

---

<sup>14</sup> Cf. José Paulo PAES, *Gregos e Baianos*.

de valor da família, ou a sua destruição, conforme Hegel. Em outras palavras, essa ruptura promovida pela *força da educação, da humanização do conjunto da integração*, deveria significar uma das etapas da emancipação do herói<sup>15</sup>

Sendo assim, a devoção subserviente do menino à figura paterna, tanto em aceitar os seus desígnios como em estender e reproduzir sua imagem em alguns personagens adultos, delinea o colégio interno como espaço de formação que perpetua o *status quo* e define o objetivo da formação, aprender a ser um homem virilmente digno, pronto a ocupar os mais altos cargos da sociedade<sup>16</sup>, como altivamente desmerece:

*eu recebia tudo convictamente, como o texto da bíblia do dever; e as banalidades profundamente lançadas como as sábias máximas do ensino redentor.*<sup>17</sup>

Dentro desse contexto, encontramos a figura paterna como um emblema daquela realidade social e educacional e, portanto, tendo a função importante de fazer o filho reproduzi-la. Na verdade, o que sustenta e reforça essa constatação é o destaque ao significado da relação nome/individualidade<sup>18</sup> na revelação do caráter, do posicionamento, e da função dos personagens no romance.

---

<sup>15</sup> Cf. Ference Fehé. *O romance está morrendo?*, 58-59.

<sup>16</sup> Veja-se que o desenvolvimento educacional e social do menino está diretamente ligado a manutenção da ordem vigente do “mundo lá fora”. Esta situação específica da obra no faz aproximá-la da tradição do Bildungsroman do séc. XVIII, no qual a história do desenvolvimento do herói se transformava na história da formação do mundo ( Cf. Arnold HAUSER, *História Social da Literatura e da Arte*, p. 752.)

<sup>17</sup> Cf. Raul POMPEIA, *O Ateneu*, p. 10.

<sup>18</sup> Nesse sentido, fundamentamo-nos em dois teóricos que discutem a relação nome/individualidade Ian Watt e Philipe Ariés, este último dirá que o nome representa o mundo da fantasia, enquanto o sobrenome o mundo da tradição. Watt, por sua vez, traça a seguinte definição histórico-literária a respeito desse aspecto: Logicamente o problema da identidade individual tem íntima relação com o *status* epistemológico dos nomes próprios; assim, nas palavras de Hobbes, os nomes próprios têm exatamente a mesma função na vida social: são a expressão verbal da identidade particular de cada indivíduo. Na literatura, contudo, foi o romance que estabeleceu essa função.

Nas formas literárias anteriores, evidentemente, as personagens em geral tinham nome próprio, mas o tipo utilizado mostrava que o autor não estava tentando criá-las como entidades inteiramente individualizadas. Os preceitos da crítica clássica e renascentista concordavam com a prática literária, preferindo nomes ou de figuras históricas ou de tipos. De qualquer modo os nomes situavam as personagens no contexto de um amplo conjunto de expectativas formadas basicamente a partir da literatura passada, e não do contexto da vida contemporânea. Mesmo na comédia, onde em geral as personagens não eram históricas, mas sim inventadas, os nomes deviam ser ‘característicos’, como nos diz Aristóteles, e tenderam permanecer como tal muito depois do surgimento do romance. ( In: *A ascensão do romance*. SP. Companhia das Letras, p. 20)

Veja-se que Sérgio criança se caracteriza como indivíduo apenas dentro dos limites do colégio interno, lugar onde pela primeira vez é pronunciado o seu nome, enquanto que o romancista salienta a tradição do colégio interno ao apresentar o nome completo do diretor, Dr. Aristarco Argolo Ramos. Além disso, em momento algum da narrativa, nos são apresentados os nomes dos pais de Sérgio, no entanto, suas funções são claramente delimitadas. A mãe, por exemplo, é uma personagem “pálida” na recordação dos anos de internato, e ao lado de D. Ema e Ângela nos auxiliam no conhecimento do perfil, bem como no reconhecimento do papel de somenos importância em nível sócio e educacional da figura feminina. Ao contrário da mãe, o pai é uma personagem constante e fixa; e ao lado de Aristarco são manifestações de deus, cuja idolatria e deslumbramento do primeiro contato incitam a ironia do narrador adulto em sua constituição deformada:

*Verdade é que não era fácil reconhecer ali, tangível e em carne, uma entidade outrora da mitologia das minhas primeiras concepções antropomórficas; logo após Nosso Senhor, o qual eu imaginara velho, feiíssimo, barbudo, impertinente, corcunda, ralhando por trovões, carbonizando meninos com o corisco. Eu aprendera a ler pelos livros elementares de Aristarco, e o supunha velho como o primeiro, porém rapado, de cara chupada, pedagógica, óculos apocalípticos, carapuça negra de borla, fanhoso, onipotente e mau, com uma das mãos para trás escondendo a palmatória e doutrinando à humanidade o b-a-bá.<sup>19</sup>*

Em *O Ateneu* especificamente, a figura do pai é fonte não apenas da devoção do menino, mas do seu sustento emocional e moral. Quinzenalmente o educando ia visitá-lo, o autêntico mentor dos seus anos de aprendizado, denunciando sua estreita ligação com a casa paterna:

*Deus permitira, na largueza pródiga da sua bondade, que eu revisse a nossa casa sobre os alicerces, o nosso tão lembrado teto e a chaminé tranqüila a fumar o esplim infinito das coisas imóveis e elevadas.<sup>20</sup>*

Ou ainda:

*Lembranças da família desviaram-me o curso às reflexões. Não havia mais a mão querida para acalentar-me o primeiro sono nem a oração, tão longe*

<sup>19</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 18.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 60.

*nesse momento que me protegia à noite como um dossel de amor, o abandono apenas das crianças sem lar que os asilos da miséria recolhem.*<sup>21</sup>

Essa subserviência à autoridade paterna não é sedução apenas para o menino, mas para o autor e também para a crítica. A figura do pai como objeto de devoção, como fixação, e como emblema de uma determinada sociedade é tema recorrente em quase toda a obra de Raul Pompéia, e discutido em alguns dos principais textos a respeito do romance *O Ateneu*. No caso específico da produção literária podemos destacar três momentos com certa afinidade: o manuscrito de abertura de *O Ateneu*, transcrito por Eugênio Gomes em artigo intitulado *Um inédito de Pompéia*, um episódio da novela *As jóias da Coroa*, onde o autor satiriza a relação pai/filho na manutenção da genealogia e da tradição, isto também em um trecho de *Cartas para o Futuro*, transcrita por Elói Pontes em *A vida inquieta de Raul Pompéia*

Em suas memórias, Sérgio adulto, considerará essa “dependência” à figura masculina adulta como fundamental para elaborar uma espécie de *teoria de formação do caráter*, e também para ministrar-lhe as primeiras informações dentro do colégio interno, e sobre o colégio interno.

Neste sentido, considerando o romance de Pompéia como uma vingança aos seus anos de estudante no colégio Abílio, Mário de Andrade destaca o fato de Sérgio em momento algum do colégio interno ter-se revoltado contra o pai<sup>22</sup>. Segundo o autor, que entende o romance como uma autobiografia, o escritor o respeita preconceituosamente, e não terá contra ele a menor palavra de amargura. Por um lado, é certo que o pré-adolescente não demonstra rebelião direta ao pai, mas é possível notar que além do pai biológico, ele se submete a uma problemática submissão à autoridade paterna que se encarna consistentemente em alguns personagens mais velhos. O Dr. Aristarco é sua principal evidência, sendo referido na narrativa como *a figura paternal de educador*. Aquele episódio do confronto entre Sérgio e Aristarco, após o atrito entre o educando e Bento Alves apresenta devidamente, entre outras coisas, a própria angústia do menino em se desfazer do controle opressivo da vigilância paterna de Aristarco.

---

<sup>21</sup> Cf. Raul POMPÉIA. *O Ateneu*, p. 34.

<sup>22</sup> Cf. Mário de ANDRADE, *Aspectos da literatura brasileira*, p. 174.

Tem-se ali um auto-retrato da índole desse personagem. De homem cordato no cumprimento do seu código moralizador, Aristarco é capaz de usar da própria força para manter tudo sob controle. Assim, ao decorrer a briga entre Bento Alves e Sérgio, o diretor insiste em saber a causa da desavença entre os dois alunos. A discórdia entre os dois companheiros de destino é apenas um aquecimento para o principal atrito de todo o período de internato: o afrontamento entre ego e ego, é o confronto esperado de todo o romance, a disputa de poder entre eu e eu, ou as duas almas que disputam ferozmente os aplausos de todo o Ateneu. Infelizmente, o colégio não assiste a esse confronto quase que apocalíptico, onde a criatura afronta diretamente o criador, contemplando a sua explícita face de deus irado:

*Desgraçado! Desgraçado, torço-te o pescoço!  
Bandalhozinho impudente! Confessa-me tudo ou mato-te.  
Em vez de confessar, segurei-lhe o vigoroso bigode. Fervia-me ainda a  
excitação do primeiro combate; não podia olhar conveniências de respeito.  
Esperneeí, contorci-me no espaço como um escorpião pisado. O diretor  
arremessou-me ao chão. E, modificando o tom, falou: 'Sérgio! Ousastes  
tocar-me!'  
Fui primeiro tocado! Repliquei fortemente.  
Criança! Feriste um velho!  
Ah! Meu filho, ferir a um mestre é como ferir ao próprio pai, e os parricidas  
serão malditos.<sup>23</sup>*

A confissão do jovem protagonista do seu arrependimento é a necessidade do diretor para se manter em sua condição de indivíduo divinizado diante da sua criatura mais desvelada por seus cuidados paternais. No entanto, essa criatura insiste em não confessar, conotando seu livre arbítrio, e incentivando ainda mais o conflito entre 'Titãs'. Segundo o código moralizador de Aristarco para essas criaturas rebeldes e rebeladas, a sanção é a verdadeira morte ou, ainda, a desintegração perpétua da criatura que deliberadamente desobedece. Sérgio criança insiste em sua desobediência e segura com vigor o bigode de Aristarco, seu objeto de fascínio e inveja, o qual o narrador destaca com precisão em alguns momentos da narrativa<sup>24</sup>. Conveniências à parte, é a sua grande oportunidade de

---

<sup>23</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p 151.

<sup>24</sup> Veja-se como o narrador adulto ao constituir a imagem física de Aristarco em alguns momentos da narrativa destaca o bigode do diretor: *Retorça-se sobre tudo isto um par de bigodes, volutas maciças de fios alvos, torneadas a capricho, cobrindo os lábios fecho de prata sobre o silêncio de ouro, que tão*

destruir o criador, mas a criatura, nesta afronta por afirmar-se como livre, dá início à infração da lei mais importante do universo escolar, a lei do parricídio.<sup>25</sup>

Nesse embate declarado, etapa na luta pelos merecimentos do menino, o diretor muda completamente de tom no decorrer do conflito, de um deus justiceiro a um deus que manipula a criação mediante as suas próprias fragilidades. O conflito entre os dois personagens pode objetivar a libertação da sina determinada a ele durante a sua apresentação ao diretor conferindo-lhe, dessa forma, um poder semelhante ou maior ao do educador-empresário dentro do universo escolar.

Desse confronto, Sérgio criança arranca apenas uns fios de bigode do diretor, o que é simbólico. O diretor sagaz e esperto exerce seu controle sobre o educando mediante o conhecimento de seu dilema pessoal. Ele é, portanto, duplamente amaldiçoado: primeiro por tentar, simbolicamente, matar o pai, afrontando-o diretamente, tentando conquistar sua autonomia através da rebelião; e segundo, substancialmente, por vislumbrar o verdadeiro caráter de Aristarco. Disto sobram apenas remorso, sentimento de derrota e a solidão moral.

Do conflito para a possibilidade de ruptura e renascimento encontraremos mais tarde o jovem protagonista solitário, numa declarada crise moral. O diretor, por sua vez, sai intacto e indiferente do confronto entre criador e criatura. Essa frustração em seus planos de rebelião parece desenhar-se autenticamente em seu arrependimento de crédulo e devoto da imagem divina do diretor, caracterizado por seus atributos de pais, mas sobretudo pelo seu discurso de autoridade paterna.

A vaidade de Sérgio é sumariamente esmagada pela vaidade do que já é em Aristarco, que existe naquele universo antes mesmo da sua gênese, e da sua entrada no colégio interno. Para destruir o diretor, apenas o parricídio; para detê-lo, porém, somente

---

*belamente impunha como retraimento fecundo do seu espírito (p. 13), ou confiava os majestosos bigodes brancos de marechal, pausadamente, como lambe o jaguar ao focinho a pregustação de um respasto de sangue.(p. 50); e ainda sua imagem quando do incêndio do colégio interno: Lá estava, a uma cadeira em que passara a noite, imóvel, absorto, sujo de cinza como um penitente, o pé direito sobre um monte enorme de carvões, o cotovelo espetado na perna, a grande mão felpuda envolvendo o queixo, dedos perdidos no bigode branco, sobrolho carregado.( p.205)*

<sup>25</sup> Outro tema recorrente na obra de Raul Pompéia, para tanto é interessante observar como o “tom” da narrativa de *Os parricidas* se assemelha muito a de *Histórias Extraordinárias* de Edgar Allan Poe. Sem dúvida, o mesmo peso de afeição e devoção ao pai mistura-se ou dá origem ao desejo de cometer o parricídio, e de cometê-lo.

incentivando um educando deslumbrado a ser algo mais além do que um simples aluno anônimo. É dessa forma que o diretor mantém Sérgio sob controle, profetizando sobre a sua vida de interno e delimitando seu destino durante o seu período de aprendizagem: ser a glória do Ateneu.

### 3.4. O Teatro do Mundo.

A abertura de *O Ateneu* caracterizada pelo primeiro ensinamento dos anos de aprendizado nos conduz, de imediato, à busca do conhecimento e reconhecimento da constituição do mundo representado no romance; à definição e o posicionamento do indivíduo enviado para esse mundo e, por fim, à reafirmação da importância da figura paterna que sabe, e que exerce determinada autoridade formativa:

*Vais encontrar o mundo...*

Esse fragmento de frase célebre que inicia a narrativa nada mais é do que um surpreendente ‘jogo discursivo’ de evidência e de mistério. Sua total clareza esconde a revelação da obra em suas bases mais adequadas.<sup>26</sup> A compreensão da obra, portanto, se subjugava a essa abertura, que sintetiza e funda ao mesmo tempo todos os elementos envolvidos, leitor/protagonista, autor/narrador, pai/filho, e Sérgio criança/Sérgio adulto, além disso pode oferecer a específica intenção de Raul Pompéia quanto à finalidade da elaboração da sua obra: mostrar e constituir o Mundo.

Dessa maneira, é importante ressaltar que a abertura do romance pela sentença do pai, reserva alguns questionamentos sobre a necessidade de identificar os três

---

<sup>26</sup> Segundo Pasta Júnior, a abertura de *O Ateneu* demonstra “sua finalidade ao romance e o empenho mais forte em apreendê-la (...) Verdadeiro rudimento de um rito (...) Nela cumpre embrionariamente, sob a forma necessária de um vasto rito coletivo e já secular, a lei inapelável de sua apreensão que a obra impõe a seus leitores. (...) ela pode se constituir como ‘mero acidente de recepção’, no entanto, ‘põe em cena, na execução do rito, o segredo de sua existência’, anunciando como nosso mesmo, e na ‘sua relação com o leitor, *O Ateneu* re-vela o seu segredo, ao mesmo tempo que o aprisiona: o leitor será, ali, ao mesmo tempo o acólito do rito e seu oficiante maior, tanto quanto aquele cujo ‘passamento’ então se celebra. (...) Não é uma experiência de comunhão, acompanha-se de um traço de despotismo sinistro, que tem muito de terrorismo. Algo de uma propedêutica da morte ou pacto de suicídio se celebra aí, de modo que não há exagero em designar *O Ateneu* pelos epítetos aparentemente contraditórios de ‘romance pedagógico ou de terror’; antes, será preciso compreender como essa relação se universaliza para a esfera da obra, aí incluída necessariamente sua recepção.” (*Pompéia: A metafísica ruínosa d’ O Ateneu*, (tese))

elementos fundamentais desse contexto: quem sentencia, para quem é dirigida a sentença, e como se caracteriza esse mundo. Primeiramente reconhecemos algo de intencional na elaboração dessa frase, ou dessa abertura do romance, portanto, neste momento, convenientemente, são definidos os papéis que nos interessam destacar: autor, leitor, e a obra.

É possível afirmar que o escritor funde naquele segmento de frase, o protagonista e os leitores. Trata-se, portanto de um autêntico ‘jogo discursivo’, onde o leitor se submete, de certa forma e até certo ponto, às perspectivas do narrador revestido de certa autoridade paterna; e ao próprio interesse e curiosidade do protagonista pelo universo escolar, fato que nos caracteriza como ‘itinerantes’, como ‘sujeitos em formação’ no que diz respeito à compreensão do universo formativo. Neste caso, a obra formaliza sua intenção pedagógica, *destinada a influir na educação e formação do leitor* aspecto considerado por Fábio Lucas em artigo já comentado. Esta intenção pedagógica do Bildungsroman é o seu próprio fundamento, segundo a proposta de Karl Morgenstern no ato da criação do termo. Ao retratar a Bildung do herói: sua origem, o início e o desenvolvimento de sua trajetória para amadurecimento, dá-se simultaneamente a do leitor, isto em maior extensão do que em qualquer outra espécie de romance.<sup>27</sup>

Temos, portanto, uma dupla situação que nos prende à narrativa de *O Ateneu*, a despeito de aceitarmos ou não a confecção do universo escolar, somos, em certa medida arrastados para lá, como também, de certa maneira, nosso ponto de vista prende-se ao do protagonista:

*Como uma regra, o Bildungsroman clássico faz com que o leitor perceba o texto através dos olhos do protagonista: o que é lógico, desde que o protagonista esteja passando pela experiência de formação, e a leitura também intente ser um processo formativo. A visão do leitor muda naquela do protagonista: ele se identifica com o herói, compartilha a parcialidade e individualidade de suas reações. Porém – até certo ponto – ele deseja se libertar dessa posição, porque descobre que o ponto de vista do protagonista, ao contrário de suas expectativas, não permite vê-lo, ou não o bastante, desde que também muitas vezes se confunda.*<sup>28</sup>

<sup>27</sup> Cf. Nota 56 do livro citado de Franco Moretti.

<sup>28</sup> “ As rule, the classical Bildungsroman has the reader perceive the text through the eyes of the protagonist: wich is logical, since the protagonist is undergoing the experience of formation, and the reading too is intended to be a formative process. The reader’s vision hinges then on that of the

O fragmento dessa frase célebre soa imperativamente se considerarmos inicialmente a relação autor/leitor. Nós, leitores, encontraremos o mundo constituído através da inserção do protagonista ao ambiente escolar. Por outro lado, se nos detivermos com precisão na relação pai/filho notaremos que esse fragmento representa mais outra autêntica profecia com respeito aos seus anos de aprendizado, os quais somos instigados a perseguir.

A sentença desse ‘contrato discursivo’ estabelecida entre pai/filho, escritor/leitor seduz e desperta o interesse daquele ( aqui consideramos especialmente o leitor que acompanha o herói em sua ‘viagem formativa’) que, de uma certa forma, introduz-se nesse universo sumariamente citado, no entanto, abstrato. Que mundo é esse que o narrador-autor, ou o pai-autor, ou ainda Sérgio adulto anuncia? Inicialmente, pode ser configurado através da oposição à casa paterna, no entanto, o Mundo de *O Ateneu*, como o protagonista, não possui um significado único, sua definição é resultante das muitas perspectivas e dos muitos interesses postos durante a narrativa; e ao mesmo tempo que denota o seu caráter de múltiplo, pode ser constituído pela soma de seus vários sentidos e de suas várias funções.

### 3.4.1. Um reino como representação e vontade.

O universo escolar decodificando tempo e espaço, em seu primeiro contato, representa para Sérgio a autêntica consubstanciação de seus desejos e interesses, ou, ainda, criação da sua pátria (Homeland), ou um momento privilegiado (privileged moment)<sup>29</sup>, portanto, suas “grandes esperanças” com respeito a uma nova realidade até então desconhecida. Dessa forma, o microcosmo do colégio interno interpreta um reino como a representação das suas esperanças e vontades ou um universo mítico e altamente interessante. Mas esse mundo sustentado pela *base fantástica da esperança*, configura-se de outra forma à medida de suas decepções e desilusões, revelando por um lado a monotonia no/do colégio interno: *daquelas altíssimas paredes do Ateneu, claras da*

---

protagonist: he identifies with the hero, sharing the partiality and individuality of his reactions. But – at a certain point – he wishes to free himself from this position, because he discover thrat the protagonist’s viewpoint, contrary to his hopes, does not allow him to see, or not enough, since it is too often mistaken” ( Franco.MORETTI, *The Way of the world*, p. 56)

<sup>29</sup> Cf. Franco MORETTI, *The Way of the world. The Bildungsroman in culture European*, p. 197.

caiação, do tédio, claras, cada vez mais claras<sup>30</sup>. Após o ímpeto de empolgação, o colégio é imediatamente corroído pela ironia do narrador que o designa, portanto e também como *espetáculo-escola, asilo da miséria, pântano das almas*. Essa ironia não significa apenas o desmerecimento ou a deformação do mundo, mas a forma adequada de recuperar seu poder sobre ele.<sup>31</sup>

Também é por intermédio do próprio deslumbramento do menino que o adulto destaca as principais características da estrutura e lógica do universo escolar, que ignorava enquanto criança: o Ateneu em *grande festa da educação física*, valorizando o ideal de ordem, bem como destacando a teoria da lei dos mais fortes, o sistema de regime militar, a hierarquia. Ali, ele deverá se tornar mais um aluno exemplar na constituição do propagandismo educacional incentivado pelo diretor do colégio; e ao mesmo tempo se submeter à massificação daquela organização dos trezentos alunos que lhe produziam a impressão do inumerável.

O espetáculo da festa de educação física comunicava-lhe certo prazer respeitoso. Espetáculo composto pelos disciplinados alunos em exercícios, *os anhos de militarismo*, pelo orgulhoso diretor, *elevado em seu orgulho como em um trono*, ou pelo discurso do professor Venâncio ao falar grosso, *o timbre da independência*. Essas impressões do primeiro contato são agora salientadas pelo narrador para marcar com nitidez sua ingenuidade de criança deslumbrada num outro universo completamente distinto da casa paterna, mas é também, material adequado para a concepção impressionista dos instantes e dos objetos do universo formativo.

---

<sup>30</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 113.

<sup>31</sup> Na verdade, esse universo dos primeiros contatos é a própria manifestação da consciência infantil, de seus desejos narcisistas e também da própria extensão da casa dos pais. Em suma, mundo e indivíduo são aspectos associados, daí as várias decepções que o revelam dissociado da personalidade e dos desejos da criança. Como observa Marthe Robert, a desilusão infantil diante dos primeiros contatos provoca num primeiro momento a evasão, mas logo a seguir a volta à realidade, seu reconhecimento e sua aceitação são possibilidades de domínio: *Ahora bien, ahí, precisamente, está la ambigüedad, ya que el niño fabula porque un primer contacto con la realidad lo deja gravemente desengañado. Sin desilusión no habría lugar a sueños. Pero si la realidad no comenzara a hacérsele patente, tampoco habría lugar a decepción ni, por conseguinte, a buscar la evasión. (...) Y por intensamente que quiera excluirse de su mundo decepcionante, necesariamente tiene que intentar, al mismo tiempo, conocerlo y dominarlo, tanto más cuanto que en ello está su única esperanza de recuperar una parte al menos del poder sobre las cosas concretas, en el cua se cree frustrado. (Novelas de los orígenes y orígenes de la novela, p. 56)*

Ao mostrar-se impressionado com os trezentos alunos de branco, o narrador comunica que, através dessa expressão, seu destino no colégio interno estará condicionado. Essa lógica da celebração da aparência o seduziu enquanto criança e o arrastou à outra lógica bem mais severa, a de se conformar às expectativas da política narcisista do diretor, que compunha sua seleção de alunos como o seu próprio alter ego. Portanto, sua autêntica imagem de aluno no Ateneu é: *em larga cinta vermelha, com alças de ferro sobre os quadris e na cabeça um pequeno gorro cingido por um cadarço de pontas livres.*<sup>32</sup>

Sob os critérios dessa celebração da aparência, que manifesta a manutenção da ordem no universo escolar, o conceito de individualidade significa compor os pelotões dos “trezentos animais” todos de branco, ou mais especificamente, submeter-se à amestrada disciplina, produzindo as manobras perfeitas de um exército sob o comando do mais raro instrutor.

Essa celebração da aparência, enquanto harmonia do colégio interno, também destaca a rija formosura masculina da plástica dos músculos, a qual esconde na exibição viril dos alunos as perversões sexuais; a lei dos mais fortes e as relações homossexuais mantidas entre os colegas. A mesma exibição dos *músculos do tronco, tendões de jarretes, a teoria toda do corpore sano*<sup>33</sup> será praticada na hora da natação pelos efebos.

Essa suposta harmonia e perfeição é ofertada a Sérgio como propaganda do internato através da imagem de alunos em fila indiana, cantando uma canção escolar ao ouvirem o toque para se recolherem. Aí o espetáculo parece ter findado quando pai e filho deslumbram a maior e melhor propaganda dos seus futuros dois anos de aprendizado, o próprio colégio interno iluminado:

*O Ateneu, quarenta janelas, resplendentes do gás interior, dava-se ares de encantamento com a iluminação de fora. Erigia-se na escuridão da noite, como imensa muralha de coral flamejante, como um cenário animado de safira com horripilações errantes de sombra, como um castelo de fantasma batido de luar verde emprestado à selva intensa dos romances cavalheirescos, despertado num momento da legenda morta para uma entrevista de espectros e recordações.*<sup>34</sup>

<sup>32</sup> Cf. Raul POMPEIA, *O Ateneu*, p. 13.

<sup>33</sup> *Ibidem*, *idem*.

<sup>34</sup> *Idem*, p. 16.

Nessa imagem do colégio que se ilumina coincidentemente no instante em que Sérgio se prepara para voltar para casa, concentra-se uma espécie de poder que condiciona o comportamento de todos os alunos do colégio: a sedução das coisas e a ditadura do olhar, sendo dissimulada na exaltação à beleza arquitetônica do edifício. Esse edifício iluminado, representado em todo o seu conjunto, e traduzindo o próprio universo do colégio interno é o último lance da sedução. A beleza, portanto, desperta-lhe o fascínio, cativando-o através dos principais sentidos que prendem os educandos à lógica do universo escolar, a visão e a audição, o que o arrasta *ao diretor do colégio e à matrícula* e em conjunto com a vaidade do pai, reforçam seu interesse pessoal, a responsabilidade ativa.

De fato, o conhecimento e o reconhecimento do universo formativo, como também sua aprendizagem e apreensão se dá mediante as próprias condições emocionais do menino. Nesse sentido, o universo formativo é tão enganoso e traiçoeiro à medida mesma de suas reações, variações e estados emocionais, que o constituem ou ideal ou realmente:

*No ano seguinte, o Ateneu revelou-se-me noutro aspecto. Conhecera-o interessante, com as seduções do que é novo, com as projeções obscuras de perspectivas, desafiando curiosidade e receio; conhecera-o insípido e banal como os mistérios resolvido, caídos de tédio...*<sup>35</sup>

O universo do colégio interno não é de maneira alguma dissimulado ou traiçoeiro, mas sim as emoções do menino, que o revestem de certos sentidos, funções e interesses narcisistas. Como o seu cotidiano não corresponde adequadamente às suas expectativas fantasiosas, seu percurso se sustenta não na base fantasiosa da esperança, mas em um massacrante e permanente mal-entendido. No entanto, são as sucessões de decepções e humilhações que o incitam a iniciar um percurso de observação, comparação e medidas, *va a substituir la fe por el espíritu de examen y la eternidad por la vacilante realidad del tiempo...*<sup>36</sup>

---

<sup>35</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 133.

<sup>36</sup> Cf. Marthe ROBERT, *Novela de los origenes y origenes de la Novela*, p.40.

Em contrapartida, a empolgação de Sérgio criança impõe-se um outro sentido e função ao colégio interno: o espaço para a moralização da juventude ou, mais especificamente, enclausuramento dos meninos<sup>37</sup>, como resultado da separação do mundo adulto e da substituição da família pela escola na educação infantil.

Cumprе salientar que, esse outro sentido e função do universo formativo compõe-se e reforça-se através da figura do diretor e de seus métodos de ensino<sup>38</sup>, portanto, a crítica do narrador que desmerece esse personagem tenta atingir devidamente os valores e os princípios daquela realidade sócio-educacional do Império brasileiro. Desta forma, o Dr. Aristarco é também apenas caricatura emblemática daquele estado de coisas, e neste contexto é um “elemento” dificilmente dissociado do colégio interno.

O desmerecimento irônico à dedicação vaidosa do diretor do Ateneu em torná-lo ambiente propício para a atuação educativa e, por conseguinte, o meio eficaz de operar a transformação moral da sociedade, educando os meninos para influenciarem no destino do país, atinge a aparência do colégio como espaço da e para a moralização. Essa ambição narcisista de Aristarco é objeto de crítica do narrador:

*Uma sementeira razoável; não se fazia rogar para florescer. Corações de terra roxa, onde as lições do bem pegavam vivo. Era cair a semente e a virtude espipocava. Uma maravilha aquela horta fecunda (...) Horta paradisiaca que ufanava-se de cultivar! A distribuição dos prêmios mostraria.*<sup>39</sup>

---

<sup>37</sup> Ariés, 1996, já destacou a importância da escolarização na descoberta do sentimento de infância pela sociedade ocidental. A partir do fim do século XVII, ela substituiu a aprendizagem como meio de educação, assim a criança é “afastada” dos adultos e mantida à distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi a escola, o colégio. Começou-se então um longo processo de enclausuramento das crianças ( como dos loucos, dos pobres, e das prostitutas) que se estenderia até nossos dias, e ao qual se dá o nome de escolarização.

A separação das crianças do mundo dos adultos deve ser entendida como um grande movimento de moralização promovido por reformadores católicos e protestantes ligados à Igreja, às leis ou ao Estado, e só foi possível graças à cumplicidade da família, que passou a atribuir importância à educação.

Tratava-se de um sentimento inteiramente novo: os pais se interessavam pelos estudos de seus filhos e os acompanhavam com uma solicitude habitual nos séculos XIX e XX.

<sup>38</sup> Essa realidade de *O Ateneu* serviu de base para os inúmeros textos de sua recepção crítica que discutiram amplamente a veracidade e a fidelidade da obra no sentido de confirmá-la como autobiografia. Esta postura também se faz notória no livro *O ensino secundário no Império Brasileiro*, onde Haidar ao se referir a Abílio Cesar Borges e ao Colégio Abílio faz ligação imediata ao personagem Aristarco e ao Ateneu, para tanto, confira “A Iniciativa particular e a liberdade de ensino”, p 197-8.

<sup>39</sup> Cf. Raul POMPEIA, *O Ateneu*, p. 05.

A ironização, portanto, ataca duramente a falsa idéia do ambiente escolar como espaço para a moralização da juventude, apanha conjuntamente o diretor do colégio: *autocrata excelso dos silabários* ou a sua caricaturização, *a educação da inteligência, a educação moral, o progresso do ensino público, um anúncio*.

Como espaço que separa as crianças do mundo dos adultos, evitando, desta forma, as influências corruptoras da sociedade, através do enclausuramento e da aprendizagem da moral, o sentido e a função do internato são francamente constituídos e enfatizados através do recurso da ironia e da caricatura. Nesse caso, oferece-nos um sentido duplo e inter-relacionado de deformação. O autor ao ironizar a realidade e o discurso educacional que fundamentam a moralização da mocidade, deforma-a. E esta deformação revela uma outra realidade educacional, a do “submundo do internato”.

Além disso, é preciso salientar que o colégio interno é, simultaneamente, destacado como a sociedade dos eleitos<sup>40</sup> e estabelecimento comercial, *onde se escondem as aspirações materiais de um empresário e o sonho doentio de um megalomaniaco*<sup>41</sup>

O Ateneu é um colégio da elite aristocrática, *fábrica de rapazes com todas as prendas para brilhar na Corte*<sup>42</sup>, cuja admissão através da matrícula tem como principal critério a própria condição econômica dos pais enriquecidos ou *pela setentrional borracha* ou *pela charqueada do sul*. E, como registra Sérgio adulto, tratava-se a juventude do internato sob uma ótica estritamente econômica, da *finá flor da sociedade brasileira* que ia *abeberar-se à fonte espiritual do Ateneu*. Assim, o Ateneu, segundo destaque de Rego (1981), nada mais seria do que a caricatura dos colégios que eram o orgulho da Corte.

Segundo Azevedo, colégios internos no Império brasileiro, como o Ateneu do romance de Pompéia, caracterizavam-se pela educação do tipo aristocrático, destinada à

---

<sup>40</sup> Esse ambiente escolar onde se representa, reproduz e exalta os princípios e os valores da elite aristocrática brasileira do século passado tem como um dos fiéis representantes o Colégio Pedro II, escola tanto de Pompéia quanto do Príncipe D. Pedro. A propósito o autor de *O Ateneu* não restringiu a sua crítica mordaz à essa espécie de instrução (sua filosofia educacional, seus métodos e até o corpo docente), mas a desenvolveu em uma de suas crônicas intitulada *Colégio de Pedro II*, onde ataca também a Monarquia brasileira, como um atraso social. Os leitores devem conferir “*Escritos Políticos*”.

<sup>41</sup> Cf. Laura. HOSIASSON. In: Leyla Perrone-Moisés (org). *O Ateneu: Retórica e Paixão*. p. 71.

<sup>42</sup> Cf. José Lins do REGO, *Dias idos e vividos*, p. 440.

preparação de uma elite para ocupar os mais altos cargos da sociedade. Em outras palavras, um instrumento de seleção e de classificação social:

*Nesse regime de educação doméstica e escolar, próprio para fabricar uma cultura anti-democrática de privilegiados, a distância social entre os adultos e as crianças, o rigor da autoridade, ausência da colaboração da mulher, a grande diferença na educação dos dois sexos e o predomínio quase absoluto das atividades puramente intelectuais sobre as bases manual e mecânicas, mostram em que medida influiu na evolução de nosso tipo educacional a civilização baseada na escravidão.<sup>43</sup>*

A intenção de discorrer sobre a possibilidade de compreensão e vislumbre do tipo de mundo para o qual é enviado o menino agora parece clarear-se, tendo em vista as próprias perspectivas e interesses educacionais de sua trajetória: *Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta.<sup>44</sup>*

Portanto, a sentença refere-se ao seu período de internato; a frase imperativa é a fala do pai de Sérgio que, diante do portão do colégio interno, o apresenta ao filho como o mundo onde deverá empenhar-se pela luta dos merecimentos pessoais. Quem anuncia a fatídica profecia é o pai de Sérgio, e a frase célebre considerada no seu todo caracteriza os anos de formação. Assim, a construção *vais encontrar o mundo* empalidece a relação autor/leitor, ao lermos completamente a frase e detectarmos quem a anuncia e para quem é anunciada.

Do ponto de vista da narrativa propriamente dita, é o narrador que retoma dos seus anos de aprendizado a imagem sua e de seu pai diante do portão do Ateneu. O pai toma a decisão de matriculá-lo no colégio interno informando-o que o mundo é uma “arena de lutas”<sup>45</sup>, o que é claramente a idéia do romance de formação propugnada por Jost François: o jovem inquieto se submete à experiência de mundo<sup>46</sup>, também significando arena, ou terreno de exercícios.

À luz do Bildungsroman os anos de aprendizado representarão para o protagonista, o período de contato mais direto com as forças que regem a sociedade pela obra indicada, o que pode redundar, simultaneamente, na integração à realidade do mundo

---

<sup>43</sup> Cf. Fernando AZEVEDO, *A Cultura Brasileira*, p. 335.

<sup>44</sup> Cf. Raul POMPEIA, *O Ateneu*, p. 11.

romanesco, a estruturação da sua individualidade, sobretudo, revela os eternos conflitos entre eu e o Mundo, conforme já o salientou Hegel:

*Pois bem, essas lutas nada mais são no mundo moderno que os anos de aprendizado, a educação do indivíduo junto à realidade presente, e por isso conservam seu verdadeiro sentido. Pois o fim de tais anos de aprendizado consiste em que o sujeito apare as arestas, conforme-se com seu desejo e sua opinião às situações existentes e à racionalidade delas, insira-se no encadeamento do mundo e obtenha nele um ponto de vista apropriado.<sup>47</sup>*

Esta mesma idéia da aprendizagem, através do conflito entre indivíduo e sociedade, manifesta-se no discurso do Dr. Cláudio sobre o regime de internato, que o defende contra a má fama que lhe atribuíam: *O internato com a soma dos defeitos possíveis é o ensino prático da virtude, a aprendizagem do ferreiro à forja, habilitação do lutador na luta.<sup>48</sup>*

Segundo o presidente efetivo do *Grêmio Amor ao Saber*, a educação da juventude não deve valorizar a ilustração do espírito, mas o forte exercício do caráter dos educandos para a convivência em/com uma sociedade corruptora, *onde se vão sofrer todas as convivências, respirar todos os ambientes, onde a razão da maior força é a dialética geral.<sup>49</sup>* Para tanto, se faz necessária a desilusão com o carinho doméstico e o esmagamento e a disciplina dos *generosos ardores da alma primitiva*. O internato oferece ao jovem o convívio com indivíduos e circunstâncias de todas as espécies, no entanto, além da prova de resistência de caráter, essa filosofia e método educacional incentivam a lógica dos mais fortes, da mesma forma que insufla uma certa teoria fatalista dos predestinados para a glória e para o sucesso social:

*A energia para afrontá-las é a herança de sangue dos capazes da moralidade, felizes na loteria do destino. Os deserdados abatem-se.*

.....  
*O internato é útil; agita-se como a peneira do garimpeiro: o que vale mais e o que vale menos, separam-se.*

---

<sup>46</sup> Cf. *La Tradition du Bildungsroman*. In Comparative Literature. p. 109

<sup>47</sup> Apud LÚKÁCS, p. 619.

<sup>48</sup> Cf. Raul POMPÉIA. *O Ateneu*, p. 175.

<sup>49</sup> *Ibid.*, p. 174.

*Cada mocidade representa uma direção. (...) O colégio não ilude: os caracteres se exibem em mostrador de franqueza absoluta. O que tem de ser, é já.*

.....  
*Os caracteres que ali triunfam, trazem ao entrar o passaporte do sucesso, como os que se perdem, a marca da condenação.*

.....  
*(...) Os débeis sacrificam-se; não prevalecem. (...)<sup>50</sup>*

Trata-se de explícita exaltação à superioridade e dignidade viril e, conseqüentemente, o incentivo à hierarquia e à exclusão social nas suas mais variadas formas e tudo em nome da moralização da sociedade. Deste modo, o percurso dos educandos serve de aplicação e exemplificação dessa mesma filosofia e lógica educacional.

No entanto, é preciso salientar que a intenção do narrador em constituir e mostrar o Mundo como uma “arena de lutas” é anterior a *O Ateneu*, podemos encontrar a ênfase e o desenvolvimento dessa idéia em outras de suas produções literárias, mais claramente em *Alma Morta*,<sup>51</sup> publicada na *A Gazeta da Tarde*, em 1886, tendo logo a seguir o título definitivo de *Cartas para o Futuro*. Aqui reproduzimos o trecho sobre o Mundo:

*Meu filho – Em tempo, has de ver o mundo. O mundo é uma especie de circo enorme de feras, onde os homens combatem, em nome do ventre. Cada qual porfia a ver quem vai mais gordo para o tumulo. Feliz quem póde ver o combate do lado de fóra. O amphitheatro tem archibancadas mas raros são os espectadores. Se tiveres força para galgar um posto nos assentos da archibancada poderás ver o grande espetaculo. Os gladiadores batiam-se mís, os nossos combatentes degladiam-se mascarados. Não é a viseira de aço dos heroes medievaes do torneio, mas simplesmente a mascara dos carnavaes, talhada a capricho no estofa precioso da astucia e da hypocrisia. Ganhar a*

---

<sup>50</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 127-9.

<sup>51</sup> Brito Broca e Elói Pontes (1935) fazem comentários sobre esta obra, sua caracterização e sentido. Trata-se de uma espécie de filosofia derrotista, ecos de Hartmann e Schopenhauer, como comenta Pontes: ahí se evidenciam uma espécie de nihilismo implacável, que reduz tudo a sentimentos egoísticos e subalternos. A obra se caracteriza como uma série de divagações amargas e dissolventes sobre a Sabedoria, o Gênio, a Vaidade, a própria Virtude, tudo que pode constituir a razão de ser da existência, e que o autor submete a uma análise sumária, concluído da sua completa inaniidade. ( p.33.)

*vida é a lei doutrinada pelo desposta Intestino e pelo tirano Estomago. A carne quer viver, o prurido da vitalidade estimula e agita as fibras. No fundo isto é sombrio. A fibra é mortal, a morte é vertigem. A sede de vida bem analysada é o manifesto desta vertigem. O goso gasta; a carne quer o goso, contrasenso de destruição, absurdo horrível como se fôra o ferro reclamando a lima. As vezes, no delirio da asphyxia por submersão, o individuo que se afoga agarra-se terrivelmente ás algas do mar e ás pedras do fundo, julgando que por ellas subirá á tona e imaginando aterrado, que a força das aguas que o impelle para a superficie é ao contrario a morte que o chama para o abysmo. Semelhante é a ilusão da carne. Viver! Mas este grito é um desvairamento. A intensidade da vida é suicídio do goso. Homens que luctaes pela vida, quereis gosar? Quereis viver intensamente pelo estomago, pelo amor? Funebre ambição de suicidas! Os sentidos são exactamente as cinco cadeias formidaveis que nos prendem á terra, isto é, á lama ao tumulto. Filhos da terra, feitos de lodo, como diz o trapo biblico, a nossa bôa mãe tem sobre nós o direito da vida e de morte e delle se aproveita como melhor lhe parece. A terra nos alimenta e se alimenta de nós. Douradas messes de trigo brilhando ao sol como cabeças louras de crianças, uberrimos pomares carregados de macios fructos, frescas hortaliças verdejantes, rebentando aos impetos do viço, de um solo prodigioso de fertilidade, dons generosos da natureza, tudo há de ser pago a bom preço no devido prazo. Esta mãe generosa, que nos dá nutrição, não passa de uma terrível estalajadeira que, no dia do ajuste de contas, reclamará para o seu ventre aquella carne que ella fez engordar e aquelle sangue que ella fez mais rubro.*

*Onde estavamos nós antes de carecer dos obsequios da terra? Perguntae-o ao amor. Viviamos no turbilhão dos germens, com o qual nos havemos de confundir novamente pela morte. Servindo-se do inconsciente amor, a natureza tirou-nos de lá, por um mysterioso capricho; parece que unicamente para ficarmos devendo obrigações á terra, que sempre a tempo, implacavel credor, reclama o pagamento das duas contas, fechando-nos na cara, sem mais nem menos, o livro das transacções. E os ganhadores da vida anceiam pela saciedade dos sentidos, como a emancipação suprema. Enchei de falerno os vossos chrystaes. Os vossos brindes á vida serão hymnos ao mesmo tempo de morte. Bebei o prazer. Bebei! Este nectar envenenando vos há de trahir. A vida dos*

*venturosos é como um faustoso banquete com a apoplexia por desenlace forçado. A última libação, caireis por terra. A plethora da saciedade vos há de afogar como uma inundação diluviana. O amphitheatro do mundo tem este miseravel caracteristico: combate-se sem saber porque, mas a todo o transe. E a parva humanidade se dilacera, como uma multidão de loucos apunhalando-se nas trevas. Mercador porque roubas ao que te compra? Advogado porque jogas com a mentira? Magistrado porque vendes a justiça? Medico, porque assassinas, sob protecção da lei, armado de ignorancia e audacia? Sacerdote porque vendes a tua hypocrisia e os teus exorcismos? Soberano porque tyrannisas? Conquistador porque saqueias? Pae porque vende a tua filha? Mulher porque vende a tua carne? Quereis o pão...quereis a vida...quereis a saciedade...Pois bem, quando houverdes perpetrado todas as traições, mercadejado todas as cousas santas, pudor, consciencia, abusado da fraqueza dos pequenos e da timidez dos ignorantes; quando houverdes, á farta, fingido, roubado, enganado, victimado, rebaixado á vós mesmos e aos outros; quando tudo estiver por vós explorado, fraude, abuso, suborno, homicídio, estupro, prostituição, toda a casta de infamia e depravação, todo o genero de miserias, desde a falsa fé até ao incesto; quando houverdes, em vosso proveito, destruindo todos os altares, desde o templo austero da justiça até aos santuarios risonhos do amor, conspurcado com as vossas mãos de iconoclasta moral todas as canduras, escarrado ao rosto do ancião, assassinado o infante, violado a donzella; quando houverdes percorrido a escala dos recursos torpes e das satisfações vis; quando houverdes finalmente triumphado, então, de surpresa, o guante gelado e potente da morte vos tomará pela garganta...Todas as luctas, como se não houvessem nunca existido, estarão n'esse dia perdidas na nihilidade do passado; dentro de vós, a memória dos vossos feitos será como um phantasma negro, a gesticular ameaças; todas as vossas infamias victoriosas, que vos facultaram o goso e a abundancia, insurgidas agora contra vós, serão elementos de uma tortura profunda, infinita...E então, sobre o vosso peito ofegante e agoniado, tombará um peso formidável, e o guante gelado, como uma tenaz de ferro, fechar-se-há completamente á vossa garganta ...Depois o nada. Eis ahí! Tanto esforço de infamia, tanta energia de torpezas. Luctar, luctar , luctar, debater-se na lama...para conquistar uma agonia pavorosa,*

*imagem perfeita das dores eternas, cruciantes dos enfermos e o nada subsequente – o nada! Grande premio para as luctas da vida. Entretanto, a arena do mundo está cheia de campeões, a luta é a peleja perpetuamente empenhada.*<sup>52</sup>

Veja-se que este trecho de *Cartas para o futuro* se inicia de forma semelhante a *O Ateneu*, esta semelhança destaca a mesma situação do romance: pai/filho, autor/leitor, assim como a necessidade de chamar a atenção para o objetivo da narração: a revelação de um mundo, e a sua conseqüente constituição: *Vais encontrar o mundo/ Em tempo has de ver o mundo*. O tom da narração faz lembrar o ressentido e amargo Rebelo ao descrever a juventude pervertida do colégio interno para Sérgio, o que reforça a imagem de um indivíduo extremamente moralista. No desenrolar de seu percurso, esse mundo será constituído sob diversas designações, resultantes das experiências individuais de cada companheiro de internato, com os quais o protagonista mantém contato, lembrando que a sua reformulação por esses personagens passa devidamente por outra reformulação conveniente, a do narrador adulto na recordação dos seus tempos de internato.

Através de uma experiência estritamente individual, esse pai do trecho de *Cartas para o Futuro* impõe uma concepção de mundo tomada como verdade, que significa o eterno choque entre indivíduo e realidade circundante. Dessa especulação emerge o conceito de mundo – o que não é dado imediatamente no *O Ateneu*: *O mundo é uma especie de circo enorme de feras, onde os homens combatem em nome do ventre*, ou mais especificamente designando-o como um inimigo feroz e a vida como uma luta: *Luctar, luctar, luctar, debater-se na lama (...)* *Grande premio para as luctas da vida. Entretanto, a arena do mundo está cheia de campeões, a luta é a peleja perpetuamente empenhada.*

No início da narrativa encontramos o pai apontando para o *Ateneu*, e recomendando-o coragem para o embate. Ao contrário disso, e em oposição a toda concepção de mundo anteriormente posta, os últimos instantes da narrativa, apesar de aparentemente registrar uma circunstância banal, decodifica uma significativa mudança de sentido de Mundo:

---

<sup>52</sup> Apud, PONTES, 1935, p.174.

*A primeira vez que me levantei, trêmulo da fraqueza, Ema amparou-me até à janela. Dez horas. Havia ainda a frescura matinal na terra. Diante de nós o jardim virente, constelado de margaridas; depois, um muro de hera, bambus à direita; uma zona do capinzal fronteiro; depois casas, torres, mais casas adiante, telhados ainda à distância, a cidade. Tudo me parecia desconhecido, renovado. Curioso esplendor revestia aquele espetáculo. Era a primeira vez que me encantavam assim aquelas gradações de verde, o verde negro, de faiança, luzente da hera, o verde flutuante mais claro dos bambus, o verde claríssimo do campo ao longe sobre o muro, em todo o fulgor da manhã. Tetos de casas, que novidade! Que novidade o perfil de uma chaminé riscando o espaço! Ema entregava-se, como eu, ao prazer dos olhos. Sustinha-me em leve enlace; tocava-me com o quadril em descanso.*

*Absorvendo-me na contemplação da manhã, penetrando de ternura, inclinei a cabeça para o ombro de Ema, como um filho, entrecerrando os cílios, vendo o campo, os tetos vermelhos como coisas sonhadas em afastamento infinito, através de um tecido vibrante de luz e ouro.*

*Desde essa ocasião, fez-se-me desesperada necessidade a companhia da boa senhora. Não! Eu não amara nunca assim a minha mãe. Ela andava agora em viagem por países remotos, como se não vivesse mais para mim. Eu não sentia a falta. Não pensava nela...Escureceu-me as recordações aquele olhar negro, belo, poderoso, como se perdem a linhas, as formas, os perfis, as tintas, de noite, no aniquilamento uniforme da sombra...Bem pouco, um resto desfeito de saudades para aquela inércia intensa, avassalando.*

*Apavorava-me apenas um susto, alarma eterno dos felizes, azedume insanável dos melhores dias: não fosse subitamente destruir-se a situação. A convalescença progredia; era um desgosto.*

*No pequeno aposento da enfermaria, encerrava-se o mundo para mim. O meu passado eram as lembranças do dia anterior, um especial afago de Ema, uma atitude sedutora que se firmava na memória como um painel presente, as duas covinhas que eu beijava, que ela deixava dos cotovelos no colchão premido, ao partir, depois da última visita à noite, em que eu ficava como esperar que eu dormisse, apoiando o rosto nas mãos, os braços na cama, impondo-me a letargia magnética do vasto olhar.*

*O meu futuro era o despertar precoce, a ansiada esperança da primeira visita...<sup>53</sup>*

Ao contrapormos essa passagem de *O Ateneu* às concepções de mundo e de vida designadas tanto pelo trecho de *Cartas para o futuro* como pelo discurso do Dr. Cláudio, observamos algumas considerações interessantes que fogem (e se opõem) a essas posições. Veja-se que a figura masculina presente através da devoção e da dependência do menino o abandona adoentado, enviando-lhe uma carta dissertando sobre o futuro como tempo corruptor. Agora, seu futuro não significava mais a escalada para a glória, mas *o despertar precoce, a ansiada esperança da primeira visita*; Ema passa a ser a ambição mais precisa de Sérgio, revelando-se em algumas funções fundamentais para ele:

<sup>53</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p.197.

enfermeira, mãe, possível amante e indicadora de um novo mundo. Observe-se também que o mundo para o pré-adolescente se torna duplo: por um lado, o seu pequeno aposento da enfermaria, por outro, o “mundo lá fora”. Apontado por Ema, este destoa, em sua constituição completamente das concepções de *Cartas para o futuro* e do Discurso do Dr. Cláudio: um jardim virente, uma cidade desconhecida e renovada, o espetáculo da novidade que lhe despertava outras sensações e impressões, além de seu sentimento de busca e descoberta.

## **Capítulo 4 : Programa do pequeno mártir ad majorem gloriam**

É bom que o homem que pela primeira vez entra no mundo faça uma grande idéia de si próprio, pense em obter-se muitas vantagens e procure fazer todo o possível; mas quando sua formação atinge um certo grau, é vantajoso que aprenda a se perder numa grande massa, aprenda a viver para os outros e a se esquecer de si mesmo numa atividade apropriada ao dever, Só então aprende a conhecer a si mesmo, pois é a ação que verdadeiramente nos compara aos outros. O senhor logo irá descobrir que em sua proximidade se encontra um pequeno mundo e o quanto o senhor é bem conhecido nesse pequeno mundo; amanhã cedo, antes de o sol nascer, esteja vestido e preparado. (*Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, p. 489)

#### 4.1. A Glória do Ateneu.

De certa forma, a definição da individualidade de Sérgio criança está intimamente relacionada ao exercício de poder e de autoridade. O poder de se distanciar da família, “como um homem”, de se empenhar sozinho na luta pelos merecimentos; como também na confiança em suas próprias forças. O seu caráter, conseqüentemente, é marcado pela falsa consciência de que ele é dono do seu destino e responsável por ele.<sup>1</sup> Essa convicção é exercida à medida em que elabora todo um esquema para manipular seus colegas como os seus queridos pelotões de chumbo<sup>2</sup>, sobrepondo-se a eles em matéria de dignidade moral e viril.

A partir da obsessão do menino pela ascensão moral, podemos entender seu comportamento, suas estratégias e sua idéia de individualidade como traduções da rebeldia de um individualismo moderno, posto que ainda romântico, o que já indicou Bosi.<sup>3</sup> O conceito de indivíduo que o protagonista elabora, assim, mediante sua prática é a de um indivíduo moral e eticamente superior, e destacado dos demais.

Não se trata, portanto, da vaidade proveniente de um conhecimento intelectual qualquer, mas antes da responsabilidade ativa, ou mais especificamente, da tentativa de exercer sua virilidade de homem digno, ou mais ainda, da possível herança de uma atitude de divinização muito bem posta pelo Dr. Aristarco, a qual o deixa embasbacado.

Para a sua definição de individualidade, como afirmação pessoal diante dos trezentos alunos, e celebração como exemplo de virtudes, Sérgio criança se defrontará com a pior das instituições do universo escolar que é o ego do diretor. Ao pré-adolescente caberá adotar sua causa santa da instrução, apreender as sábias máximas da bíblia do dever para tornar-se um cidadão influente no destino do país. Assim, a transformação moral da sociedade, para o diretor do Ateneu, constituía-se a partir da sua filosofia educacional:

---

<sup>1</sup> Cf. Hans J. MORGENTHAU e Ethel PERSON. “As raízes do narcisismo”. In: *Diálogo*. nº 1, p. 29.

<sup>2</sup> Bosi já salientou o início da recordação dos anos de aprendizado de Sérgio destacando sua relação com os brinquedos, indicando haver certa simbologia na constituição dos anos formativos do herói, assim, “aparecem, em primeiro lugar os velhos soldadinhos de chumbo, expressão ingênua da onipotência infantil que faz e desfaz a guerra e a paz entre as nações, e tudo destrói num átimo, para em seguida tudo recriar com um simples gesto de mão. É um reino de graça onde a fantasia brinca em liberdade. Não há estorvos entre o desejo e o real que se chamam um ao outro em um diálogo amoroso de imediatez e transparência.” (*Céu, inferno, ensaios de crítica literária e ideológica*, p. 34).

<sup>3</sup> Cf. Alfredo BOSI, *Céu, inferno, ensaios de crítica literária e ideológica*, p. 47.

introdução de métodos novos, supressão absoluta dos vexames de punição, modalidades aperfeiçoadas no sistema das recompensas, ajeitação dos trabalhos, de maneira que seja a escola um paraíso. Quanto a isso Aristarco demonstra estar bem determinado:

*'Um trabalho insano! Moderar, animar, corrigir essa massa de caracteres, onde começa a fervilhar o fermento das inclinações; encontrar e encaminhar a natureza na época dos violentos impetos; amordaçar excessivos ardores; retemperar o ânimo dos que se dão por vencidos precocemente; espreitar, adivinhar os temperamentos; prevenir a corrupção; desiludir as aparências sedutoras do mal; aproveitar os alvoroços do sangue para os nobres ensinamentos; prevenir a depravação dos inocentes; espiar os sitios obscuros; fiscalizar as amizades; desconfiar das hipocrisias; ser amoroso, ser violento, ser firme; triunfar dos sentimentos da compaixão para ser correto; proceder com segurança, para depois duvidar; punir para pedir perdão depois. Um labor ingrato, titânico, que extenua a alma, que nos deixa acabrunhados ao anoitecer de hoje, para recomeçar com o dia de amanhã...Ah! meus amigos, concluiu ofegante, não é o espírito que me custa, não é o estudo dos rapazes a minha preocupação...É o caráter! Não é a preguiça o inimigo, é a imoralidade!'* Aristarco tinha para esta palavra uma entonação especial, comprimida e terrível, que nunca mais esquece quem a ouviu dos seus lábios. 'A imoralidade'<sup>4</sup>

Dessa maneira, presentes estão as preocupações e uma espécie de esquema para a manutenção da ordem e do equilíbrio do universo escolar segundo as ambições do diretor do colégio interno. A manutenção de Aristarco como indivíduo virilmente digno depende do adestramento de todos os trezentos alunos às suas concepções sobre moral e ética de comportamento. Para isso, doutrina e coação são os seus principais métodos educacionais: *a justiça é o meu terror e a lei é o meu arbítrio* - confessa o diretor ao pai de Sérgio.

Em tese, o ritmo do universo escolar deve-se à observação das sábias máximas do ensino redentor, e ao código moralizador de Aristarco, que conduzirão os educandos à conquista do saber e da moralidade ou do saber pela moralidade. Dessa forma, segundo o discurso de Venâncio sobre a importância dos mestres na formação do caráter do indivíduo, o professor nada mais é do que um *anjo da guarda* que esclarece aos educandos uma *jornada inteira do futuro*.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p.24.

<sup>5</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 10.

O futuro é a glória, e por isso é corruptor, como expõe o pai de Sérgio em uma missiva a ele enviada, dissertando sobre a função e a influência do tempo na formação do indivíduo. Ao contrário do passado, que é o tempo que afrouxa, efemina e transgride o caráter através da saudade, da tristeza e da evasão proveniente da covardia diante das coisas atuais; e a despeito do presente, tempo da virilidade, que coloca o indivíduo em constante diálogo e conflito com as circunstâncias que enrijecem a personalidade como ele mesmo sugere: *Salvar o momento presente. A regra moral é a mesma da atividade*. De outro modo essa orientação para o futuro é a tendência original do romance que funda o seu mundo<sup>6</sup>. É o tempo ideal da celebração do indivíduo; tempo da busca, da descoberta e da possível corrupção:

*Quanto à linha da conduta: para diante. É a honesta lógica das ações. Para diante, na linha do dever, é o mesmo que para cima. Em geral, a despesa de heroísmo é nenhuma. Pensa nisto.*<sup>7</sup>

Pela glória do futuro, Sérgio encarna seriamente, no presente, o pequeno mártir do colégio interno. O processo para tornar-se a glória do colégio interno fundamenta-se, portanto, em uma espécie de evasão, onde o menino frustrando as teorias do pai, não se corrompe, antes mantém-se em si.

Em nome do seu ideal o protagonista elabora e cumpre seu programa de pequeno mártir *ad majorem gloriam* e, convenientemente, admite a religião temporariamente como reposta aos seus desejos narcisistas de ser aclamado o aluno mais virtuoso de todo o colégio interno.<sup>8</sup> Para tanto, acredita cegamente em sua “teologia

---

<sup>6</sup> Cf. Ference FEHÉR, *O romance está morrendo?*, p. 41.

<sup>7</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, 197-8.

<sup>8</sup> Destacando especificamente essa necessidade do herói de afirmar sua presença irrepitível no mundo dos trezentos alunos de branco, fugindo de certa forma da alienação reinante no colégio interno, a tese de A Girad, em “Évolution sociale et naissance de l’intime” parece aplicar-se devidamente aos anos de aprendizado de um pré-adolescente que encontra no narcisismo a resposta a sua crise de adaptação: ‘O crescimento demográfico de finais do século XVIII faz com que a juventude preencha em forças as estruturas da vida social, provocando uma alteração na escala de idades; as cidades crescem, os indivíduos mantêm entre si relações essencialmente funcionais, sentem cada vez mais sua solidão e a necessidade no mundo. Desvanece-se a imagem clássica da sociedade imóvel, ordenada, agora substituída por uma imagem de mundo em movimento. Dessacralizada a realidade social, o eu aparece como único valor absoluto e a intimidade como único refúgio. E a afirmação individual torna-se mesmo contestação social, forma de marginalidade e de realidade.’ (apud ROCHA, Clara, s/d. p. 17)

pessoal”<sup>9</sup>: a personificação do pequeno homem, devendo manter essa imagem diante dos companheiros de destino para angariar suas próprias benesses.

É, portanto, a experiência religiosa a forma ideal de canalizar a sua ambição pela ascensão social, ou de exprimir amplamente e sem pudor toda a sua megalomania e narcisismo, como ele mesmo registra: *Devo, entretanto, à minha efeméride religiosa a maior soma de gratidão ou arrojando-se para cima na escalada da Glória.*<sup>10</sup> Como o homossexualismo se torna o conceito mais concreto da abstrata noção de imoralidade, a religião aparece para o menino como o movimento mais propício para a concretização de seus desejos. Nesse sentido, sua obsessão chega a um grau tal de materialização:

*ajustar-se estreitamente nos detalhes da arquitetura do templo como o ouro sutil dos douradores, conservar-se lá em cima, ávido de ascensão, ambicioso de céu como a baforada dos turibulos.*<sup>11</sup>

Ávido pela ascensão moral, em outras circunstâncias, o menino segue seu religioso papel de submissão e sacrifícios, rejeitando as doçuras terrenas, simpatizando-se com a dor e o sofrimento provenientes do cumprimento fiel dos rituais religiosos, mas, sobretudo, denominando tal momento de seus anos de aprendizado como *perseguição de castigo, prejuízo da minha delicadeza moral, cilício da penitência, provações.*

Além das ministrações da fé cristã oferecidas por Ribas – a aprendizagem distorcida das doutrinas cristãs –, havia o fascínio por todo e qualquer objeto que se relacionasse com altura, ou mais especificamente que tivesse alguma relação, ou fizesse alusão às coisas do céu: a astronomia de Abreu como o céu dos salmos que o levava à contemplação, a lembrança nostálgica da priminha que se identificava com *à liberdade etérea de sentimento*, a “simpatia” para com a sincera religiosidade de Ribas, cuja devoção se elevava e furava o templo, causando-lhe um doloroso encanto.

No entanto, tal predisposição não pode ser considerada como traço de autêntica religiosidade, significa mais outra fonte de sustento do caráter ambicioso do

---

<sup>9</sup> Cf. Fehence FEHÉR, *O romance está morrendo?*, p. 41.

<sup>10</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 73.

<sup>11</sup> Cf. Idem, *ibidem*.

menino, a qual recorre quando seus planos narcisistas se frustram em outra esfera de empreendimento:

*Perdido o ideal cenográfico de trabalho e fraternidade, que eu quisera que fosse a escola, tinha que soltar para outras bandas os pombos da imaginação. Viveiro seguro era o céu. Ficava-me a vendagem da eterna felicidade, que se não contava*<sup>12</sup>

Essa mesma fé é que o auxilia a construir o seu caráter de uma moralidade superior e intocável, e para gozar a *orgia de fogo dos altares*, para se sobressair no Orfeão, cantando com o coração e fazendo seu hino evoluir mais largo e mais belo que os demais – coisa que ele cria seriamente - era-lhe necessário uma austeridade quase que religiosa: rejeitar as doçuras terrenas, e admitir o seminário rigoroso de Barreto, regime de nitro para congelar as ardências da idade. Para esse tenebroso companheiro de religião, que reconheceu de imediato as *preocupações beatas* de Sérgio, era preciso instruí-lo na Punição: *Abria a boca e mostrava uma caldeira do inferno, as palavras eram chamas*. Por essa razão o colega de internato presenteia-o com um livro cruel, que descrevia coisas dignas de Moloc.

Nessa busca pelo reconhecimento e aclamação, que parece nortear o comportamento de todos os educandos, Nearco da Fonseca, pernambucano de ilustre estirpe, demonstra ser muito mais esperto e prático do que o protagonista do romance. Suas acrobacias e seus discursos empolados no *Grêmio Literário Amor ao Saber* reservam-lhe, em curtíssima temporada no colégio interno, *um feixe de melhores palmas, uma galhada de louros mais legítimos como tempero de vitória*.<sup>13</sup>

Assim, enquanto Sérgio se aproveita de determinados métodos e de determinado estilo de vida para alcançar a glória do internato, Nearco prova que naquele universo escolar o mais importante não era padecer religiosamente em função de um idealismo narcisista. A emancipação individual, a ascensão escolar, o reconhecimento e o domínio do microcosmo do internato provêm do domínio da linguagem e da sua perfeita e conveniente utilização como já ensinara Sanches: *O dicionário é o universo (...) O*

---

<sup>12</sup>Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 43.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 91.

*inexperiente não conquista um passo na imensa capital das palavras.*<sup>14</sup> De outro modo, o Ateneu se deixa seduzir pela teoria do *corpore sano*, e da retórica, o que mais tarde reconhecerá o narrador ao recordar esse episódio de seu período de internato, como também registrará que ele, como a maioria dos alunos do Ateneu, apenas tinha o direito, em silêncio humilde, de *mariscar o que fossem deixando os segadores do trigal das literaturas*<sup>15</sup> no grêmio escolar.

No colégio interno, o único orgulho do menino é o desenho da cabra de Tibete, que marca sua passagem pelo Ateneu. Porém, antes da sua exibição para todo o internato, o desenho é agredido por uma “mão benigna” de um desconhecido com o desenho de uma cruz de tinta, larga, de alto a baixo.

#### **4.2. As mãos da Minerva Benigna de Sérgio.**

O primeiro contato de Sérgio com o universo escolar reforça, sob certa perspectiva, seu desejo e suas aspirações com respeito específico à constituição de sua individualidade, o que decorre do conhecimento e reconhecimento imediato daquela realidade, sua lógica e suas estruturas por intermédio de alguns personagens principais (Sanches, Ribas, Franco, Rebelo, Bento Alves e Egbert entre outros) com os quais ele mantém contatos fundamentais. Sendo assim, os veteranos do colégio interno, ou os colegas de Sérgio criança representam os seus “companheiros de destino”, “preceptores” “diretores espirituais” ou, simplesmente, os seus “guias de viagem”.

Ironicamente, o narrador adulto salienta a miopia de tais “preceptores” ao ponto de designar o auxílio concedido por eles na descoberta, conhecimento e reconhecimento do mundo como o *monopólio do vidro*. Neste tocante, os guias de Sérgio criança apresentam o colégio interno e sua realidade partindo das suas experiências pessoais, concebendo e considerando o período de aprendizado dentro do Ateneu como coisa fundamentada nas *falsidades traiçoeiras dos afetos*.

Assim, o primeiro contato com a realidade do internato, não é a sala de aula, mas o recreio, a grande metáfora do universo infantil representando o período de internato

---

<sup>14</sup> Cf. Raul POMPEIA, *O Ateneu*, p. 49

<sup>15</sup> *Ibid.*, p 91.

como um *eterno piquenique na desmoralização*. É João Numas que se incumbem de introduzir o menino à grande brincadeira:

*João Numa, inspetor ou bedel, baixote, barrigudo, de óculos escuros, movendo-se com vivacidade de bácoro alegre, veio achar-me indeciso, à escada do pátio. 'Não desce, a brincar?' perguntou bondosamente. 'Vamos, desça, vá com os outros.' O amável bácoro tomou-me pela mão e descemos juntos.*<sup>16</sup>

A partir do “prazer dos olhos”, conhecemos as realidades do colégio interno que, reformuladas pelos “diretores espirituais” de Sérgio, são imediatamente reconstituídas pelo narrador ao acentuar sua ingenuidade infantil enquanto calouro no colégio interno. No entanto, por trás desse narrador, ou ainda, por trás desses objetivos e finalidades narrativas, destacam-se umas das principais peculiaridades de Pompéia como escritor, a do observador nato e analista frio. Segundo Rego, tudo em *O Ateneu* não passa de campo de observação, onde principalmente o homem é dissecado com exatidão e seriedade.<sup>17</sup>

A despeito dos colegas que, possuindo uma péssima visão, compensam com uma percepção aguçada dessas realidades, o calouro não as reconhece nesse primeiro ano de internato como bases que sustentam a “festa”, o “recreio”, ou o “piquenique” de perversões morais e desregramentos camuflados na tranqüilidade normal da escola. Para ilustrar tal fato, Sérgio adulto recordará o episódio de um dos passeios que eram realizados após o jantar, onde a chuva imprevista revelou toda “índole” dos educandos.

A percepção da realidade do colégio interno, adquirida a partir de um convívio mais direto com o universo escolar, concede aos seus companheiros de destino certo grau de maturidade no longo percurso para se tornar homem. Percepção e maturidade que o protagonista ainda não dispunha.

Se João Numa, o alegre bácoro, convida-o para o recreio, o Professor Mânlio recomenda o anônimo aluno a Rebelo, que também sofria das vistas. Essa outra *mão da Minerva Benigna*, sabia de cor uma das máximas do colégio interno: *nenhum mestre é mau para o bom discípulo*, também conhecia a lógica regente no meio dos companheiros de destino, dando-se, portanto, ao trabalho de mostrar a ele a verdadeira faceta dos

<sup>16</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 25.

<sup>17</sup> Cf. José Lins do REGO, *Dias idos e vividos*, passim

colegas de classe: são todos perversos, traidores, brutais, adúlteros; *Sócios de bandalheira, cheiram corrupção. Corja de hipócritas! Imorais! Cada dia de vida tem-lhes vergonha da véspera...*

Nesse trajeto para se tornar maduro, a importância da instrução propriamente dita não existe, embora as explicações de Rebelo sobre a índole dos colegas, a lógica e a estrutura do internato e o conselho dado ao calouro: *com eles mesmos há de aprender o que são*, se revistam de certa “pedagogia da maledicência”, destacada pelo narrador adulto: *Rebelo(...) tinha na boca um mau cheiro que lhe prejudicava a pureza dos conselhos*<sup>18</sup>. O papel do pré-adolescente nesse momento é o de um aluno interessado em conhecer, em saber sobre o mundo. Para tanto, o método de aprendizagem, e de apreensão do preceptor é constituir e entender o caráter e o posicionamento de cada um daqueles indivíduos dentro daquela sociedade. O Olhar, portanto, constitui o outro na tentativa de constituir a si mesmo, assim, ele desmerece seus colegas de classe, *uma variedade que me divertia*.<sup>19</sup>

Essa disposição em deformar os personagens daquele ambiente, apenas representa a problemática definição de quem a faz realmente, Sérgio criança através da tendência infantil de utilizar-se de animais para compará-los com alguns companheiros; Sérgio adulto na reconstituição do universo escolar através do recurso da ironia e da caricaturização; ou ainda o romancista desenvolvendo uma das suas muitas peculiaridades artísticas, o “olho-pintor”. A despeito disso, temos um indivíduo sempre atento, um excelente observador capaz de indicar os mínimos detalhes de um caráter.<sup>20</sup>

A definição da individualidade do púbere tem como impulso essa predisposição do menino em depreciar os seus companheiros de destino, atitude reforçada pela maledicência e pelo terrorismo de Rebelo e de outros colegas, e denunciadora do seu complexo de superioridade, que encontra também na necessidade de protetores mais outro reforço para o prosseguimento da sua “viagem formativa”. Neste caso, o educando inicia a busca de uma alma semelhante a sua, ironicamente irá encontrá-la nos últimos momentos do seu período de internato. Sérgio descobre Egbert - ou descobre o melhor espelho que

---

<sup>18</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 41.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 26.

<sup>20</sup> Cf. Eugênio GOMES, *Visões e revisões*, p. 258.

reflete a si próprio? - Sua busca narcisista parece dar trégua ao encontrar o verdadeiro companheiro de destino ( será?). No recreio os dois se tornam inseparáveis, *complementares como duas condições recíprocas de existência.*<sup>21</sup>

A cena do aparente caso de amor entre os dois estudantes, ou nas palavras do narrador *dois pequeninos amantes de um ano*, mostra o menino finalmente satisfeito com um companheiro de destino que não se opõe frontalmente a sua crença pessoal de ser digno, o prazer da família, a glória do Ateneu. Ele é tão semelhante a si mesmo, tão cúmplice que extravasa uma carga de conhecimento literário que desconhecíamos desde sua entrada no colégio interno.

O relacionamento de Sérgio com Egbert é o mais empolgante de todos os outros. Nesse, situamo-nos na imagem de personagens que apenas monologam; apenas escutamos Rebelo, Sanches, Bento Alves, etc. Com Egbert, o narrador revela-se empolgado com o encontro feliz. Veja-se na seguinte citação que os assuntos dos diálogos entre o dois colegas se referem à sua ambição juvenil, tornar-se um herói prodigioso:

*Dialogávamos, com toda força das encarnações dramáticas, a bravura cavaleiresca, o civismo romano, as apreensões de rei ameaçado, o heroísmo da fé, os arrufos da misantropia, as sinuosidades do hipócrita.*<sup>22</sup>

No entanto, seu comportamento e método (o de apegar-se e divorciar-se) durante os primeiros momentos de formação da sua auto-imagem, marcará também sua relação com Egbert. Da mesma forma que dispensou todos os outros companheiros de destino, por não ver neles refletidos seus próprios interesses, ou sua imagem; ou ainda o risco a sua própria crença pessoal, ele dispensará Egbert. A afeição que impulsionou a sua mais longa amizade não era afeição ao colega, mas aquilo que esse personagem representava para si: ele mesmo.

Os guias de Sérgio, ou os seus “diretores espirituais”, apesar de na sua maioria sofrerem de miopia, não o conduzem apenas à realidade do universo escolar, mas formulam o conhecimento desse mundo ao “calouro”. Ao guiarem-no nos meandros do colégio interno revelam uma das grandes formas de conhecimento e percepção daquela

---

<sup>21</sup> Cf. Raul POMPEIA, *O Ateneu*, p. 152.

realidade: a visão. O grande esquema do colégio interno é conhecer, ser conhecido e nesse “vaivém de atitude” pode decorrer a falta de conhecimento de si mesmo.

#### 4.3. Os cem olhos de Aristarco.

No universo escolar todos vão à pedra, a mais dura conotação desse sistema de ver e ser visto: *eu posso ser você; você pode ser eu. Quem fere é ferido, quem espia é espiado, o sujeito de agora torna-se objeto no momento seguinte*<sup>23</sup> Todos os alunos são observados e constituídos com ferocidade tanto pelo menino quanto pelo adulto que os recorda. Portanto, a lógica de ver e ser visto, dentro do universo escolar, revela e manifesta o egocentrismo e a egolatria de Sérgio e de Aristarco; engloba a tentativa de definição da silhueta em contraste e oposição a de outro indivíduo; sugere e incentiva a vaidade de ser, e a aclamação do indivíduo como a glória do colégio interno; mas é também essa mesma lógica que desencadeará reações as mais inusitadas devido o olhar alheio que julga, critica, deprecia, e por fim deforma:

*Adivinhei sobre mim o olhar visguento do Sanches, o olhar odioso e timorato do Cruz, os óculos azuis do Rebelo, o nariz do Nascimento, virando devagar como um leme; esperei a seta do Carlos, o quinau do Maurílio, ameaçador, fazendo cócegas ao teto, com o dedo feroz; respirei no ambiente adverso da maldita violenta do Álvares.*<sup>24</sup>

De forma geral, é essa lógica de ver e ser visto que traduz não apenas o método de contornar o outro, mas de sustentá-lo também. Sem esse outro – que pode aqui ser inferido como coadjuvante no período de aprendizado do menino – haverá sempre a sensação do poderia ser. Sérgio é e pode ser notado somente se houver um colega que lhe dê a sensação de sustento. Sem o Rebelo, nos seus primeiros momentos de internato, ele se vê perdido.

Apesar de circunstâncias completamente distintas, é essa exposição do indivíduo aos olhares alheios que revela certas semelhanças entre Sérgio e Aristarco no que diz respeito às suas atitudes e aos seus comportamentos. Se o primeiro tem em Rebelo

---

<sup>22</sup> Cf. Raul POMPEIA, *O Ateneu*, p.116.

<sup>23</sup> Cf. Alfredo BOSI, *Céu e inferno – ensaios de crítica literária e ideológica*, p. 47.

e outros colegas o sustento de sua autonomia e ativa responsabilidade; a individualidade do segundo é esculpida pelo bajulador Venâncio. A experiência e as diversas sensações do diretor diante dessa lógica do universo escolar são manifestadas claramente durante a ocasião da distribuição dos prêmios bienais e é, neste momento da história do internato, que se evidencia o seu estado de espírito e as suas reações emocionais diante de uma multidão desconhecida: *A impressão simultânea do público impedia-lhe reconhecer uma fisionomia amiga que o animasse*; da ovação de Venâncio: *Era conveniente postar-se em atitude severa e olímpica, para corresponder à glorificação de Venâncio*, e do busto que lhe seria oferecido: *Aristarco depois do primeiro receio esquecia-se na delícia de uma metamorfose*.<sup>25</sup>

O diretor, seguindo um percurso de auto glorificação e glorificação, utiliza-se de métodos e estratégias marcadamente próprias: seu código moralizador, seu sistema de “cem olhos” de uma vigilância feroz e fulminante, a escolha de determinados alunos para compor esse mesmo sistema. Estes recursos que intentam moralizar os educandos, dissimulam apenas a construção e exaltação de si mesmo; o prestígio do colégio e seu prestígio pessoal junto àquela sociedade. Em suma, a educação dos meninos do Ateneu comporta aquele ideal de glória, como denuncia ironicamente o narrador adulto:

*Vê, Aristarco, diziam em coro, vê; nós aqui estamos, nós somos tu, e nós te aplaudimos! E Aristarco, como ninguém na terra, gozava a delícia inaudita, ele incomparável, único capaz de bem se compreender e de bem admirar de ver-se aplaudido em chusma por alter egos, glorificado por uma multidão de si mesmo. Primus inter pares.*

*Todos, ele próprio, todos aclamando-o.*<sup>26</sup>

Ou ainda a coleção notável de retratos:

*Os retratos, bons ou maus, eram alojados indistintamente nas molduras de recomendação. Passada a festa, Aristarco tomava ao quadro o desenho e levava para casa. Tinha-os já às remas. Às vezes, em momentos de esplim, profundo esplim de grandes homens, desarrumava a pilha; forrava de retratos, mesas, cadeiras, pavimento. E vinha-lhe um êxtase de vaidade. Quantas gerações de discípulos lhe haviam passado pela casa! Quantos*

---

<sup>24</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 27-08.

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 134.

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 131.

*afagos de bajulação à efigie de um homem eminente! Cada papel daqueles era um pedaço de ovação, um de apoteose!*<sup>27</sup>

Dessa forma, o processo formativo educacional dos alunos do Ateneu é impulsionado por essa lógica do ver e ser visto, pelo interesse monetário e narcisista de Aristarco de tê-los como espelhos de si mesmo e propaganda do colégio interno. Dentro dessa lógica interna do universo escolar, Franco não é simplesmente aquele que expia a corrupção moral do colégio, mas condicionado pelo olhar alheio, torna-se o parâmetro que mede a corrupção de outrem. É o símbolo ou o emblema que interpreta, manifesta e denuncia essa espécie de filosofia educacional que prega o sucesso do indivíduo em sociedade mediante o terror, o cerceamento de sua liberdade, a imposição de padrões éticos e morais de comportamento. Esta filosofia é tão presente no cotidiano do internato que acaba tornando-se substância do primeiro sonho de Sérgio criança:

*Sonhei mesmo em regra. Eu era o Franco. A minha aula, o colégio inteiro, mil colégio, arrebatados, num pé-de-vento, voavam léguas afora por uma planície sem termo. Gritavam todos, urravam a sabatina de tabuadas com um entusiasmo de turbilhão. O pó crescia em nuvens do solo; a massa confusa ouriçava-se de gestos, gestos de galho sem folhas em tormenta agoniada de inverno; sobre a floresta dos braços gestos mais altos, gesto vencedor, a mão magra do Maurílio, crescia, enorme, preta, torcendo os dedos sófregos, convulsionados da histeria do quinau....Eu caía único vencido! E o tropel, de volta, vinha sobre mim, todos sobre mim! Sopeavam, calcavam-me, pesados, carregando prêmios, prêmios aos cestos!*<sup>28</sup>

A vigilância e a coerção mantidas por Aristarco e pelos vigilantes expõem os corruptores como forma de controlar o restante da fauna ignóbil<sup>29</sup>, moldando-os para as delícias do seu gozo narcisista, tendo-os como adequada propaganda do colégio interno, mas além desses alunos *deserdados pelo destino*, conforme a opinião do Dr. Cláudio sobre o regime do internato, existiam exemplos fidedignos dos esforços do Dr. Aristarco:

*Havia no Ateneu, fora desta regra, alunos gratuitos, dóceis criaturas, escolhidas a dedo para o papel de complemento objetivo de caridade, tímidos como se os abatesse o peso do benefício; com todos os deveres, nenhum direito, nem mesmo o de não prestar para nada. Em retorno, os professores*

<sup>27</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 97.

<sup>28</sup> *Ibid.*, p. 54.

<sup>29</sup> Cf. Soares Antônio AMORA, *História da Literatura Brasileira*, p. 147.

*tenham obrigação de os fazer brilhar, porque caridade que não brilha é caridade em pura perda.*<sup>30</sup>

Essa delícia narcisista incentiva os próprios educandos na prática cotidiana de exposição aos *acólitos da vergonha*. O caso de rebeldia deliberada de Franco e o caso de homossexualidade do Sr. e da Sra. Cândida constituem as principais afrontas ao universo escolar subentendido pelo código moralizador de Aristarco, homossexualidade e rebeldia declarada são, portanto, combatidas como possibilidade de degeneração moral.

Essa lei de submissão viril ao código moralizador de Aristarco comporta as principais instituições do colégio interno: o Livro da Escrituração e o Livro das Notas, que aglutinam dois aspectos fundadores do universo escolar, dinheiro e moral viril. Na verdade são “feições duplas” de uma mesma individualidade.

O Livro das Notas era o jornalismo dos alunos no colégio interno; a opinião e a observação dos professores sobre cada um dos alunos,

*Com exceção dos privilegiados, os vigilantes, os amigos do peito, os que dormiam à sombra de uma reputação habilmente arranjada por um justo conchavo de trabalho e cativante doçura, havia para todos uma expectativa de terror antes da leitura das notas.*<sup>31</sup>

No momento da leitura das notas, a tirania da opinião alheia, da vigilância, da coerção: *Vejam essa cara!* diz Aristarco ao apanhar um menino pelos dedos e oferecer às bofetadas da opinião dos outros alunos, que se deliciam. Portanto, segundo o sistema de pelourinho do diretor, comportamentos como os de Franco, ou do casal homossexual são verdadeiros desvios, coisas abomináveis aos olhos do diretor, verdadeira sensação de incômodo que fragiliza, de certa forma, a sua necessidade de controlar o internato.

O episódio da descoberta de relacionamentos homossexuais dentro do colégio interno através do caso do Sr. e Sra. Cândido, como também o *caso da goiabada de bananas* delimitam apenas o espaço de ação do diretor, denunciando a fragilidade da sua vigilância; a existência de outra realidade dentro do colégio interno, o que promove a frustração de seus planos de glória e de auto promoção.

<sup>30</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 94.

<sup>31</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 44.

A paródia à virilidade do seu sistema de organização militar, ou à comédia colegial do sexo, desencadeada pela descoberta do namoro entre dois educandos, demonstra apenas que o afamado diretor é o pior míope dentro do colégio interno. Ele não sabia que existiam mulheres no Ateneu, tampouco tinha conhecimento da indústria secreta das goiabadas de banana:

*Têm todos razão...Perdôo a todos...Mas eu sou tão enganado como os senhores...Até hoje estava convencido de que a goiabada era de goiaba ...a verba consagrada é para a legítima de Campos...Nesta casa não há misérias...Quando alguma coisa faltar, reclamem que aqui estou eu para as providências, vosso Mestre, vosso pai! Legítimo cascão de Campos...Aqui têm as latas...Mais latas!...leiam o rótulo...Como podia eu suspeitar...*<sup>32</sup>

Apesar dos seus “cem olhos”, escapa ao seu controle a rotina do “submundo” do Ateneu, e enquanto decorre o processo de inquisição contra o namoro de Emílio Tourinho e Cândido Lima, efetua-se sutilmente o cortejo de Bento Alves a Sérgio. Os educandos, ou os belos efebos, flertam-se diante mesmo da vigilância do diretor, mas este prefere deter seus olhos num universo moralmente constituído como heterossexual.

#### **4.4. A função do colégio é fazer esquecer o próprio sexo.**<sup>33</sup>

As intrigas e as preocupações gerais do salão pouco interessavam a Sérgio, ou nas suas próprias palavras: *pouco se lhe davam fatos*. O educando austero deixava-se seduzir muito mais pelo seu ideal de “cavalaria” do que com Ângela, a camareira de D. Ema. Não lhe interessava, tampouco, a rotina da *crônica obscura* do Ateneu, com suas brincadeiras corruptoras, ou a distribuição e circulação de periódicos, manuscritos e

---

<sup>32</sup> Ibid., p.110.

<sup>33</sup> “Em tese, - e é o pretende provar o livro de Raul Pompéia, - o internato é o horror da seqüestração sexual; quero dizer: - o internato tem como função geral fazer esquecer o sexo, provocando um desequilíbrio que nem ao menos encontra o sedativo da contemplação do elemento adverso, como nos estabelecimentos mistos.

Ora, da subordinação de Sérgio às influências dessa prisão, com a alma que lhes quis dar o autor, amorosa, estimulada e cheia de imaginação, a consequência inevitável seria a tendência para aglutinar-se a tudo quanto a pouco e pouco lhe fosse parecendo o objeto necessário à satisfação das exigências afetivas e artísticas de sua virgem organização.” ( Cf. Alfredo BOSI ( seleção e organização) *Tristão de Alencar ARARIPE JR., Teoria, crítica e história literária*, p. 175.

romances proibidos que instruíam os alunos nas lições da luxúria, da ambição e da rebelião contra as autoridades constituídas.

De maneira geral, seu envolvimento com o submundo do Ateneu é quase nulo ou inexistente, o menino não compartilha do sistema de bandalheiras dos alunos, e os únicos motivos que o tiram de uma aparente letargia - sem significar efetivamente uma iniciação na rotina de perversão e corrupção - são a vingança programada contra Rômulo, ou as conversas maliciosas dos alunos mais velhos sobre D. Ema, ou ainda – e sobretudo – as recreações noturnas dos alunos que lhe seduziam para a liberdade:

*Ah! O passeio no jardim! As grades abertas do cárcere forçado! Mas uma hesitação prendia-me, de compromissos antigos comigo mesmo, compromissos de linha reta, não sei como diga, razões velhas de vaidade vertebrada; aversão ao subterfúgio; ou talvez um medo que me ocorreu por último, sem fundamento: fosse uma vez, e de volta não achasse mais a corda para subir.<sup>34</sup>*

Em nome do seu ideal de glória, Sérgio negocia sua liberdade, aceitando suas *razões velhas de vaidade vertebrada*, acentuando sua *aversão ao subterfúgio*. Até que o pudico educando sente certa vontade de descer e seguir os companheiros de destino na grande farra noturna. Mas e se ao voltar não encontrasse mais a corda para subir?

Os alunos do Ateneu estavam condenados a crescer para baixo, enquanto Sérgio solitariamente se esforçava cada vez mais em subir, galgar, ascender moralmente, ou permanecer em seu quarto, evitando, dessa forma, se envolver detidamente com os vários processos formativos que decorrem ‘embaixo’, no submundo do colégio interno, ou nas palavras do narrador, no “subterfúgio” o qual nutria uma certa aversão. Sua liberdade estava também “embaixo”, mas ele prefere se acastelar em seu ideal, preso à sua própria vaidade.<sup>35</sup> Em síntese, o pré-adolescente funda para si, conforme sua presunção teleológica, seu próprio universo.<sup>36</sup>

<sup>34</sup> Cf. Raul. POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 171.

<sup>35</sup> Literalmente, a rotina dos alunos ocorria embaixo. Basta lembrarmos que, além de eles descerem de seus quartos para a farra noturna, a maioria dos episódios em que Sérgio é incitado a desviar-se para outro percurso formativo ocorre no subchão do imenso edifício, é na rouparia que encontra o folheto pornográfico e é para lá também que Sanches o arrasta para seduzi-lo, entre outros fatos.

<sup>36</sup> Cf. Ference FEHÉR, *O romance está morrendo?*, p. 42.

Mesmo na surdina noturna, o educando não possuía coragem suficiente (ou possuía esperteza suficiente) para viver os instintos e impulsos naturais à sua faixa etária<sup>37</sup>, por isso as várias possibilidades de experiências e conhecimentos de mundo são evitadas. Vaidade vertebrada, falta de coragem e aversão ao subterfúgio são as verdadeiras cercas que o contornam moralmente, que o levarão a considerar os seus dois anos de aprendizado no colégio interno como *murado de desejos e privações*.<sup>38</sup>

O receio de descer ao *microcosmo de atividade subterrânea* do Ateneu sem ter corda depois para subir até o seu refúgio moral, lhe garantia, parcialmente, a não introdução ao sistema da bandalheira. No entanto, os alunos que participavam desse “conchavo imoral”, eram os mesmos que detinham o conhecimento intelectual necessário a auxiliá-lo em seus estudos, para alcançar dessa forma a tão almejada ascensão moral para os louvores do pai, de Aristarco e de todo o Ateneu. Reconhecendo tal realidade, o educando desce para subir, procura se formar à mercê de sua deformação moral, conseguindo estabelecer uma ponte entre os dois mundos constitutivos do Ateneu, o de Aristarco e o dos alunos.

É, portanto, essa necessidade que o faz sair do seu isolamento para se entrosar com os outros alunos do colégio interno. Nessa resolução necessária e conveniente, o menino se aproximará dos *depravados pelo aborrecimento e pela ociosidade*, ao ser recomendado constantemente a excelentes *diretores espirituais na resolução das dificuldades da vida colegial*<sup>39</sup>. Por meio disso, ele poderá se tornar algo bem distinto do seu ideal de glória moral, o que provavelmente escandalizaria pais e irmãos, ou a vigilância inelutável de Deus.

Esses “companheiros de destino” logo o iniciam em várias assuntos e trajetos, especialmente os de ordem afetivo-sexual, que identificam casos corriqueiros ou

---

<sup>37</sup> Não havia “Lições de Porcaria” que conseguisse arrancar Sérgio do seu idealismo ético e moral. Em comparação ao personagem de José Lins do Rego, o pré-adolescente de *O Ateneu* se define extremamente pudico. Carlos de Melo, por sua vez e, ao contrário, cede a todos os seus impulsos sexuais: os banhos proibidos, as primeiras lições de amor com a mulher do Dr. Figueiredo, o Zé Guedes, professor de “coisa ruim”, a promiscuidade do curral, as conversas picantes dos meninos de engenho, as nojentas exposições de porcaria do tio Juca, as negras Luisa, Paula e Zefa Cajá. Diante disso, a educação sentimental de Sérgio chega a ser cômica, um folheto pornográfico encontrado na lavanderia do colégio interno, a devoção erótica à D. Ema, o fascínio sexual por Ângela, e algumas tentativas frustradas de relacionamento homossexual com Sanches, Bento Alves e Egbert.

<sup>38</sup> Cf. Raul POMPEIA, *O Ateneu*, p. 133.

grosseiros de homossexualidade, segundo Mário de Andrade<sup>40</sup>. No entanto, sua predisposição em aproximar-se de alguns colegas manifesta seus interesses pessoais. Mesmo convivendo com alguns dos principais guias, mesmo abdicando da sua liberdade e da sua autonomia pessoal, em momento algum cede as suas tendências e a sua obsessão, e enfatizando sua teologia pessoal *colhe as informações para julgá-las oportunamente*, auxiliando-o a se afastar dos *vexames da vida colegial dos pequenos*.

A cena do folheto com nus masculinos, prenúncio e possibilidade de uma trajetória formativa homossexual, revela um conhecimento e prática de mundo dentro do universo escolar que o protagonista parece renegar com certo “pudor juvenil”, mas também o auxilia na compreensão mais concreta do que se entende como imoralidade, ou mais especificamente: a homossexualidade, segundo o Dr. Aristarco, é a definição mais clara da imoralidade:

*Esta impressão viva de surpresa curou-me da lembrança do meu triste episódio, crescendo na imaginação como as visões, absorvendo-me as idéias. Zumbiam-me aos ouvidos a palavra aterrada de Aristarco...Sim, devia ser isto...<sup>41</sup>*

*um entravamento obscuro de formas despidas, roupas abertas, um turbilhão de frades bêbados, deslocados ao capricho de todas as deformidades de um monstruoso desenho, tocando-se, saltando a sarabanda diabólica sem fim, no empastado negrume da tinta do prelo; aqui e ali, o raio branco de uma falha, fulminando o espetáculo e a gravura, como o estigma complementar do acaso.<sup>42</sup>*

O caráter do calouro, no primeiro ano de internato, é, aparentemente, o de uma criança submissa e passiva, que delega aos outros personagens a condução de sua rotina escolar para a glória. Há nessa atitude, conforme a lógica regente entre os alunos, uma certa tendência para o processo de efeminação no que diz respeito à necessidade de protetores. Mas também há alguns episódios do romance que sugerem um comportamento condicionado homossexual, como o corte de cabelo<sup>43</sup>; ou alguns discursos pronunciados

---

<sup>39</sup> Ibid., p. 41.

<sup>40</sup> Cf. *Aspectos da literatura brasileira*, p. 179.

<sup>41</sup> Aqui ele dá a entender, nesse momento, ter chegado à resposta do seu primeiro dilema dentro do colégio interno. O que é imoralidade?

<sup>42</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 28.

<sup>43</sup> Se consideramos por um instante, que cabelos longos simbolizam tanto força viril como submissão a uma dada ordem superior, e aqui podemos muito bem exemplificar com o personagem bíblico Sansão,

tanto do diretor: *Velo pela candura das crianças, como se fosse não digo meus filhos, minhas próprias filhas*, quanto dos colegas de internato, como Barbalho: *Mudas as calças*, ou ainda a insinuação de Rebelo:

*Este que passou por nós, olhando muito, é o Cândido, com aqueles modos de mulher, aquele arzinho de quem saiu da cama com preguiça nos olhos...Este sujeito...Há de ser seu conhecido.*<sup>44</sup>

No caso específico da preocupação de Aristarco com a educação moral do educando, subentende-se seu método um tanto ilógico para a constituição e afirmação da virilidade dos alunos. Na realidade, é preciso tornar-se uma menina obediente para alcançar essa dignidade viril imposta pelo diretor.

O empenho em alcançar bons resultados nas disciplinas do colégio interno lhe acentua uma das suas principais predisposições: a necessidade de protetores, dispondo-o, portanto, da efeminação como um período de constituição moral. Neste, o risco de decadência era constante, ceder a sua virilidade digna em troca da aquisição de conhecimentos intelectuais para satisfazer uma outra ordem. É quando ele se prende na armadilha de tentar agradar a todos (ou engabelá-los) para agradar a si mesmo. Para os “diretores espirituais” ou, especificamente, para Sanches e Bento Alves, ceder à sedução homossexual desse companheiro de internato é o negócio mais justo para quem pretende alcançar a glória pretendida. É interessante destacar que Rebelo já o avisara claramente sobre o sistema de “troca de favores” entre os educandos:

*Olhe; um conselho; faça-se forte aqui, faça-se homem. Os fracos perdem-se (...) Não pode imaginar. Os gênios fazem aqui dois sexos, como se fossem uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo. Quando, em segredo dos pais, pensam que o colégio é a melhor da vida, com o acolhimento dos mais velhos, entre brejeiros e afetuosos, estão perdidos.*<sup>45</sup>

---

entendemos que aquela espécie de empenho e conspiração contra os cabelos longos de Sérgio, liderados pelo diretor do colégio interno e sua esposa podem ser compreendidos, sob uma ótica estritamente sexual, como sugestão ao comportamento homossexual.

<sup>44</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 29.

<sup>45</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p.30.

Aos poucos, o calouro descobre que o que sustenta a cavalgada em direção ao aperfeiçoamento da moralidade viril, inculcado pelo diretor do colégio não são as sábias máximas do ensino redentor, os livros elementares, volumes cartonados em Leipzig, os educadores do Ateneu, e muito menos o código de moralidade, mas Rebelo, Sanches e Bento Alves com suas capacidades de grandes estudantes.

São esses relacionamentos de Sérgio que nos auxiliam não apenas na compreensão da sua obsessão ou nos métodos e recursos utilizados para alcançar a glória, mas no reconhecimento da sua índole. É nos momentos em que não cumpre com sua parte nos contratos estabelecidos entre ele e seus preceptores que se revela de uma auto-suficiência arrogante, encarando-os como coisas ou funções necessárias para galgar a sua escalada de glória para agradar ao pai. Sérgio criança determina a existência dos colegas dispondo suas participações em seu período de aprendizado como marginais e oportunas, fato que o caracteriza como um menino cínico.

Nesse contexto, ele admite a lógica do “vaivém de atitudes”: ora se aproxima, ora se afasta. Aproxima-se ignorando o sistema ao qual se enquadra o colega que lhe conferirá algum tipo de conhecimento, mas imediatamente se afasta à medida que vai reconhecendo os fins para os quais é persuadido a ceder em suas convicções morais e éticas. Nesse ir e vir de atitudes, e nesta indisposição para *aceitar como válidas as normas de comportamento ditadas pelos seus pares, pelos seus contemporâneos*<sup>46</sup>.

Em suma, o seu drama da solidão tem fonte propícia nessa suspensão de atitude, situada decididamente na forma como concebe a si mesmo, a medida de todas as coisas, ou supremo padrão de julgamento e ação.<sup>47</sup>

Evidentemente que a descoberta desse caráter auto-suficiente e interesseiro tenha instigado Bento Alves a travar com ele um confronto físico. Na verdade, este colega é recomendado pelo pai de Sérgio, para que o valesse nas dificuldades da vida colegial, contra o constante perigo da camaradagem perniciosa.

Essas circunstâncias específicas promotoras, em parte, da definição da sua individualidade dispõem os episódios em que, ou subentendidamente ou claramente, se envolve com a homossexualidade. No entanto, isto não se refere a uma condição ou opção

---

<sup>46</sup> Cf. Silviano SANTIAGO, *Uma literatura nos trópicos*, p. 86.

sexual, mas deve ser muito mais aceita como um dos aspectos do período de aprendizado de Sérgio, veja-se que sua instrução está diretamente relacionada à sedução/atração homossexual por parte dos preceptores: Sanches erotiza a leitura de *Os Lusíadas*, e mais tarde a biblioteca – espaço muito freqüentado por Bento Alves – se torna sua *recreação habitual*. É esse último colega que o presenteia com graciosos livros de educação.

De outro modo, cumpre destacar que não existe especificamente no romance uma trajetória formativa homossexual. Apesar de Lúcia Miguel-Pereira considerar o homossexualismo o tema substantivo do livro<sup>48</sup>, Sérgio não expressa qualquer espécie de desejo homossexual, em última instância, os colegas com quem mantém um pálido relacionamento não o introduzem necessariamente a um universo homossexual.

Na verdade, esse tipo de relacionamento provoca no menino dois tipos de reação: ou um certo mal estar, *agonia comprimida, Estranha coisa, uma situação prolongada de vexame, como se a convivência fosse um sacrifício e o sacrifício uma necessidade; sensualidade contra a natureza*. Ou o deboche e a zombaria com respeito aos vários momentos do cortejo homossexual de Bento Alves: *cena de platonismo, horror do ridículo*, quando recebe um botão de flor de laranjeira: *palpezinho de namorada faz-de-conta*, ou quando recebe as magnólias: *Santa Rosália da minha parte nunca tivera um assim. Que devia fazer uma namorada?* Ou ainda quando é defendido de Barbalho: *Por minha parte, entreguei-me de coração ao desespero das damas romanceiras*.<sup>49</sup>

Mas é apenas a atração por D. Ema que o faz reconhecer-se física, emocional e sexualmente amadurecido. No reencontro dos dois personagens em um jantar oferecido pelo diretor do colégio ao Professor Crisóstomo – novamente os cabelos – a esposa de Aristarco reconhece ali na sua frente o garoto que entrara pequeno de madeixas compridas no Ateneu. Sérgio estava desenvolvido, diferente de dois anos atrás:

*De volta ao Ateneu, senti-me grande. Crescia-me o peito indefinivelmente, como se estivesse a fazer homem por dilatação. Sentia-me elevado, vinte anos de estatura, um milagre. Examinei então os sapatos, a ver se haviam crescidos os calcanhares. Nenhum dos sintomas estranhos constatei. Mas uma coisa apenas: olhava agora para o Egbert como para uma recordação e para o dia de ontem.*

---

<sup>47</sup> Cf. Hans J. MORGENTHAU e Ethel PERSON, “As raízes do Narcisismo”, In: *Diálogo*, n.º 1, p. 29.

<sup>48</sup> Cf. *Prosa de Ficção*, p.115.

<sup>49</sup> Cf. Raul POMPEIA, *O Ateneu*, *passim*

A esposa de Aristarco é inspiração para o segundo sonho revelador referente aos anos de aprendizado do pré-adolescente. Ainda a atração por D. Ema, ou a metonímica Ema: mão de puro jaspe, unhas de rosa, o pé descalço, mimo de joelho, de perna, de tornozelo, liga-se ao seu ideal de ascensão, ela era um ser inatingível e etéreo, que fugia para o teto, para o céu, tornando-se um astro brilhante. Ao despertar Sérgio despede o amor platônico por Egbert, e é transferido para o quarto dos maiores.

Esse e outros aspectos relacionados ao seu período de internato apenas o conduzem a última etapa dos anos de aprendizado no microcosmo escolar no qual, cansado de seus empenhos na luta pelos merecimentos, ele não reconhece mais os seus desejos e aspirações pessoais.

#### **4.5.O indivíduo lasso e solitário.**

O que pode ocorrer a um pré-adolescente que aceitando de bom grado a didascalotria do Dr. Aristarco se vê diante de situações, nas quais além de acentuar, em sua conduta, os preceitos do código moralizador do diretor do colégio, é obrigado a alcançar um padrão de comportamento imposto por ele, lutando solitariamente num mundo anunciado pelo pai? Não esquecendo as cobranças de Rebelo quanto à manutenção da sua virilidade masculina que dispensa protetores, mas que deve encontrar na sedução homossexual de Sanches e Bento Alves as fontes necessárias para aquisição de um grau de conhecimento tal, que o retire da sua condição de aluno medíocre e anônimo para a glória do Ateneu?

É nos últimos instantes da recordação do período de internato que deslumbramos um menino doente, solitário e entediado com o ócio das férias, *Que terrível soledade o Ateneu deserto*<sup>51</sup>, em meio a reforma do colégio interno. Essa descrição de sua situação e de seu estado de espírito incentiva a ironia do narrador ao destacar os últimos quadros de sábias máximas dependurados em algumas paredes, e o reconhecimento de que ele e os colegas eram apenas restos de coisas antigas do ano que se passou, no meio

---

<sup>50</sup> Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 159.

daquela restauração geral, *com o deplorável inconveniente de se não poder cair de novo e pintar.*<sup>52</sup>

Apesar de exprimir claramente sua frustração com respeito ao período de internato: *uma empresa ideal de energia e de dedicação premeditada*, a conclusão da narrativa de seu período de internato apresentando sua imagem de aluno solitário não é de maneira alguma frustrante, apenas confirma sua predisposição à auto-suficiência e ao isolamento, coisas trazidas da casa paterna; como também reforça a idéia do romance de formação como tradução das realidades de um autêntico “período de transição” que é a juventude<sup>53</sup>; e por fim, é o momento mais importante do percurso, período em que o narrador realiza o “balanço” de sua existência dentro do universo escolar, experimentando novamente todas as sensações e impressões dos anos de aprendizado, e denominando-o *período de depressão contemplativa*.

Na verdade, seu trajeto bem como sua recordação, enfatizam seus estados emocionais em detrimento das circunstâncias que incentivam a aprendizagem. Essa ênfase nos estados de espírito abrange as mais diversas esferas da existência do menino, tornando-se o seu próprio centro convergente. Primeiramente, o narrador denomina seu período de internato sob os critérios de suas condições ou variações emocionais: o caso da natação é *episódio de predestinado, dissabores*; sua existência no colégio interno é *vale de lágrimas em que vivemos*; a experiência formativa é *as surras da aprendizagem, a estupidéz seca nos estudos*; o rompimento com a casa paterna é amargura provocada pelo *adeus às primeiras alegrias* e por fim, sua vida escolar é *sensações novas da nova fase*.

---

<sup>52</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 194.

<sup>53</sup> “Assim, no plano individual, a juventude deve ser considerada uma fase crucial para a formação e a transformação de cada um, quer se trate da maturação do corpo e do espírito, quer no que diz respeito às escolhas decisivas que prelidam a inserção definitiva na vida em comunidade. Deste ponto de vista, a juventude é efetivamente o momento das tentativas sem futuro, das vocações ardentes mas mutáveis, da “busca” ( a do cavaleiro medieval) e das aprendizagens (profissionais, militares, eróticas) incertas, sempre marcadas por uma alternância de êxitos e fracassos. A investidura do jovem cavaleiro, a noviça que toma o véu, o alistamento do futuro soldado, os ritos goliadercos da universidade são momentos cruciais, efêmeros, carregados de fragilidade. São momentos de crise, individual e coletiva, mas também de compromisso entusiástico e sem reservas: e, no fundo, não vamos encontrar sempre os jovens na linha de frente das revoltas e das revoluções? ( Giovanni LEVI & Jean-Claude SCHIMTT. *História dos jovens*, p.11.

Fundamentalmente, o período de internato de Sérgio enfatiza a *dor dos primeiros choques de um temperamento narcisístico com o mundo exterior*<sup>54</sup>. A formação através da agonia, do desengano e da permanência desse mesmo estado de coisas:

*Acresce que predisponha ao enlevo a tristeza opressa de discípulo mau em que eu jazia. E como aos pequenos esforços que tentava para reerguer ninguém dava atenção, deixei-me ficar insensível, resignado, como em desmaio em desmoronamento.*

Ou ainda:

*A convicção do meu triste infortúnio lentamente, suavemente, aniquilou-me num conforto de prostração e eu dormi.*<sup>55</sup>

A conclusão da narrativa de *O Ateneu* não celebra, sob determinada perspectiva, de forma alguma a conciliação harmônica entre Sérgio criança e o universo do colégio interno<sup>56</sup>, o que é estranho, uma vez que esse indivíduo admite para si os valores e princípios daquela realidade. No entanto, o cotidiano do internato não comportava, sumariamente, o código moralizador de Aristarco, e através da experiência do protagonista em segui-lo fielmente pode ser configurado como prática idealizada. O sentido de harmonia no universo escolar, bem como a possibilidade de adaptação são conformar o caráter e o comportamento de acordo com suas várias realidades e circunstâncias, como defende o Dr. Cláudio:

*Para que o indivíduo perdure, momento genésico da existência específica no tempo, é indispensável adaptar-se às imposições do meio universal. O rio a correr não despreza o detalhe do mais insignificante remanso, nem pode sofismar o obstáculo do menor rochedo no alvéu. O critério inconsciente do instinto é o guia da adaptação.*<sup>57</sup>

---

<sup>54</sup> Cf. José Guilherme MERQUIOR, *De Anchieta a Euclides*, p. 192.

<sup>55</sup> Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 34.

<sup>56</sup> Diferentemente dos outros críticos que consideram o open eden o término da narrativa do Bildungsroman, Moretti observa que o término, de fato, dos anos de aprendizado se dá com o estabelecimento de uma espécie de “pacto social” entre indivíduo e sociedade. Esse pacto – o casamento ou a capacitação profissional do protagonista – deve resultar a harmonia ou o equilíbrio entre os dois. ( Cf. *The Way of the World*).

<sup>57</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 144.

De outro modo, o final harmônico de *O Ateneu* concentra, mais claramente, a auto-legitimação de Sérgio, do que o resultado de uma mudança sutil ou drástica de caráter e comportamento, o romance de formação pode sugerir esse ideal de mudança ao término do período de aprendizado, mas segundo Lukács mais do que uma *salvação a priori*, ele salienta um caminho individual, traduzindo a reconciliação do homem problemático com a realidade concreta e social.<sup>58</sup>

A mudança de caráter e o final harmônico deveriam partir da aceitação da ordem regente do universo escolar, ou seja, da obediência ao pai, do condicionamento à profecia do Dr. Aristarco e da submissão a seu código moralizador. No entanto, essa legítima aceitação produz efeito contrário nessa relação agente/mundo. Em busca de um *centro de gravidade moral*<sup>59</sup> Sérgio desencadeia o desequilíbrio do seu percurso formativo.

Esse desequilíbrio acentua a discrepância entre a concepção ideal e real do mundo, e como este não responde às suas expectativas das primitivas empolgações: *Depois que sacudi fora a trança dos ideais ingênuos*, o empurra para a aclimação através do tédio e da indiferença de uma alma encarcerada e vazia: *o vácuo habitava-me dentro*.

Na verdade, o universo formativo, segundo as perspectivas, interesses e desejos do protagonista, de fato não existe. Em busca do espaço ideal para a formação da sua auto-imagem, ou para usarmos um termo lukcastiano, sua *pátria transcendental*, ele se envolve antes com uma trajetória deformativa, sendo que aquele ambiente idealizado é aos poucos, deformado e, por fim, anulado, sobrando apenas o indivíduo conformado ao ritmo do meio social.

---

<sup>58</sup> “Essa ação não é de forma alguma a imobilidade *a priori* de um mundo preso a uma ordem; é antes a vontade de formação, vontade consciente do seu fim e certa de o alcançar, que cria esse clima de segurança final. Em si e por si, este mundo não está isento de perigos. É necessário ver o grande número de homens, incapazes de se adaptar, correr para a sua ruína ao passo que os outros, tendo capitulado demasiado cedo e sem condições diante de qualquer realidade, ficam empobrecidos e ressequidos, por medir esse perigo que ameaça cada pessoa...” (Georg Lukács. *A Teoria do romance*. Lisboa. Presença, s/d, p. 159)

<sup>59</sup> Cf. Carlos Dante MORAES, *Realidade e Ficção*, p. 33.

O se conformar diz respeito à constatação de que a construção da sua auto-imagem está estritamente ligada à posição e à função de cada um dos colegas dentro daquele universo:

*O triunfo na escola podia ser o Sanches; em compensação, a humildade vencida era o Franco. Entre os dois extremos repugnantes, revelavam-se-me três amostras típicas à linha do bem viver: Rebelo, um ancião; Ribas, um angélico; Mata, o corcunda, um polícia secreta. Para angélico decididamente não tinha jeito, estava provado, nem omoplatas magras; para ancião, não tinha idade, nem óculos azuis, nem mau hálito; para ser o Mata, faltava-me o justo caráter e a corcova...Onde estava o dever? Na cartilha? Na opinião de Aristarco? Na misantropia senil dos óculos azuis? Salteou-me nisto, às avessas, o relâmpago de Damasco: independência.<sup>60</sup>*

A consciência de ser, em Sérgio, parte da sua consciência de não ser. Ainda ligado ao outro, o menino tenta construir a imagem de si mesmo, sua idéia de identidade pessoal parte, então, da concepção que ele tem do outro, como também das funções que esse outro mantém dentro do universo escolar.

O protagonista parece ter se especializado durante o período de internato em saber definir moral e fisicamente cada um dos seus colegas de classe. Reconhecia a função de cada um, e até invejava o ar angélico de Ribas, ou ainda, e decepcionado por não saber cantar como ele, devaneava: *Que faria se morresse, entre os anjos, sem saber cantar?*, mesmo com todo o seu físico desagradável salientado pelo narrador: *era feio, magro, linfático. Boca sem lábios, de velha carpideira, desenhada em angústia<sup>61</sup>*, ele conseguia agradar Aristarco (esse, o objetivo frustrado de Sérgio).

Veja-se que cada companheiro de destino possui sua individualidade e função definida pelo narrador no universo escolar. Aqueles, a despeito da depreciação de Sérgio criança, e apesar de estarem reclusos dentro do mesmo internato, conseguiram transigir da melhor forma o “regulamento militar” do Dr. Aristarco, alcançando privilégios e, às vezes, os louvores do diretor, como foi o caso de Sanches. Mesmo com sua disfarçada depravação moral ele era um dos vigilantes do colégio interno, cargo este que Sérgio ambicionava. O narrador dá notícias dele e de outros companheiros de destino: Sanches

<sup>60</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p.56.

<sup>61</sup> *Ibid.*, p. 57.

tornou-se um sisudo engenheiro; Sampaio, o harmônio da capela, tornou-se um médico parteiro; Barbalho, que havia de ser um dia preso como gatuno de jóias.

Todos os “sócios da bandalheira”, citados pelo narrador, conseguiram alcançar aquilo que Sérgio se empenhara radicalmente durante seu período de internato: individualidade definida, função posta no universo escolar, privilégios e benefícios para alguns do Dr. Aristarco. Enquanto admite seus métodos de comportamento ético, aceita de bom grado uma profecia castrante, e se submete a um estado de coisas que nem mesmo o afamado diretor assumia para si. Aí está toda a verdadeira desgraça do educando, ignorar a verdadeira lógica que norteia o comportamento dos indivíduos daquela sociedade, equilibrando a relação entre educandos e cotidiano do universo escolar. Esta situação do romance revela um de seus grandes temas, conforme perspectiva marxista, o fracasso da adaptação<sup>62</sup>

Essa lógica de comportamento, ou, mais especificamente, o *vaivém de atitudes* ou a *individualidade de feição dupla* é apresentada ao menino ainda no seu primeiro encontro com Aristarco, diretor de temperamento camaleônico ou protético.<sup>63</sup>

Conforme o programa do Bildungsroman, este momento de conhecimento e auto-conhecimento do protagonista é o seu fundamento:

*Um romance de formação gira em torno de um jovem, que procura clareza sobre si mesmo e sobre o mundo e coleta as primeiras vivências com a realidade. Ele tematiza o confronto de um personagem com diversos âmbitos da realidade e acentua a tensão entre o sujeito e o mundo, entre o ideal e a realidade.<sup>64</sup>*

A perfeição rigorosa do Ateneu é a camaradagem íntima de duas personalidades, de dois temperamentos e caracteres. Em Aristarco, conjugava-se perfeitamente o especulador e o levita; o educador e o empresário, *dois lados da mesma*

---

<sup>62</sup> Cf. Ference FEHÉR, *O romance está morrendo?*, p. 55.

<sup>63</sup> Segundo Santiago, Sérgio não podia perdoar a Aristarco por essas metamorfoses constantes de caráter, de atitudes, essa mobilidade interna e externa que o faz saltar de galho em galho para sempre se apresentar da maneira mais convincente e conveniente, adaptando-se com a agilidade de ator ao meio ambiente...” ( *Uma literatura nos trópicos*. p. 84)

<sup>64</sup> “Ein Bildungsroman dreht sich um einen jungen Menschen, der Klarheit über sich selbst und über die Welt gewinnen will und der erste erfahrungen mit der Wirklichkeit sammelt. Er thematisiert die Auseinandersetzung einer Figur mit verschiedenen Realitätsbereichen und akzentuiert die Spannung

*medalha: opostos, mas justapostos.*<sup>65</sup> É essa camaradagem que equilibra diretor e o universo escolar como denunciou o próprio narrador: *Ele tinha maneiras de todos os graus.*<sup>66</sup>

Os educandos do Ateneu seguem à risca o exemplo do diretor, por trás de um diretor espiritual zeloso, agia um sedutor descarado em Sanches. De dentro da brandura patriarcal de Rebelo, decascava-se uma espécie de *inesperado Tersito, produzindo injúrias e maldições*<sup>67</sup> Ângela, a camareira de D. Ema é representante evidente de duas influências dissolventes: *por duas espécies de encarnação, fundidas em hibridismo de disparates (...) e a de um encontro de tábuas humildes, conjuntadas às pressas, por força do prosaísmo incivil de um episódio da economia orgânica.*<sup>68</sup> Ou ainda Barreto, um personagem duplo, ora a *folgança em pessoa* ora um sujeito de uma religiosidade hipócrita e castrante.

A noção de liberdade inexistente dentro dos limites do internato como fator e característica que contribuem para a formação da individualidade. Trata-se muito bem de exemplificar a “troca simbólica” representada no/pelo enredo do Bildungsroman clássico, conforme Moretti:

*Se o herói deseja desfrutar absoluta liberdade em um domínio específico de sua existência, em outros setores da atividade social há de prevalecer em seu lugar completa conformidade. (...) O narcisismo do homem privado tem seu contraponto na timidez que o domina nas suas aventuras no extenso mundo. Arrogante em sua vida diária, ele se torna submisso e fraco quando se defronta com as escolhas que sustentam e modelam sua existência: aqui ele consistentemente se submeterá a verdade superindividual que faz da sua própria ‘personalidade’ intelectual desnecessária, ou igualmente prejudicial.*<sup>69</sup>

---

zwischen Subjekt und Welt, zwischen Ideal und Realität. (GALLMEISTER, Petra. Der Bildungsroman. IN: Formen der Literatur. Stuttgart, Alfred Kröner, 1981. P. 138.)

<sup>65</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p.22.

<sup>66</sup> *Ibid.*, p. 23.

<sup>67</sup> *Ibid.*, p. 29.

<sup>68</sup> *Ibid.*, p. 80.

<sup>69</sup> “if the hero wishes to enjoy absolute freedom in a specific domain of this existence, in other sectors of social activity there must prevail instead a complete conformity (...) The omnivorous narcissism of private man has its counterpoint in the timidity that dominates him as soon as he ventures into the larger world. Arrogant and shrewd in everyday life, he becomes humble and weak-willed faced with the choices that support and frame his existence: here he will gladly yield to superindividual truth that makes his own

Na verdade, aquele sistema educacional atribuía o valor à liberdade dos alunos. Com os bilhetes de boa nota, comprava-se uma saída, e em contrapartida a essa noção prática está a noção narcisista do pré-adolescente que conjuga liberdade ao ideal de ascensão desencadeando, conseqüentemente, um doloroso processo de reconhecimento; isto é claro em um dos momentos de brincadeiras dos colegas para espantar o tédio. O menino deslumbra um papagaio e se identifica imediatamente com ele: *Solitário, solitário como eu, cativo também – mas alto e lá fora.*<sup>70</sup>

É nessa circunstância que o adulto também não compreende a verdadeira motivação de sua permanente ansiedade e aflição juvenis:

*Que desejava eu? Sempre o desespero da reclusão colegial e da idade. Vinham-me crises nervosas de movimento, e eu cruzava de passos frenéticos o pátio, sôfrego, acelerando-me cada vez mais como se quisesse passar adiante do tempo*<sup>71</sup>

Essa “indefinição do desejo” interpreta conjuntamente suas desilusões e decepções com respeito aos seus anos de aprendizado; o reconhecimento real do mundo, a conclusão pessoal de ter desperdiçado os seus primeiros anos e sonhos de juventude em função de uma obsessão.<sup>72</sup> Tudo isto representa o curso do tempo na formação do indivíduo. O romance, neste sentido, oferece numerosos esquemas de solução para tornar

---

intellectual ‘personality’, or cada harmful.” ( *The way of the world. The Bildungsroman in culture european.* ).

<sup>70</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu.*, p. 119.

<sup>71</sup> *Ibid.*, p. 167.

<sup>72</sup> Em David Copperfield, encontraremos uma situação semelhante ao romance de Raul Pompéia, o narrador – Davi adulto – opera a análise dos seus anos de juventude ligada as suas desilusões e decepções: Depois transformou-se numa inconsolável saudade de tudo quanto havia perdido, amor, amizade, interesse, tudo se fora embora, minhas primeiras esperanças, minha primeira afeição, a própria essência de minha vida. Que mais me restava? Um vasto deserto que se estendia ao redor de mim, ininterrupta, até o horizonte perdido. (p. 517). Mas é apenas com a amiga, Inês Wicfield que ele chegará a outra constatação dolorosa dos seus anos de aprendizado: Talvez fossem minorando com o pensamento de que a culpa fora por não haver aproveitado minha juventude, quando tinha todo o futuro diante de mim. Ouvia ainda a voz de minha tia referir-me: Oh! Trot, cego, cego, cego! Hoje teria compreendido melhor esta sua advertência. Esse momento dos anos de aprendizado de David, ou a constatação das “ilusões perdidas”, o incentivará a realizar um outro itinerário, sem objetivo e sem destino, durante o qual o protagonista, acentuando sua melancolia, revela a sua indisposição em voltar à terra natal, e alimentando a possibilidade de operar em si uma mudança propícia, logo ele admitirá que “ao se deixar um sítio familiar, a partida é como o início duma série de mudanças a se ocuparem nesse lugar”. Após três anos

sensível a sua problemática, e no caso específico do romance de educação podemos observar dois planos básicos: o da vida desperdiçada – o caso de *O Ateneu*, e o da vida vitoriosa:

*A característica comum aos dois é que – desde o começo, ou a partir de um dado momento no curso de sua vida – o herói se torna consciente do fato e da importância temporal, organizando em consequência disso o seu destino, ou pelo menos tomando posição crítica a esse respeito.*<sup>73</sup>

Ao considerar os anos de aprendizado na Recherche de Proust, Deleuze salientará as decepções do protagonista. Segundo ele, o herói segue o futuro sem conhecer certas coisas no início, apreende-as progressivamente e tem a revelação final. Inevitavelmente, sofre decepções: acreditava, tinha ilusões; o mundo vacila na corrente do aprendizado, portanto *ser insensível aos signos, considerar o mundo como coisa a ser decifrada é, sem dúvida, um dom. Mas esse dom correria o risco de permanecer oculto em nós mesmos se não tivéssemos os encontros necessários; e esses encontros ficariam sem efeito se não conseguíssemos vencer certas crenças*<sup>74</sup>. E ainda:

*A decepção é um momento fundamental da busca ou do aprendizado em cada campo de signos ficamos decepcionados quando o objeto não nos revela o segredo que esperávamos. E a decepção é pluralista, variável segundo cada linha. Poucas são as coisas não decepcionantes à primeira vez que as vemos, porque a primeira vez é a vez da inexperiência, ainda não somos capazes de distinguir o signo e o objeto: o objeto se interpõe e confunde os signos(...) Como, em cada caso, remediar a decepção? Em cada linha de aprendizado, o herói passa por uma experiência análoga, em momentos diversos: ele se esforça para encontrar uma compensação subjetivista à decepção com relação aos objetos.*<sup>75</sup>

O final brusco de mau romance desenha a imagem do menino mais digno do colégio do Dr. Aristarco, adoentado, solitário e reconhecendo sua vida escolar como uma viagem de desenganos, esforços de tantos dias de perseverança e carinho. Esta suposta conclusão parece servir de exemplo às considerações de Bakhtin sobre o segundo tipo de

---

de viagem, ele volta à terra natal e confessa: *em que base de areia movediça repousou o meu espírito desde o tempo de minha partida até o dia do regresso a minha pátria.* (p. 505)

<sup>73</sup> Cf. Ference FEHÉR. *O romance está morrendo*, p. 100.

<sup>74</sup> Cf. Gilles DELEUZE. *Proust e os signos da memória*, p. 27.

<sup>75</sup> *Ibid.*, p. 34.

romance de educação, o qual consiste em representar a transformação do adolescente idealista e sonhador num adulto sóbrio, prático. Em outras palavras, o seu envolvimento com uma escola *pelas quais todos os homens devem passar para tirar dela um único e mesmo resultado: a sobriedade acompanhada de um grau variável de resignação.*<sup>76</sup>

---

<sup>76</sup> Cf. Mikhail BAKTIN, *Estética da Criação Verbal*, p. 238.

## **O Monopólio da mágoa.**

...A lembrança dessa existência é acompanhada em meu espírito de uma tal dor, de tanto sofrimento moral, de uma ausência de esperança absoluta, que não tive mais coragem de examinar quanto tempo havia durado o meu suplício. Sei somente que aquilo se deu, que não se dará mais e que acabo de aludir ao assunto para nunca mais voltar. (*David Copperfield*, p. 121)

O interesse em destacar a trajetória formativa de Sérgio através da perspectiva do narrador adulto, fixa-se aqui, exclusivamente, na possibilidade de tentar vislumbrar a sua individualidade e o seu caráter. Este vislumbre decorre de um momento duplo, da expressão da interioridade do menino, suas reações, sensações e impressões durante o seu envolvimento com o universo formativo e no ato narrativo propriamente dito.

Denominado pelo narrador como *Crônicas de Saudade*, o sentido da memória em *O Ateneu* importa inicialmente na revelação da interioridade do protagonista em conflito com o universo escolar. Nesse processo movido pelo mundo íntimo do autor<sup>1</sup>, a memória chama à existência o tempo dos anos de aprendizado: *ocasião passageira dos fatos*, ou *funeral para sempre das horas*<sup>2</sup>. Conhecemos Sérgio criança pelo depoimento de Sérgio-adulto, e é este que traduzirá o interior do menino, suas ações e reações diante das mais variadas situações e circunstâncias, e utilizando-se delas mesmas como material fundamental para reconstituição do universo escolar. Assim, quando do seu primeiro contato com os meninos do Ateneu, Sérgio adulto enfatizará seu constrangimento e insegurança infantil diante de um universo desconhecido, registrando o seu novo visual *estréia de calças longas*, e principalmente *sensação de nudez à nuca*<sup>3</sup>

Portanto, é através dos sentimentos do menino que ora reconhecemos o universo escolar, ora reconhecemos o adulto moralista que constantemente deprecia o colégio interno. A alusão à passagem de Nearco da Fonseca, além de revelar um menino ( e um adulto) despeitado, é situação adequada para criticar os atributos de valor daquela sociedade *Ah não sabeis profanos que sois, quanto vale a flexão dos membros superiores*<sup>4</sup> Por outro lado, essa revelação e manifestação das “coisas interiores” do universo escolar também servem para explicar seus métodos e objetivos juvenis para alcançar o ideal de glória. Dessa forma, justifica suas “pálidas” experiências com o homossexualismo, denominando-as *afeição de criança, efeminação mórbida da escola, letargia moral, sexo artificial da fraqueza, fortuita aproximação*.

---

<sup>1</sup> Cf. Antônio CÂNDIDO e outros, *A personagem de ficção*, p. 45.

<sup>2</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 150.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 25.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 90.

A narrativa do período de internato reveste-se, portanto, de um certo “tom confessional”<sup>5</sup>, o que contribui em muito para a compreensão da interioridade de Sérgio criança, como também de Sérgio adulto. Incoerente designá-lo “confissões”, aludindo ou *As Confissões de Santo Agostinho* ou *As Confissões de Rousseau*, mas é evidente a manutenção do “exercício autobiográfico”, sustentado pela necessidade do testemunho, do “balanço” e da confissão, “*visando preservar um capital de recordações, vivências, factos históricos, pessoas, lugares etc.*”<sup>6</sup>

Dentro desse contexto, os anos de aprendizado do menino é por nós reconhecido não como um relatório ou uma informação, mas como uma elaborada *forma artesanal de comunicação*. A narrativa desses anos de colégio interno – o que faz de Sérgio verdadeiro “patrimônio” da comunidade, primeiramente do internato e, logo em seguida, do público leitor – é mergulhada na vida do sujeito formado, ou especificamente, do Sérgio adulto para, em seguida, sair, *assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.*<sup>7</sup> Aqui, define-se o posicionamento de Sérgio ator e Sérgio narrador, este afastado, toma o período de internato daquele como objeto de reflexão autobiográfica.<sup>8</sup>

Cumprе salientar que essa característica peculiar da narrativa, ou seja, a forma encontrada pelo autor para conceber e reelaborar o itinerário do menino, suas circunstâncias, objetos e personagens servem para reforçar o argumento de alguns críticos quanto à consideração de *O Ateneu* como a obra mais significativa do Impressionismo no Brasil, nesse sentido é visível um relato que enfatiza a sucessão de estados emocionais do autor e do protagonista:

*Tudo se mostra através de um temperamento e os objetos enumerados não se apresentam diretamente, mas vistos e sentidos por uma testemunha ocular. A literatura procura captar a impressão no momento exato em que as sensações se transformam em sentimento e a realidade interessa como ponto de partida, a fim de registrar justamente as impressões que desperta.*<sup>9</sup>

<sup>5</sup> Sônia Brayner (1974) já o designou de “romance de cunho confessional”.

<sup>6</sup> Cf. Clara ROCHA, *Máscara de Narciso*, p. 16.

<sup>7</sup> Cf. Walter BENJAMIM, *Magia e técnica, arte e política*, p. 201.

<sup>8</sup> Cf. Ana CABALLÉ, “Figuras de la autobiografía.” In: *Revista de Occidente*, n.º 74-75, p. 107.

<sup>9</sup> Cf. ROGEL SAMUEL.(org.), *Manual de Teoria Literária*, p. 155.

Essa narrativa do período de internato, fundamenta-se naquela obsessão do menino em ser a “Glória do Ateneu”, ou ainda, no terror de manter-se junto *aquela cambadinha indistinta, atormentados nos últimos bancos confundidos na sombra preguiçosa do fundo da sala*<sup>10</sup>. Configura-se, portanto, um sujeito narcisista que se impõe durante o ato narrativo, reforçando sofisticadamente a sua predisposição em manipular agora os leitores como o fazia com os seus queridos pelotões de chumbo e com os seus colegas de internato; e ao exercer a sedução no sentido de angariar a nossa simpatia pela sua *descida ao descrédito escolar*. De outro modo, essa manipulação se sustenta no autêntico discurso do “pobre diabo” e é através dele mesmo que Sérgio adulto nos tenta convencer do seu caráter de pequeno mártir, uma vez que o Ateneu inteiro ignorava os seus sacrifícios e as suas resignações pessoais.

Além disso, está a hipersensibilidade do menino que contagia o próprio ato narrativo, ela mesma conotará o seu período de aprendizado, sua existência e suas experiências de certo valor ( ou de extremo valor) e importância.

Repetição das mesmas crises de solidão e tédio, e o narrador as sente novamente. O “tom confessional” da narrativa é também esse registro de sensações e impressões sobre o universo escolar, assim, rememora as suas frustrações de menino deslumbrado: *Desiludi-me dos bastidores da gloriosa parada*. Nesse tocante, a recordação dos anos de aprendizado, *implica uma lei do destino, uma servidão que liga o eu ao seu passado*.<sup>11</sup>

Um narrador supostamente distanciado dos anos de aprendizado.<sup>12</sup> Um personagem solitário, e um leitor igualmente solitário. Esta parece ser a circunstância

---

<sup>10</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 27.

<sup>11</sup> Cf. Jean STAROBINSKI, *Jean-Jacques Rousseau. A Transparência e o obstáculo*, p.02.

<sup>12</sup> Em seu todo o Ateneu é um mundo isolado e distanciado, e em sua reconstituição nunca pode se assemelhar ao colégio interno do menino deslumbrado: Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (Ecléa BOSI, *Memória e sociedade*, p. 17)

autêntica do processo de criação e leitura de *O Ateneu*, acentuada pela memória individual do narrador. Segundo Walter Benjamin, essa espécie de relato literário (o romance) reforça uma relação cômoda entre leitor e romancista, aquele *um observador localizado numa distância apropriada e num ângulo favorável*. Sérgio se isola durante seus anos de aprendizado, mantém e perpetua tal isolamento durante a narração das suas experiências, e na descrição de sua vida no colégio interno leva o *incomensurável a seus últimos limites*.<sup>13</sup>

Nesse isolamento para recordar, está o narrador a delimitar o seu espaço dentro do colégio interno e a denominar o seu período de internato: *período beato das minhas reminiscências, período sereno da minha vida moral* ou ainda *período de depressão contemplativa*, carregando a idéia fixa de conceber sua trajetória formativa como qualquer coisa “monástica”, como um “sacerdócio” do próprio eu, como “peregrinação” ao deserto. Nesse caso, além de seus comportamentos e atitudes que identificam ter o menino encarnado seriamente a glória do colégio interno, está o narrador adulto a manter essa mesma obsessão através das designações ou denominações de seu período de internato, a “terminologia dos anos de aprendizado”: *pequeno mártir ad majorem gloriam (...)* *o meu religioso papel de submissão e sofrimento (...)* *a minha efeméride religiosa (...)* *vadiação profunda e amolecimento hipnótico com que me pesou a atmosfera do Ateneu (...)* *minha delicadeza moral (...)* *eu emergia forte das provações (...)* *mas a verdade é que me dediquei ao santo empenho de merecer essa exaltação, preparando-me com o tempo*.<sup>14</sup>

Esse “eu”, como centro convergente de toda a narração dos anos de aprendizado, constrói cada um dos elementos que compõem o universo escolar, como também estrutura todo o discurso da narrativa de maneira indireta, e esta constatação, por si só, salienta algumas revelações importantes. Fundamentalmente, o narrador adulto se dispõe como o nosso principal “guia de viagem”; vemos, portanto, aquilo que lhe é conveniente, e o que ele permite ser visto. Dessa forma, a recordação de sua experiência

---

<sup>13</sup> Cf. Walter BENJAMIM, *Magia e técnica, arte e política*, p. 200.

<sup>14</sup> Cf. Raul POMPEIA, *O Ateneu*, p. 58.

pessoal – essa memória como operação da lembrança que acentua alguns componentes em detrimento de outros - cria, sob certa medida, um mundo pessoalíssimo.<sup>15</sup>

As idéias e posições de Rebelo, por exemplo, quanto aos companheiros de internato, nós só as sabemos através desse narrador enfaticamente presente. Somente nesse caso, onde o narrador aproveita-se do depoimento de outro personagem é que a memória deixa de ser individual e passa à coletiva. Mas, mesmo nessa circunstância, prevalece esse eu enfático na recordação e testemunho dos anos de aprendizado, o que parece ser herança do temperamento do próprio autor como já considerou Montenegro.<sup>16</sup>

A operação da lembrança dos anos de aprendizado, por intermédio de uma “escrita íntima”, nada mais é do que a clarificação do posicionamento de um indivíduo num universo que o marginaliza nos “bancos dos fundos”. Nessa luta para fugir do anonimato, o narrador desenvolve sua autobiografia e, perpetua-se novamente a lógica do ver e ser visto. Por essa razão, o eu que sustenta todo um estilo de escrita testemunhal deve pôr-se como o “centro do mundo”, e sustentar todo o universo escolar, *arrumar a casa, e sacralizar o seu universo*, admitindo que *escrever sobre si é procurar reencontrar-se dentro do seu próprio labirinto, ou situar-se no labirinto do mundo*.<sup>17</sup>

De outro modo, essa reconstituição do universo formativo esconde a problemática da existência e da definição do indivíduo formado condenado à existência do Ateneu. O indivíduo “é” somente no Ateneu, e o narrador adulto apenas através de sua “escrita assassina” que deforma e tenta destruir a narração do período de internato, o que denota um certo significado sadomasoquista à evasão.<sup>18</sup> Essa retórica de terror e destruição é uma das principais matéria “lecionadas” no colégio interno, e aquela que Sérgio realmente aprendeu e se especializou. Em *O Ateneu* recordar para deformatar e destruir é prender-se continuamente, e é também limitar-se à própria manifestação e revelação do universo formativo.

Na ênfase do eu e de seus anos de formação está o indivíduo à procura de recursos que possam deixá-lo mais evidente. Dessa forma, desenha os seus companheiros

---

<sup>15</sup> Cf. João PACHECO, *A Literatura Brasileira*, p. 14.

<sup>16</sup> Cf. Olívio MONTENEGRO, *O Romance Brasileiro de 1752 a 1930*, p. 112.

<sup>17</sup> Cf. Clara ROCHA, *Máscaras de Narciso*, p. 54

<sup>18</sup> Cf. Maria Luíza RAMOS, *Estética e Psicologia de Raul Pompéia*, (tese), 1957.

de destino, acrescentando ou suprimindo alguns dos seus atributos físicos ou de personalidade; como também reconstrói, a seu modo, as situações e circunstâncias mais marcantes durante seus dois anos de aprendizado, pretendendo determiná-lo estreitamente: *Era assim o colégio. Que fazer da matolagem dos meus planos?/Onde meter a máquina dos meus ideais naquele mundo de brutalidade (...) qual o meu destino, naquela sociedade...*<sup>19</sup>

E são essas circunstâncias mais marcantes da sua vida escolar que incentivam o autor a elaborar assertivas sobre o mundo, e denominações sobre as várias experiências de mundo:

*Mas a teoria é frágil e adormece como as larvas friorentas, quando a estação obriga.*

*A opinião é um adversário infernal que conta com a cumplicidade, enfim, da própria vítima.*

*O meio, filosofemos, é um ouriço invertido: em vez da explosão divergente dos dardos – uma convergência de pontas ao redor. Através dos embaraços pungentes cumpre descobrir o meato de passagem, ou aceitar a luta desigual da epiderme contra as puas. Em geral, prefere-se o meato.*

*A juventude, entretanto, é a eterna esperança; nós esperamos por uma exibição comprobante.*

*a fuga é a expressão verdadeira da força, e a bravura uma invenção artificial dos que não podem correr.*

*O educador é como a música do futuro que se conhece em um dia para se compreender no outro: a posteridade é que havia de julgar.*<sup>20</sup>

A recordação do período de internato não é apenas a de um processo formativo individual, trata-se da formação, através da reformulação pessoal, de todo o contexto formativo. Um trabalho grandioso e pretensioso o do narrador que, ao mostrar-se através do testemunho e da “confissão”, o faz, também, por intermédio da revelação de todo um universo, mostrando-o em seu todo. É pertinente, ainda, considerar a conceituação de Kayser a respeito de “romance de evolução” (Entwicklungsroman)<sup>21</sup>. Esse tipo de romance, caracterizado pelo forte sentimento de individualidade pessoal,

<sup>19</sup> Cf. Raul. POMPÉIA, *O Ateneu*, p.31.

<sup>20</sup> *Ibid.*, passim.

<sup>21</sup> Cf. Wolfgang KAYSER, *Análise e interpretação da obra literária*, p.403.

contempla com muita nitidez a revelação do mundo, pois só em contato permanente com ele pode dar-se a evolução do protagonista.

Até mesmo a expressão de sua interioridade nos últimos instantes do colégio interno liga-se ou às circunstâncias ou à própria constituição material do colégio interno. Ao capítulo 12 reserva-se, integralmente, a tradução das condições espirituais do menino ao final do seu período de internato. Portanto, as características da música estranha de Louis Moreau Gottschalk, ou a definição a Schopenhauer da música tocada ao piano por D. Ema pelo narrador adulto, são outras considerações a respeito de sua trajetória dentro do colégio interno mas, sobretudo, valem como as próprias “materializações” da agonia de um sujeito desiludido e cético:

*Música estranha, na hora cálida. Devia ser Gottschalk. Aquele esforço agonizante dos sons, lentos, pungidos, angústia deliciosa de extremo gozo em que pode ficar a vida porque fora uma conclusão triunfal. Notas graves, uma, uma; pausas de silêncio e treva em que o instrumento sucumbe e logo um dia claro de renascença, que ilumina o mundo como o momento fantástico do relâmpago, que a escuridão novamente abate...*

*Há reminiscências sonoras que ficam perpétuas, como um eco do passado. Recorda-me, às vezes, o piano, ressurgem-me aquela data.*

*Do fundo repouso caído de convalescente, serenidade extenuada em que nos deixa a febre, infantilizados no enfraquecimento como recomeçar a vida, inermes contra a sensação por um requinte mórbido da sensibilidade - eu aspirava a música como a embriaguez dulcíssima de um perfume funesto; a música envolvia-me num contágio de vibração, como se houvesse nervos no ar. As notas distantes cresciam-me n' alma em ressonância enorme de cisterna; eu sofria, como das palpitações fortes do coração quando o sentimento exarceba-se - a sensualidade dissolvente dos sons.<sup>22</sup>*

Ou:

*Por um acaso da distribuição acústica dos compartimentos da casa, ouvia-se bem, agradavelmente amaciado, o som do piano do salão. A amável senhora, para mandar-me da sua ausência alguma coisa ainda, que acariciasse, que me fosse agradável, traduzia no teclado com a mesma brandura sentida as músicas que sabia cantar. Nenhuma violência de execução. Sentimentos, apenas, sentimento, sucessão melódica de sons profundos, destacados como o dobre, em novembro, dos bronzes; depois, uma enfiada brilhante de lágrimas, colhidas num lago de repouso, final sereno, consolado... efeitos comoventes da música de Schopenhauer; forma sem matéria, turba de espíritos aéreos.<sup>23</sup>*

<sup>22</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 140.

<sup>23</sup> *Ibid.*, p 143.

Além da música para definir o seu estado de espírito, a arquitetura da enfermaria:

*Lasso, sobre os lençóis, em conforto ideal de túmulo, que a vontade morrera, eu deixava martirizar-me o encanto. A imaginação de asas crescidas, fugia solta.*

*E reconhecia visões antigas, no teto da enfermaria, no papel das paredes rosa desmaiado, cor própria, enferma e palejante... Aquele rosto branco, cabelos de ondina, abertos ao meio, desatados, negríssimos, desatados para os ombros, a adorada dos sete anos que me tivera uma estrofe, paródia de um almanaque, valha a verdade, e que lhe fora entregue, sangrento escárnio! Pelo próprio noivo; outra igualmente clara, a pequenina, a morta, que eu prezara tanto, cuja existência fora do mundo como o revoar das roupas que os sonhos levam, como a frase fugitiva de um hino de anjos que o azul embebe...*

*Outras lembranças confusas, precipitadas, mutações macias, incansáveis de nuvens, enlevando com a tonteira da elevação; lisas escapadas por um plano oblíquo de vôo, oscilação de prodigioso aeróstato, serena, em plena atmosfera...*

*Panoramas completos, uma partida, abraços, lágrimas, o steamer preto, sobre a água esmeralda, inquieta e sem fundo, a gradezinha de cordas brancas cercando a popa, os salva-vidas como grandes colares achatados, cabos que se perdiam para cima, correntes que se dissolviam na espessura vítrea do mar; a câmara dourada, baixa, sufocante, o torvelinho dos que se acomodam para ficar, dos que se apressam para descer aos escalares...<sup>24</sup>*

Desse modo, tornar a alma do menino acessível aos leitores é, necessariamente, tornar acessíveis todos os mecanismos sociais e psicológicos, todos os outros personagens, todos os ambientes onde ele circula, bem como todas as circunstâncias por ele vividas. Em suma, todas as forças operantes na função de formá-la. Portanto, no ato da “confissão” e do testemunho do período de internato, fala sobre si e simultaneamente sobre o contexto circundante. Para si mesmo estão os mecanismos de expiação, justificação e auto-justificação, para os outros o julgamento, o desdém, a ironia e a sátira. No entanto, segundo Walter Benjamim, o romance de formação é a narração que mais se aproxima da estrutura fundamental do romance: a do indivíduo isolado, *que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos e nem sabe dá-los.*<sup>25</sup>

<sup>24</sup> Cf. Raul POMPÉIA, *O Ateneu*, p. 191-2

<sup>25</sup> Cf. Walter BENJAMIM, *Magia e técnica, arte e política*, p. 201.

## **BIBLIOGRAFIA:**

POMPÉIA, Raul. Obras I. Novelas. RJ, Civilização Brasileira/ OLAC/FENAME, 1982.

\_\_\_\_\_ Obras. Canções sem metro. Idem, ibidem.

\_\_\_\_\_ Obras. Escritos políticos. Idem, ibidem.

\_\_\_\_\_ O Ateneu (Notas de rodapé, introdução e suplemento de trabalho de Zenir Campos Reis) SP, Ática, 1977.

\_\_\_\_\_ O Ateneu. SP, Abril, 1981.

### **Bibliografia Sobre Raul Pompéia:**

ABREU, J. Capistrano de. Correspondência de Capistrano de Abreu. RJ, INL, 1954-56,  
Vol.3.

AMORA, Antônio. S. História da Literatura Brasileira. SP, Saraiva, 1960.

ANDRADE, Mário de. "O Ateneu". In: Aspectos da literatura brasileira. SP, Martins,  
1973.

ARARIPE JR., Tristão de Alencar. Teoria crítica e história literária. Seleção e  
apresentação de Alfredo Bosi, RJ, SP, LTC/EDUSP. 1978.

ÁRTICO, Durval. L'Enfant de Jules Vallés e O Ateneu de Raul Pompéia: Do foco  
narrativo à crítica social. SP., USP, (tese), 1983.

BOAVENTURA, Maria Eugênia e LEVIN, Messer Orna. (org.) Remate de Males. Revista  
do Departamento de Teoria Literária, Campinas, UNICAMP, 1995. Vol. 15, nº 5

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira, SP, Cultrix, 1970.

\_\_\_\_\_ "O Ateneu, opacidade e destruição". In: Céu, Inferno. SP, Ática, 1988.

BRAYNER, Sônia Labirinto do espaço romanesco. RJ, Civilização Brasileira, 1974.

BROCA, Brito. Raul Pompéia. SP, Edições melhoramentos, s/d.

CÂNDIDO, A., e CASTELO, J. A. ed. Presença da literatura brasileira. SP, Difel, 1984,  
Vol.2.

CARPEAUX, Otto Maria. "Raul Pompéia". In: Pequena bibliografia crítica da literatura Brasileira. RJ., Ed. De Ouro, s/d.

GOMES, Eugênio. "O lado marcial de Pompéia." In: Visões e Revisões. RJ, INL/MEC,  
1958.

\_\_\_\_\_ "Pompéia e a métrica." Idem, ibidem.

\_\_\_\_\_ "Pompéia e a eloquência." Idem, ibidem.

\_\_\_\_\_ "A sátira da oratória n' O Ateneu." Idem, ibidem.

\_\_\_\_\_ "Pompéia e a natureza." Idem, ibidem.

\_\_\_\_\_ "Raul Pompéia." In: COUTINHO, Afrânio. (org.) A literatura no Brasil.  
Sulamericana, 1969. Vol. 3.

GRIECO, Agripino. "De Júlio Ribeiro a Raul Pompéia", In: Evolução da Prosa Brasileira.  
RJ, José Olympio, 1974.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. "Nota sobre o romance". In: Cobra de vidro. SP,  
Perspectiva, 1974.

IVO, Lêdo. O universo poético de Raul Pompéia. RJ, Livraria São José, 1963.

\_\_\_\_\_ "Raul Pompéia: o desastre universal". In: Teoria e Celebração. SP, Duas  
Cidades, 1976.

JUBRAN, Clélia C.A. S. A poética narrativa de O Ateneu. SP, USP, ( tese), 1980.

MASSAUD MOISÉS. "Raul Pompéia". In: História da literatura brasileira. SP, Cultrix/  
EDUSP, 1984. Vol.2.

- MENEZES, Djacir. A evolução do pensamento literário no Brasil. RJ, Simões, 1954.
- MERQUIOR, José G. De Anchieta a Euclides. RJ, José Olympio, 1977.
- MIGUEL-Pereira, Lúcia. “Raul Pompéia” In: Prosa de ficção. RJ, José Olympio, 1973.
- MILLIET, Sérgio. Diário crítico. SP, Martins Fontes, 1953. Vol.7
- MONTENEGRO, Olívio. “Raul Pompéia”. In: O romance brasileiro de 1752 a 1930. RJ, José Olympio, 1953.
- MORAES, Carlos Dante. Realidade e Ficção. RJ, Ministério da Educação e Cultura. Serviço De documentação, 1952, p. 25-43.
- OLÍVIO, Rodrigo. Minhas memórias dos outros. RJ, Civilização Brasileira/ MEC, 1978.
- PACHECO, João. O Realismo. SP, CULTRIX, 1963.
- PAES, José Paulo e Massaud Moisés (org.) Pequeno dicionário de literatura brasileira. SP, Cultrix, 1967.
- PAES, J. P. Gregos e Baianos. SP, Brasiliense, 1985
- PASTA JÚNIOR, José Antônio. POMPEIA. A metafísica ruínosa d’ O Ateneu. SP. USP, (tese), 1991.
- PERRONE-Moisés, Leyla (org). O Ateneu: retórica e paixão. SP, Brasiliense, 1988.
- PONTES, Elói. A vida inquieta de Raul Pompéia. RJ, José Olympio, 1935.
- RAMOS, Maria Luiza. Psicologia e estética de Raul Pompéia. Belo Horizonte. Universidade Federal de Minas Gerais (tese), 1957.
- REGO, José Lins do. “Raul Pompéia”, In: Dias idos e vividos. RJ, Nova Fronteira, 1981.
- RIBEIRO, João. Crítica. RJ, ABL, 1959. Vol.3.
- ROMERO, Sílvio. História da Literatura brasileira. RJ, José Olympio/ INL/ MEC, 1980.
- SANTIAGO, Silviano. “ O Ateneu: contradições e perquirições”. In: Uma literatura nos

trópicos. SP, Perspectiva, 1978.

SCHMIDT, Afonso. O Canudo. SP. Clube do Livro, 1963.

SCHWARZ, Roberto A sereia e o desconfiado. RJ, Civilização Brasileira, 1965.

SODRÉ, Nelson W. História da literatura brasileira. RJ, Civilização Brasileira, 1976.

SÜSSEKIND, Flora. Cinematógrafo de Letras. SP, Companhia das Letras, 1987.

VERÍSSIMO, José. História da literatura brasileira. RJ, José Olympio, 1954.

### **Bibliografia sobre Bildungsroman**

BAKHTIN, Mikhail. “O romance de educação na história do realismo.” In: Estética da Criação Verbal. Trad. Maria Ermantina G. G. Pereira. SP, Martins Fontes, 1992.

BOLLE, Willi. “A idéia de Formação na Modernidade”. In: GUIRALDELLI JR., PAULO (Org.): INFÂNCIA, ESCOLA E MODERNIDADE. SP, Cortez, CTBA, EDUFPR, 1997.

CITATI, Pietro. Goethe. Trad. Rosa Freire d’ Aguiar. SP. Companhia das Letras, 1996.

Dictionarie Historique, Thématique et technique des Littératures. Littératures Française et Étrangères anciennes et modernes. Sous la direction de Jacques Demougin., Paris, Librairie Larousse, 1985. Vol.1

DINARDO MAAS, Wilma Patrícia Marzari. O Bildungsroman ( romance de formação) como manifestação discursiva. SP, USP, (tese), 1996.

Sobre a criação e circulação do termo Bildungsroman. IV Congresso da ABRALIC – Literatura e diferença, s/d.

FEHÉR, Ference. O romance está morrendo? RJ., Paz e Terra, 1997.

JAMESON, Frederic. “De la sustitucion de importaciones literarias y culturales en el Tercer Mundo: el caso del testimonio”. In: Revista de critica Literaria latinoamerican

Trad. Ana Maria del Rio e Jonh Beverly. Lima. nº 36, ano 18, 2 semestre de 1992, 177-233.

JOST, François. "La Tradition du Bildungsroman". In: Comparative Literature. Vol.11, n. 2, p. 97-115.

LUKÁCS, G. "Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister". In A teoria do romance. Lisboa, Presença, s/d.

\_\_\_\_\_ idem. In: Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister. 2ª ed. Trad. Nicolino Simone Neto. SP, Ensaio, 1996.

MAZZARI, Marcus Vinicius. "Die Blechtromel" como paródia do romance de formação alemão". In: A representação da história no romance. "Die Blechtromel", de Günter Grass, SP, USP, (dissertação), 1988/ datilografado.

MOISÉS, M. Dicionário de Termos Literários. 2ª ed. SP, Cultrix, 1978.

MORETTI, Franco. The way of the world: the Bildungsroman in the european culture. London, Verso, 1987.

PINTO, C. F. O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros. SP, Perspectiva, 1990.

SULEIMAN, S. "La structure d'apprentissage. Bildungsroman et Roman à these" .In: Poétique 2ª ed. ,1979. Vol. 37, p. 24-42.

VOBKAMP, W. "La Bildung dans la tradition de la pensée utopique". In: Philologique I. Paris, Ed. De la Maison des Sciences de l'Homme, 1990, p. 43-45.

### **Bibliografia Geral:**

ABBOTT, H. Porter. "Autobiography, Autography, fiction: Groundwork for a Taxonomy of Textual Categories". In: New Literary History. U.S.A, Vol 19, nº. 3., 1988.

- AGUIAR e SILVA, V. M. Teoria da literatura. Coimbra, Almedina, 1969.
- ARIÉS, Philippe. História social da criança e da família, SP, 1991.
- ASSIS, Machado. Dom Casmurro. SP, Editora Epigraf S. A., s/d.
- AUERBACH, Erich. Mimesis. A representação da Realidade na Literatura Ocidental. SP, Perspectiva, 1971.
- AZEVEDO, Fernando. “As origens das instituições escolares”. In: A Cultura Brasileira. 2ª ed. SP, Companhia Editorial Nacional, 1944.
- BECKER, Daniel. O que é adolescência. 1ª ed. SP, Brasiliense, 1986.
- BENJAMIM, Walter. A criança, o brinquedo e a educação, Summus editorial, s/d.
- \_\_\_\_\_ O narrador. Considerações sobre a obra de NiKolai Leskov. In: Magia e técnica, arte e política. SP, Brasiliense, 1985.
- BOSI, Ecléa. “Memória-sonho e memória-trabalho.” In: Memória e Sociedade – lembrança de velhos. SP, EDUSP, s/d.
- BUTOR, Michel. “O romance e sua técnica”. In: Repertório. SP, Perspectiva, 1974.
- CABALLÉ, Anna. “Figuras de la autobiografia”. In: Revista de Occidente. Madrid. Julho-Agosto 1987, n.74-5.
- CÂNDIDO, Antônio. Formação da Literatura Brasileira. 6ª ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1981. 2 Vol
- CÂNDIDO, Antônio e outros. A personagem de ficção. SP, Perspectiva, 1976.
- CARVALHO, José M. de A formação das almas. SP, Companhia das Letras.
- COLLETT, Alan. “Literature, fiction and autobiography”. In: The British journal of aesthetics, Vol. 29, nº 4, 1989.
- CORREIA, Mariza. (org.) “Repensando a Família Patriarcal Brasileira.” In: Colcha de

- Retalhos. Campinas, Editora da UNICAMP, 1983.
- COUTINHO, Afrânio. Introdução à Literatura no Brasil. 6<sup>a</sup> ed. RJ, Ed. Distr. De Livros Escolares Ltda., 1970.
- DEFOE, Daniel. Robison Crusoe. SP,RJ, Porto Alegre. W. M. Jackson INC Editores, s/d.  
Vol.1
- DELEUZE, Gilles. Proust e os signos. Trad. Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado.  
RJ, Forense-universitária.
- DEMAUSE, Lloyd. Historia de la infancia. Madrid, Alianza Editorial, 1974.
- DICKENS, Charles. David Copperfield. Trad. Costa Neves. Coleção Universidade de Bolso. Ediouro, s/d.
- EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura. SP, Martins Fontes, 1983.
- FÁBIO LUCAS. Do Barroco ao Moderno. SP, Ática, 1989.
- FLAUBERT, Gustave. Educação Sentimental. Trad. Araújo Alves. Clássicos de bolso, s/d.
- FORRACCHI, Marialice M. A juventude na sociedade moderna. SP, USP. (tese), 1970.
- FORSTER, E. M. Aspectos do romance. Porto Alegre, Globo, 1969.
- GENETTE, Gérard. Figuras. SP, Perspectiva, 1972.
- GERHART, M. "The Dilemma of the text. How to 'belong' to a genre". Poetics, Vol.18, p. 355-373, 1989.
- GILLIS, John R. "Boys will Be Boys: Discovery of Adolescence, 1870-1900." In: Youth and History. London, Academic Press, s/d.
- GOETHE, Johann W. Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister. Trad. Nicolino Simone Neto. 2<sup>a</sup> ed. Ensaio editora, 1996.

- HAIDAR, Maria de Lourdes Mariotto. "A iniciativa particular e a Liberdade de ensino."  
In: O Ensino secundário no Império Brasileiro. SP, EDUSP, 1972.
- HANS J. Morgenthau e Ethel Person. "As raízes do Narcisismo", In: Diálogo. RJ. Vol  
14, nº 1. s/d.
- HAUSER, A. "Naturalismo e Impressionismo". In: História social da Literatura e da arte.  
Trad. Álvaro Cabral. SP, Martins Fontes, 1995.
- KAYSER, W. Análise e interpretação da obra literária. Coimbra, Amado, 1968. 2. Vol.
- LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude. (org). História dos jovens. Da Antiguidade à  
Era Moderna. SP, Companhia das Letras, 1996.
- LIMA, L. C. A questão dos gêneros. In: Teoria Literária em suas fontes. RJ, Francisco  
Alves, 1983.
- LINS, Álvaro. "Biografia e Autenticidade". In: O relógio e o quadrante. 1ª ed. RJ, Editora  
Civilização Brasileira S/A.
- LITRENTO, Oliveiros. Apresentação da Literatura Brasileira. Biblioteca do Exército.  
Editora Forense Universitária, 1970.
- LUKÁCS, G. A teoria do romance. Lisboa, Presença, s/d.
- MANN, Thomas. A Montanha Mágica. Trad. Hebert Caro. RJ, Nova Fronteira, s/d.
- MANNHEIM, Karl. "O problema da juventude na sociedade moderna." In: Diagnóstico  
de Nosso tempo. RJ, Zahar editores. s/d.
- MEYER, Marlyse. "O Folhetim no Brasil". In: Folhetim – uma história. SP, Companhia  
das Letras, s/d.
- MUSIL, Robert. O jovem Törless. RJ, Nova Fronteira, 1981.
- NUNES, Benedito. O tempo na narrativa. SP, Ática, 1988. (Série Fundamentos).

- OLNEY, James. "Memory and the narrative Imperative: St. Augustine and Samuel Beckett". In: New Literary History. Vol. 24, nº 4, 1993.
- POUILLON, J. O tempo no romance. SP, Cultrix/ EDUSP, 1946.
- PROENÇA, Domício. Estilos de Época na Literatura. 15ª ed. SP. Ática, s/d.
- REGO, José Lins. Menino de Engenho. RJ, José Olympio, 1980.
- \_\_\_\_\_. Doidinho. RJ, José Olympio, 1980.
- ROBERT, Marthe. Novela de los origenes y origenes de la Novela. Madrid, Taurus.
- ROCHA, Clara. "A explosão intimista na época contemporâneo." In: Máscaras de Narciso. Coimbra, 1992.
- SAGRERA, Martín. "La discriminacion universal por la edad." In: El Edadismo. Madrid. Editorial Fundamentos, s/d.
- SPEYER, W. S. Jonas. Problemas da Formação Humana. Assis - SP. Publicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, MCMLX.
- SPICER, Pablo Juan. "Dom Segundo Sombra. En busca del 'outro'". In: Revista de critica literaria Latinoamericana. Lima, nº 38, p 361-373, 1993.
- STAROBINSKI, Jean. Os problemas da autobiografia. In: transparência e o obstáculo. Trad. Maria Lúcia Machado. SP, Companhia das Letras.
- VICENTE ATAÍDE. A narrativa de ficção. 3ª ed., SP, Editora McGraw-Hill do Brasil, s/d.
- WATT, I. A ascensão do romance. SP, Companhia das Letras, 1990.
- WELLEK, R. e Warren, A. A Teoria da literatura. SP, Publicações, s/d.

Abstract:

This work analyses *O Ateneu* based on the traditional acception of Bildungsroman (formation romance), whose paradigm is *The Years of Apprenticeship of Wilhelm Meister* (Goethe). This type of romance stands out the human improvement and has been considered as a literary genre.

The term Bildungsroman was incorporated into brazilian lexis by massaud Moisés in *Dicionário de Termos Literários*, which defines it as a narrative which deals with the characters experiences lived during the education or the formation yaers. Fábio Lucas recognizes *O Ateneu* as formation romance with a great national expression.

As a narrativa program, the Bildungsroman considers the hero longing for teh formation, the substitution of partenal home into the formative universe, the meeting with tutors and the formative path of the protagonist as a way of understanding and emphasiging its formation and development.

Thus, this work has the objective to understand the character of child Sérgio and, at the same lime, to ty to construct adult Sérgio character. In this attempt, it also emphasizes the idea of the *Ateneu* incorporates intrinsically formation and deformation.

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE